

**UFRRJ**

**INSTITUTO DE AGRONOMIA/INSTITUTO  
MULTIDISCIPLINAR**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
GEOGRAFIA  
ESPAÇO, QUESTÕES AMBIENTAIS E FORMAÇÃO  
EM GEOGRAFIA**

**DISSERTAÇÃO**

**A identidade do lugar: as percepções dos estudantes  
do Ensino Fundamental sobre o município de  
Belford Roxo, RJ**

**Tamires Gonçalves Santana**

**2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE AGRONOMIA/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
ESPAÇO, QUESTÕES AMBIENTAIS E FORMAÇÃO EM  
GEOGRAFIA**

**A IDENTIDADE DO LUGAR: AS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES  
DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE O MUNICÍPIO DE BELFORD  
ROXO, RJ**

**TAMIRES GONÇALVES SANTANA**

*Sob a Orientação da Professora*  
**Cristiane Cardoso**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau em **Mestre em Ensino de Geografia**, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração em Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia

Seropédica, RJ  
Dezembro de 2018

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)

S231i Santana, Tamires Gonçalves , 1988 A IDENTIDADE DO LUGAR:as percepções dos estudantes do Ensino Fundamental sobre o município de Belford Roxo, RJ / Tamires Gonçalves Santana. - 2018.  
89 f.

Orientadora: Cristiane Cardoso.  
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA ESPAÇO, QUESTÕES AMBIENTAIS E FORMAÇÃO EM GEOGRAFIA, 2018.

1. Identidade e Lugar. I. Cardoso, Cristiane, 1977 , orient. II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA ESPAÇO, QUESTÕES AMBIENTAIS E FORMAÇÃO EM GEOGRAFIA III. Título.

*“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.*

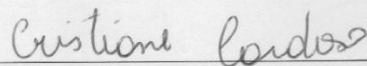
*“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001”.*

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE AGRONOMIA / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TAMIRES GONÇALVES SANTANA

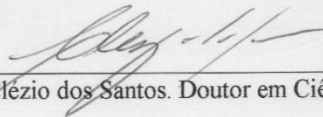
Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Geografia**, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 12/12/2018



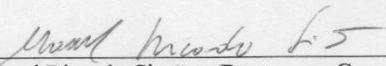
---

Cristiane Cardoso. Doutora em Geografia. UFRRJ.  
(Orientador)



---

Clézio dos Santos. Doutor em Ciências. UFRRJ.



---

Manoel Ricardo Simões. Doutor em Geografia. IFRJ

## DEDICATÓRIA

Dedico ao meu avô, Pedro José Gonçalves (*in memoriam*), por todo o carinho, dedicação e exemplos que foram dados a mim ao longo de sua vida.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Deus. Palavras não são suficientes para demonstrar o tamanho da minha gratidão. Porque Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas.

Ao meu amado esposo, Igor. Sou eternamente grata a Deus por ter me dado uma pessoa tão especial, um companheiro para todas as horas, que me apoia em todos os momentos e compreende minhas faltas.

Aos meus filhos, Heitor e Mariana, amores da minha vida, aos quais eu privei de minha presença em algumas etapas importantes da vida, mas que são minha fonte de inspiração para continuar prosseguindo.

Ao meu pai, Silas, e minha mãe, Maria José, que são meu porto seguro, e que sempre me incentivaram, me deram apoio e se orgulharam de mim.

À minha irmã, Tatiane, minha grande amiga, pela força e companheirismo.

A toda a minha família: meus avós, tios, primos, cunhados, sogros e amigos que sempre me incentivaram e acreditaram em meu potencial, em especial minha tia Betânia e minha prima Rayane, que sempre se dispuseram a ajudar com as tarefas de casa e com o cuidado com as crianças.

Às minhas colegas da linha de ensino, Daiala, Taís, Marcia e Paula, pelo incentivo nos momentos em que a única coisa em que eu pensava era desistir.

À minha amiga, Camila, companheira desde a graduação, pelas inúmeras madrugadas virtuais discutindo e contribuindo para a pesquisa.

Gratidão eterna à minha orientadora, Cristiane Cardoso, pelo companheirismo em mais um trabalho. Muito obrigada pelo incentivo e dedicação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, que compartilharam conosco seus conhecimentos.

Aos estudantes e gestores do Centro Educacional Elion, que tanto contribuíram para esta pesquisa.

À banca examinadora, pelo aceite do convite. Sem vocês, não seria possível a concretização deste sonho.

## RESUMO

SANTANA, Tamires Gonçalves. **A identidade do lugar: as percepções dos estudantes do Ensino Fundamental sobre o município de Belford Roxo, RJ.** 2018. 91p. Dissertação (Mestrado em Geografia, Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia). Instituto de Agronomia/Instituto Multidisciplinar, Departamento de Geografia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

O conceito de lugar é importante para o estudo da realidade imediata dos alunos e da escola, sobretudo, da disciplina de geografia, que tem um papel crucial no estudo deste conceito. A pesquisa tem como objetivo geral analisar como o conceito de lugar auxilia na construção da identidade dos estudantes do Ensino Fundamental em Belford Roxo, RJ. Em termos de metodologia, partiu-se do estudo de caso, que investiga de forma particular uma determinada situação. A pesquisa foi realizada com uma turma de 6º ano de escolaridade do Ensino Fundamental, do Centro Educacional Elion, escola que fica localizada no município de Belford Roxo. As bases teóricas e metodológicas dessa investigação seguiram os princípios da pesquisa qualitativa, com o levantamento bibliográfico pautado em Tuan, Leite, Carlos, Cavalcanti, Brasil, Cardoso, Lefebvre, Woodward, Silva, Hall, André, Lüdke, Deus, Cunha, Maciel, Chizzotti, Magalhães et al., Matain e Simões. Para perceber o sentimento de pertencimento dos estudantes ao município de Belford Roxo, foram realizadas oficinas pedagógicas com as temáticas voltadas para o município estudado. Os dados coletados nas oficinas e a relação destes com o referencial teórico foram cruciais para compreender a identidade que os estudantes têm com relação ao município de Belford Roxo. De acordo com os resultados obtidos, notou-se a dificuldade dos estudantes em reconhecer o município como um lugar de pertencimento; a maioria retratou a cidade como um local extremamente violento e com poucas áreas de interesse. Após as oficinas, houve mudanças significativas nesses tipos de pensamento, e os alunos passaram a observar mais atentamente o município, percebendo também suas potencialidades e áreas de lazer.

**Palavras-chave:** Lugar. Identidade. Ensino de Geografia.

## ABSTRACT

SANTANA, Tamires Gonçalves. **The identity of the place: perceptions from Elementary School students about the municipality of Belford Roxo, RJ.** 2018. 91p. Dissertação (Mestrado em Geografia, Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia). Instituto de Agronomia/Instituto Multidisciplinar, Departamento de Geografia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

The concept of place is important for the study of immediate student's reality and of the school, and especially of the Geography subject, which has a crucial role in the study of this concept. The research has as general objective to analyze how the concept of place helps in the construction of Elementary School students' identity in Belford Roxo, RJ. In terms of methods, it started with the case study, which investigates in a specific form a determined situation. The research was carried out with a 6th grade group of Elementary School, from Centro Educacional Elion, a school located in the municipality of Belford Roxo. The theoretical and methodological basis of this investigation followed the principles of qualitative research, with the literature review guided by Tuan, Leite, Carlos, Cavalcanti, Cardoso, Lefebvre, Woodward, Silva, Hall, André, Lüdke, Deus, Cunha, Maciel, Chizzotti, Magalhães et al., Matain and Simões. In order to understand the sense of belonging the students have with the municipality of Belford Roxo, pedagogical workshops were carried out with the agenda focused on the studied municipality. The data collected in the workshops and the relation of these with the theoretical reference were crucial to understand the identity that the students have with the municipality of Belford Roxo. According to the results obtained, it was observed the difficulty of the students in recognizing the municipality as a place of belonging; most of them portrayed the city as an extremely violent place with few areas of interest. After the workshops, there were deep changes on their thoughts and the students began to look more closely at the municipality, and also realizing its potential and its leisure areas.

**Key words:** Place. Identity. Geography teaching.



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Demonstração – Conceitos/Autores	11
Tabela 2 – Conteúdo de Geografia – BNCC	26
Tabela 3 – Número de profissionais do Centro Educacional Elion	40
Tabela 4 – Instalações do Centro Educacional Elion	40
Tabela 5 – Equipamentos disponíveis para uso do professor	40
Tabela 6 – Alunos pesquisados por faixa etária	41

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Eixos Temáticos – PCNs – Geografia	25
Quadro 2 – Objetivos – PCNs – Geografia	25
Quadro 3 – Hino do município de Belford Roxo (antigo/atual)	36

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização do município de Belford Roxo	30
Figura 2 – Imagem do antigo pórtico	33
Figura 3 – Imagem do pórtico atual	34
Figura 4 – Imagem da demolição do antigo pórtico de entrada da cidade	34
Figura 5 – Brasão da Cidade (antigo/atual)	35
Figura 6 – Localização do bairro Jardim Xavantes no município de Belford Roxo	38
Figura 7 – Fachada da escola pesquisada	39
Figura 8 – Desenho representativo do município pelo Estudante 1	44
Figura 9 – Desenho representativo do município pelo Estudante 3	44
Figura 10 – Desenho representativo do município pelo Estudante 4	45
Figura 11 – Desenho representativo do município pelo Estudante 5	46
Figura 12 – Desenho representativo do município pelo Estudante 15	46
Figura 13 – Desenho representativo do município pelo Estudante 6	47
Figura 14 – Desenho representativo do município pelo Estudante 7	48
Figura 15 – Desenho representativo do município pelo Estudante 9	48
Figura 16 – Desenho representativo do município pelo Estudante 10	49
Figura 17 – Mapa do município de Belford Roxo	50
Figura 18 – Alunos participando da oficina 2	50
Figura 19 – <i>Folder</i> de divulgação da Secretaria Municipal de Turismo (frente)	52
Figura 20 – <i>Folder</i> de divulgação da Secretaria Municipal de Turismo (verso)	52
Figura 21 – Instituto de Arqueologia Brasileira	53
Figura 22 – Lago do Recantus	53
Figura 23 – Igreja Nossa Senhora da Conceição	54
Figura 24 – Entrada da Fazenda do Brejo	54
Figura 25 – Bica da Mulata	55
Figura 26 – Espaço de lazer do Estudante 2	56
Figura 27 – Espaço de lazer do Estudante 12	56
Figura 28 – Espaço de lazer do Estudante 3	57

<b>Figura 29 – Espaço de lazer do Estudante 6</b>	57
<b>Figura 30 – Espaço de lazer do Estudante 10</b>	58
<b>Figura 31 – Desenho representativo do município pelo Estudante 2</b>	60
<b>Figura 32 – Desenho representativo do município pelo Estudante 4</b>	60
<b>Figura 33 – Desenho representativo do município pelo Estudante 10</b>	61
<b>Figura 34 – Desenho representativo do município pelo Estudante 12</b>	61
<b>Figura 35 – Desenho representativo do município pelo Estudante 1</b>	62
<b>Figura 36 – Desenho representativo do município pelo Estudante 3</b>	62
<b>Figura 37 – Desenho representativo do município pelo Estudante 7</b>	63
<b>Figura 38 – Desenho representativo do município pelo Estudante 9</b>	63

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	1
<b>CAPÍTULO I: O CAMINHO DA PESQUISA: O ESTUDO DE CASO COMO MÉTODO DE PESQUISA</b>	7
1.1 Estudo de Caso: Método da Pesquisa	7
1.2 Etapas da Pesquisa	10
<b>CAPÍTULO II: OS CONCEITOS DE LUGAR E IDENTIDADE NO ENSINO DE GEOGRAFIA</b>	13
2.1 O Conceito de Lugar: da Ciência Geográfica ao Ensino de Geografia	13
2.2 A Identidade no Ensino da Geografia	20
2.3 Lugar e Identidade nos Documentos Oficiais da Educação	23
<b>CAPÍTULO III: “DO VELHO BREJO AO NOVO TEMPO”: O MUNICÍPIO DE BELFORD ROXO NA VISÃO DOS ALUNOS DO CENTRO EDUCACIONAL ELION</b>	29
3.1 O Município de Belford Roxo	29
3.2 O Centro Educacional Elion	37
3.3 Perfil dos Alunos Pesquisados	41
3.4 Oficinas Pedagógicas Realizadas no Centro Educacional Elion	41
3.4.1 Oficina 1: O conceito de lugar e o lugar onde eu moro	42
3.4.2 Oficina 2: Conhecendo o município de Belford Roxo e seus símbolos	49
3.4.3 Oficina 3: Espaços de lazer no município de Belford Roxo	51
3.4.4 Aplicação do questionário final	58
3.4.5 Análise das oficinas	64
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	67
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	69
<b>APÊNDICES</b>	72
A	72
B	75
C	76
D	77
E	78
F	79



## INTRODUÇÃO

A Baixada Fluminense, lugar por muito tempo renegado no cenário político por conta de suas especificidades sociais e físicas, sempre sofreu cotidianamente com inúmeros problemas socioambientais, como enchentes, inundações, desemprego, pobreza, miséria, falta de saneamento básico, violência, insegurança, entre outros. Entretanto, a região tem se destacado como *locus* de pesquisa de trabalhos científicos em diversas áreas de conhecimento, que têm se proposto a estudar suas peculiaridades regionais e suas relações socioespaciais, principalmente após a instalação do *campus* da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro em Nova Iguaçu.

A experiência de lecionar na Baixada Fluminense inicia-se no ano de 2008, ainda como docente das séries iniciais do Ensino Fundamental. Todavia, a preocupação para que o discente fosse conhecedor da sua própria realidade foi o que deu suporte para que essa pesquisa fosse realizada. Entre os anos de 2010 e 2014, ainda na graduação, a participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) abriu os horizontes para que essa preocupação se tornasse uma solução, a partir da intervenção em escolas do município de Nova Iguaçu, buscando sempre trabalhar com a identidade do aluno como morador da Baixada Fluminense. Nesse período, foram produzidas, no âmbito do programa, pesquisas relevantes sobre essa realidade, bem como de que forma as escolas da Baixada poderiam trabalhar com essas questões.

Com o término da graduação e com a volta para a sala de aula, como professora, agora mais precisamente no município de Belford Roxo, surge novamente essa preocupação. Os desafios de se trabalhar com a identidade do aluno no município de Belford Roxo são grandes, no entanto, faz parte do processo educativo, e é imprescindível essa construção identitária.

A presente pesquisa, intitulada *A identidade do lugar: as percepções dos estudantes do Ensino Fundamental sobre o município de Belford Roxo, RJ*, tem como objetivo principal compreender a percepção que os estudantes do 6º ano de escolaridade do Ensino Fundamental do segundo segmento do Centro Educacional Elion apresentam em relação à identidade com o município, e como o conceito de lugar pode colaborar com o desvelamento dessas questões. Na Geografia escolar, esse conceito é trabalhado a partir das relações cotidianas, uma vez que os alunos precisam ter o conhecimento sobre o seu bairro e sua cidade para a compreensão do espaço geográfico. O conceito de lugar é parte do conteúdo sugerido para o Ensino Fundamental. Partindo do conhecimento de alguns conceitos básicos da geografia para se entender o espaço geográfico, o aluno tem em sua matriz curricular para o 6º ano de escolaridade esse conceito, que se apresenta como crucial para o entendimento dos seus espaços de vivência, onde o mesmo desenvolve o seu dia a dia, seus laços afetivos e constrói sua identidade.

Optou-se pela realidade do município de Belford Roxo, localizado na Baixada Fluminense, carregado de um estereótipo de lugar pobre, violento e atrasado, pois apresenta precariedade em sua infraestrutura, com escassez de serviços básicos para a população, como saneamento, saúde, segurança, emprego e educação. No ano de 2018, o aumento da violência se alastrou assustadoramente sobre o município, o que só acentuou o estigma de lugar violento.<sup>1</sup> Pode-se colocar em pauta inúmeras questões sobre o município, pois percebe-se que, ao longo

---

<sup>1</sup> Notícias sobre o aumento da violência no município de Belford Roxo em 2018. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/videos/t/todos-os-videos/v/violencia-explode-em-belford-roxo-com-bandidos-exibindo-armas-pelas-ruas/6633026/> e <https://noticiasdebelfordroxo.blogspot.com/2018/04/violencia-ao-extremo-em-belford-roxo.html>. Acesso em: 28 de abril de 2018.

da história, foi insuficiente o esforço político para que houvesse uma melhoria tanto nos aspectos sociais quanto nos econômicos e políticos da cidade.

O município de Belford Roxo está localizado na Baixada Fluminense, situado no estado do Rio de Janeiro. Possui 141 bairros e se encontra às margens da BR-116 (Presidente Dutra), uma das principais rodovias do país, que liga o Rio de Janeiro à São Paulo. Segundo dados do Censo do IBGE 2010, o município apresenta uma população de 469.332 habitantes. A estimativa é que em 2020 essa população ultrapasse 500.000 habitantes.

Percebe-se que, justamente por conta das precariedades estruturais e sociais do município de Belford Roxo, uma parcela da população, sobretudo jovens e adolescentes, apresenta certa aversão a ser morador desse lugar. Também é possível notar que muitos demonstram pouco afeto pelo município pelo fato de o mesmo não apresentar uma boa infraestrutura, não fornecer espaços de lazer atrativos e suficientes, possuir precariedades nas suas áreas de saúde, educação e segurança, entre outros problemas. Por isso, é relevante entender como essa questão da identidade do lugar pode ser desenvolvida a partir do ambiente escolar, no contexto da disciplina geográfica.

A partir do estudo de lugar é possível o estudante refazer a sua experiência vivida e o seu cotidiano, e perceber que o lugar está para além da localização de uma determinada área. As visões humanísticas, histórico-dialéticas, pós-modernas (CAVALCANTI, 2012) apresentadas no contexto dessa pesquisa permitem analisar o conceito de lugar de forma multifacetada, a partir dos contextos da globalização e do espaço vivido.

Os lugares, que são representativos e significativos à medida que marcam trajetórias ao longo da vida, proporcionam o sentimento de afetividade. Esse lugar pode ser a casa, a rua, o bairro e até mesmo a cidade em que mora. Daí a importância dos conceitos de espaço vivido, concebido e percebido (LEFEBVRE, 2001; CARDOSO, 2006).

É papel do professor, diante dessa realidade, criar oportunidades a partir do seu planejamento curricular para que esse aluno tenha um entendimento maior do quanto o seu espaço de vivência está relacionado ao conteúdo de sala de aula, que, por muitas vezes, se mostra deslocado da realidade, e, por esse motivo, se torna insignificante. Ao trabalhar com o visível e palpável, fica mais interessante e significativa para o aluno o teor de certos conteúdos, como, por exemplo, a temática de urbanização, que pode ser trabalhada a partir dos processos de urbanização da cidade onde a escola está situada, e a partir daí é possível que o professor destrinche os conceitos pertinentes deste conteúdo.

Quando se trata de identidade, é relevante dizer que a mesma é construída por meio das construções históricas e sociais, ou seja, os acontecimentos históricos, as transformações ao longo dos anos e os diferentes usos de um determinado espaço viabilizam a construção da identidade do morador. A identidade, sendo compreendida puramente como aquilo que se é, traz a reflexão do sentimento de pertencimento ou não do indivíduo relacionado ao seu local de vivência.

A escola tem o papel social de inserir os indivíduos na sociedade por meio da educação. A legislação e as propostas curriculares para o Ensino Fundamental apresentam habilidades e competências pertinentes para que o indivíduo, a partir de suas experiências escolares, tenha uma visão mais ampliada da sociedade no sentido geral, com intenção de que, assim, também possa compreender a sua realidade.

No decorrer de anos em sala de aula, não é difícil identificar o desinteresse dos estudantes pelos estudos e, sobretudo, pelas aulas de geografia. Em decorrência desse desinteresse, a falta de atenção e o mau comportamento atrapalham a aprendizagem, e o trabalho do professor acaba sendo prejudicado. No entanto, o maior prejuízo se dá para os estudantes, pois muitos deixam de conhecer o seu papel dentro da escola e também como cidadão. O direito à cidade é um desses conceitos que desvela essas questões, e é nítido o

desconhecimento por parte dos estudantes dos seus próprios direitos perante a sociedade, logo, desconhecem seus direitos e não os reivindicam.

Estudar a cidade é extremamente importante no que tange ao conhecimento da sua história, das relações sociais ali estabelecidas, das suas funções e das imposições a ela pré-estabelecidas pelas autoridades governamentais. No entanto, ao tomar ciência de que a cidade é produzida também a partir da participação dos cidadãos, os estudantes têm a oportunidade de se entenderem como parte dela, e interferir em seu desenvolvimento.

Por esse motivo, o professor de geografia precisa estar à frente e tentar aproximar o aluno desses conteúdos, que por vezes parecem abstratos. A geografia ainda é vista por muitos como uma disciplina intangível, tradicional, sem utilidade, que busca a memorização e trabalha com conteúdos descolados da realidade. No entanto, é pela falta de compreensão dos conceitos básicos da geografia que esse discurso prevalece.

O público alvo dessa pesquisa se baseou no Ensino Fundamental, um dos níveis da educação básica obrigatória no Brasil. Essa etapa tem duração de nove anos e é direcionada, na maioria das vezes, a pessoas com idade entre 6 e 14 anos. O objetivo principal é que a pessoa tenha formação básica com o domínio da leitura e da escrita, para que, assim, consiga ter uma melhor compreensão do ambiente social em que está inserida e dos valores que fundamentam a sociedade, e que consiga evoluir esta habilidade de sociabilidade.

Dentro deste contexto educacional, busca-se compreender a identidade dos estudantes com o município e como o trabalho com o conceito de lugar pode tratar dessas questões. Além disso, o 6º ano de escolaridade, primeira série dos anos finais do Ensino Fundamental, se configura como uma etapa em que os conceitos básicos da geografia são abordados, de uma maneira mais aprofundada que nas séries iniciais. Os conceitos de Espaço Geográfico, Paisagem, Território e Lugar aparecem logo no primeiro bimestre, e, portanto, são conteúdos que, além de obrigatórios, são importantes para esse ano de escolaridade, dada a sua exigência nos Parâmetros Curriculares Nacionais e na Base Nacional Comum Curricular. Esses currículos deixam nítida a preocupação acerca dessas questões ao tratar da identidade sociocultural para o reconhecimento dos lugares de vivência e da necessidade do estudo sobre os diferentes e desiguais usos do espaço, para uma tomada de consciência sobre a interferência humana no planeta.

Para a compreensão dos conceitos trabalhados nesta pesquisa, espera-se responder a outros questionamentos como: que identidade está sendo construída pelos estudantes a partir de suas vivências e suas influências? Como está sendo construída essa identidade de ser morador de Belford Roxo? E como os símbolos do município influenciam na construção dessa identidade?

Questões como essas serão respondidas ao longo desta pesquisa, que tem como objetivos específicos: a) Entender como os alunos do 6º ano de escolaridade do Centro Educacional Elion se identificam como moradores de Belford Roxo; b) Identificar a importância do estudo de lugar no cotidiano escolar; c) Compreender como o conceito de lugar pode ser trabalhado nas escolas, a partir das determinações presentes na Base Curricular Nacional e nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Nessa direção, esta pesquisa procura trazer contribuições relevantes para o ensino de geografia no Ensino Fundamental, pois trata de questões fundamentais acerca do município de Belford Roxo, servindo de aporte teórico para que os professores atuantes nesta localidade possam ter um recurso didático a mais, e com informações pertinentes, dada a escassez de pesquisas relacionadas ao município, sobretudo na área do ensino.

A escola escolhida fica localizada no bairro Jardim Xavantes, bairro periférico ao centro do município, mas também atende alunos de bairros vizinhos como: Nova Aurora, Farrula, São Francisco, entre outros. O bairro recentemente passou por uma reforma urbanística pelo governo estadual e recebeu saneamento, asfalto, iluminação etc. A escola atende cerca de 110

alunos em apenas um turno, e, apesar de ser uma escola privada, sua clientela é formada por estudantes de classe média baixa. A escolha por trabalhar com o Centro Educacional Elion surgiu por conta de a pesquisadora estar inserida na unidade de ensino como professora, lecionando a disciplina de geografia para o 6º ano de escolaridade.

Ao longo desta pesquisa, surgiram algumas problemáticas que modificaram o projeto inicial. Por motivos de falta de tempo hábil para a realização de todas as oficinas propostas, houve a necessidade de agrupar duas oficinas em um mesmo dia, e também não foi realizado o vídeo com os estudantes sobre os espaços de lazer de Belford Roxo, pois pouquíssimos alunos colaboraram com a imagem. No entanto, esses percalços não alteraram a essência deste estudo.

A metodologia adotada nesta pesquisa é a de estudo de caso, baseando-se no referencial teórico de Yin (2005), a partir das leituras de André (2009), Lüdke (2013), Deus; Cunha; Maciel (2010) e Chizzotti (2013), para investigação da realidade escolar, trazendo o Centro Educacional Elion como uma abordagem específica dentro do município, com a organização de questionários para uma análise do perfil da escola e dos alunos pesquisados, além da aplicação de oficinas práticas desenvolvidas com os estudantes.

O estudo de caso instrumental em que se baseia essa pesquisa é aquele em que o caso não é uma situação concreta, mas uma questão mais ampla, como, por exemplo, a incorporação de uma política no cotidiano escolar, ou até mesmo o desenvolvimento de um conteúdo em sala de aula. Nesse caso, pode-se escolher uma escola qualquer, que vai ser a base para investigar como essa ação é apropriada pelos atores escolares.

Além de discutir a metodologia proposta nesse trabalho, o primeiro capítulo apresenta as etapas da pesquisa, detalhando as oficinas práticas que foram trabalhadas na escola ao longo da mesma, bem como os instrumentos de análise aplicados. O primeiro instrumento de análise utilizado foi um questionário aplicado à escola, objetivando conhecer mais do espaço e da estrutura funcional desta. Posteriormente, dois questionários foram aplicados aos estudantes: o primeiro com o objetivo principal de saber qual a visão do estudante sobre o município de Belford Roxo. E, após a realização de oficinas pedagógicas falando acerca do município em questão, o outro questionário foi aplicado a fim de perceber se houve mudanças no discurso dos estudantes. A análise desses dados é apresentada no terceiro capítulo deste estudo.

O segundo capítulo se propõe a discutir o referencial teórico que embasa a pesquisa, trazendo autores como Tuan (1980; 1983), Cavalcanti (2010; 2012), Leite (2012), Brasil (1997; 2017), Carlos (2007), Woodward (2000), Hall; Silva (2000), Lefebvre (2001) e Cardoso (2006), e sendo dividido em três etapas. A primeira etapa propõe uma discussão sobre as distintas visões da geografia sobre conceito de lugar, utilizando autores relevantes para a ciência geográfica, bem como da área do ensino de geografia. Na segunda etapa, é apresentado o conceito de identidade na ciência geográfica, e faz-se uma discussão sobre o mesmo. Por fim, na última etapa, apresenta-se de que forma os conceitos de lugar e identidade aparecem na Base Nacional Comum Curricular e nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, documentos oficiais que regem o ensino brasileiro. Ainda nesse capítulo, se discutirá o conceito de lugar sob perspectiva de perceber como a ciência geográfica pode contribuir a partir do conceito de lugar para a identificação e compreensão da geografia de cada um, mediante as experiências do estudante com o seu próprio lugar, trazendo a reflexão crítica sobre sua espacialidade. O conceito de identidade não é aqui trabalhado apenas pelo viés teórico, mas também a partir das suas contextualizações atuais com o município de Belford Roxo, mediante as modificações dos símbolos do lugar (brasão, bandeira, hino, pórtico de entrada).

No terceiro capítulo, apresenta-se o município de Belford Roxo desde a sua localização, bem como sua trajetória histórica. O capítulo enfatiza momentos importantes e simbólicos do município, além de apresentar os símbolos da cidade (brasão, hino e bandeira), que sofreram modificações na tentativa de se construir uma nova identidade para os moradores da cidade. Ainda nesse capítulo, apresenta-se o Centro Educacional Elion, escola escolhida como *locus* de



discussão deste estudo, traçando o perfil dos alunos que contribuíram para o andamento desta pesquisa. Ao final do capítulo, articula-se a teoria e a prática para o desenvolvimento do estudo de caso. Além disso, são apresentadas atividades didático-pedagógicas com o intuito de trazer os resultados das pesquisas bibliográficas que nortearam a organização das oficinas.

As oficinas foram aplicadas com o intuito de apreender a percepção dos alunos, ampliando o pensamento crítico, espacial e geográfico, partindo do município de Belford Roxo, além de contribuir para o processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, os estudantes puderam desenvolver um pensamento crítico diante dos conceitos e conteúdos que foram trabalhados, podendo, assim, usá-los dentro e fora do seu contexto escolar. É importante para o professor – e ainda mais para os estudantes – trazer essa visão crítica durante as aulas de geografia e aproveitar também as experiências e conhecimentos trazidos pelos estudantes, para que, desta maneira, o conhecimento dos mesmos seja valorizado, incentivado, e, por fim, agregado aos ensinamentos do professor.

Por fim, discute-se nas conclusões a relevância da pesquisa para o município de Belford Roxo, com o intuito de se pensar a construção da identidade a partir do estudo do lugar, e também na contribuição desse trabalho como aporte teórico para professores do município, com o propósito de servir como base para os estudos da realidade do município de Belford Roxo.



## **CAPÍTULO I: O CAMINHO DA PESQUISA: O ESTUDO DE CASO COMO MÉTODO DE PESQUISA**

Este capítulo se propõe a discutir a metodologia desta pesquisa. Nas ciências humanas e sociais, a pesquisa qualitativa recebe uma variedade de nomenclaturas e vieses diferenciados que dependem da orientação filosófica adotada. Optou-se pelo método de Estudo de Caso, por ele facilitar a investigação a partir de pesquisa etnográfica, observação participativa, análises documentais e entrevistas (ANDRÉ, 2009). Na perspectiva de pesquisa qualitativa, o estudo de caso surge como um método de pesquisa de grande relevância no meio acadêmico.

Para todo início de pesquisa, a questão inicial sobre qual será o problema a ser estudado é crucial para dar prosseguimento ao que se quer, de fato, pesquisar. A delimitação do problema continua como etapa inicial e, após isso, segue uma metodologia de trabalho que, neste caso, levará o pesquisador a desenvolver a pesquisa. A coleta de dados por meio de instrumentos de análise como questionários é mais usual neste tipo de pesquisa. Para isso, é necessário que o pesquisador adote estratégias para dar credibilidade à sua pesquisa.

A expressão qualitativa em uma pesquisa está ligada a uma relação mais proximal de observação e de análises do pesquisador com o seu objeto, para que, por fim, o mesmo traduza em um trabalho científico as nuances descobertas. Chizzotti (2013, p. 28) explicita que:

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível. Após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa.

Nesse sentido, a abordagem qualitativa exige do pesquisador o refinamento do olhar para a pesquisa e observação do seu objeto de pesquisa, atento ao fato de que nada é comum e que tudo pode ser um vestígio para compreender a realidade estudada.

Nessa pesquisa, como já declarado, optou-se por usar o estudo de caso como método. No entanto, a pesquisa qualitativa se utiliza de diversos métodos, como entrevistas, análise de discurso, pesquisa-ação, pesquisa participativa, estudos culturais, etnografia etc. Todos esses métodos são utilizados seguindo uma orientação filosófica e tendência epistemológica que uma pesquisa pode direcionar.

### **1.1 Estudo de Caso: Método da Pesquisa**

O Estudo de Caso é um método de uso tradicional nas ciências sociais, mas nas pesquisas em educação é bem recente. Segundo André (2009), o estudo de caso surge na sociologia e na antropologia, ao final do século XIX e início do século XX. Nas pesquisas em educação, esse método aparece “nas décadas de 60 e 70 apenas como estudo descritivo de uma unidade: uma escola, um professor, uma sala de aula” (DEUS; CUNHA; MACIEL, 2010). Em 1972, com a Conferência de Cambridge na Inglaterra, esse tipo de pesquisa começa a ganhar relevância na área educacional, uma vez que, até esse momento, esse método de pesquisa tinha uma maior relevância nas áreas de Medicina, Psicanálise, Psicologia e Serviço Social, justamente para auxiliar nos diagnósticos e acompanhamentos clínicos.

Para Yin (2005), “estudo de Caso é uma investigação empírica, um método que abrange tudo – planejamento, técnicas de coleta de dados e análise dos mesmos”. Diante disso é que se

optou por usar esse método de pesquisa, pois o mesmo se coaduna com os propósitos do presente estudo, que visa colher dados de uma realidade vivenciada a partir da escola, e por seguinte analisar esses dados, mostrando como essa é uma estratégia de pesquisa importante no processo educativo, ao passo que retrata de forma natural a realidade do fenômeno educacional sem depender de muitos artifícios de análise.

André (2009, p. 97) enfatiza que:

Se o interesse é investigar fenômenos educacionais no contexto natural em que ocorrem, os estudos de caso podem ser instrumentos valiosos, pois o contato direto e prolongado do pesquisador com os eventos e situações investigadas possibilita descrever ações e comportamentos, captar significados, analisar interações, compreender e interpretar linguagens, estudar representações, sem desvinculá-los do contexto e das circunstâncias especiais em que se manifestam. Assim, permitem compreender não só como surgem e se desenvolvem esses fenômenos, mas também como evoluem num dado período de tempo.

Nesse método, o pesquisador procura se aproximar ao máximo da realidade estudada, a fim de relatá-la. Nesta pesquisa, sendo a pesquisadora professora da turma em que foi feito o estudo de caso, esse relato se torna mais acessível à medida que a mesma consegue descrever as ações e comportamentos, investigar as situações e analisar as interações dos estudantes dentro do ambiente que está sendo estudado.

O Estudo de Caso divide-se em três fases: a *exploratória* ou de *definição dos focos de estudo*; a fase de *coleta dos dados* e a fase de *análise sistemática dos dados* ou *elaboração do relatório final* (ANDRÉ, 2009).

Na fase *exploratória* ou de *definição dos focos de estudo*, é o momento em que se define a área de estudo, os sujeitos da pesquisa, se estabelece contatos para a entrada em campo e se define as questões iniciais, os procedimentos e instrumentos de análise, entendendo sempre que esse tipo de estudo começa com um plano aberto, que vai se delimitando à medida que os estudos avançam. Da mesma forma, ressalta-se que ao longo deste trabalho diversos autores foram incorporados à pesquisa.

De acordo com André (2009, p. 98):

As questões ou pontos críticos iniciais tendem a se modificar, conforme o estudo caminha: alguns se firmam, mostrando-se realmente relevantes para aquela situação, outros terão que ser descartados pela sua pouca pertinência ao caso e aspectos não previstos podem vir a ser incorporados ao estudo.

Assim sendo, observa-se que, ao longo da pesquisa, e de acordo com a definição do foco de estudo, os pontos críticos e questões iniciais podem sofrer mudanças, ao passo que, ao se analisar a realidade, outros elementos são incorporados.

Nessa pesquisa, esse momento inicial se deu a partir do contato da pesquisadora com a realidade escolar e com os conteúdos programáticos propostos. Enquanto professora de geografia do 6º ano de escolaridade, percebeu-se que o livro didático adotado pela escola trabalha com conteúdos deslocados da realidade do aluno, e, por esse motivo, ocorreu a escolha da escola para discutir o município de Belford Roxo e a identidade desses alunos com ele, a partir do conceito de lugar.

De acordo com Chizzotti (2013, p. 139):

Nessa fase inicial é indispensável analisar a literatura existente sobre o caso para elaborar as primeiras noções que orientarão a definição da unidade que será tomada como 'caso': a população - grupo, escola, empresa, ou objetos determinados - ou o programa, o processo, ritual.

Essa fase exploratória na presente pesquisa se caracteriza pela busca do objeto de estudo – neste caso, os alunos. Com isso delimitado, abriu-se a busca por referenciais teóricos na área da geografia para desvelar os conceitos de lugar e identidade. Além disso, a análise de documentos oficiais que regem o Ensino Fundamental, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular, foi crucial para delimitar os sujeitos, alunos do 6º ano de escolaridade da escola participante, e abrangência desta pesquisa.

Sobre a análise de documentos no estudo de caso, André (2009, p. 100) explicita que:

Quase todos os estudos incluem análise de documentos, sejam eles pessoais, legais, administrativos, formais ou informais. Como nas situações de entrevista e de observação, o pesquisador deve ter um plano para seleção e análise de documentos, mas ao mesmo tempo tem que estar atento a elementos importantes que emergem na coleta de dados. É possível, também, como afirma Stake (1995) que o documento possa substituir o registro de um evento que o pesquisador não pode observar diretamente. Documentos são muito úteis nos estudos de caso porque complementam informações obtidas por outras fontes e fornecem base para triangulação dos dados.

A análise dos documentos curriculares oficiais para o Ensino Fundamental torna-se crucial nessa pesquisa, pois é a partir deles que se define o conteúdo que compõe os livros didáticos, os planejamentos regionais de cada estado e município e, por fim, o que é estudado em sala de aula.

A fase exploratória e de definição dos focos é a fase basilar de uma pesquisa. É quando se define o foco de estudo, a área, os sujeitos, a bibliografia e os instrumentos de análise. Mesmo a pesquisa sendo um plano aberto que pode sofrer alterações ao longo de seu desenvolvimento, é nessa fase que os pilares começam a ser erguidos.

A fase de *coleta de dados* é o momento em que o pesquisador vai ao campo para proceder com a coleta dos dados a partir dos seus instrumentos de análise, sejam eles questionários, entrevistas ou observações. Nesse momento, é crucial que o pesquisador tenha clareza dos seus objetivos, para que seja feita uma análise minuciosa nas suas observações de campo; caso contrário, pode colocar a perder todo o seu estudo por falta de algum elemento importante de análise, ou, ainda, por excesso de informações, que na maioria das vezes não são necessárias nessa pesquisa, assim como salienta Chizzotti (2013, p. 139):

É indispensável ter claro o objetivo pretendido: o que será estudado ou quais evidências estão sendo procuradas, por que está sendo feito este estudo e como poderá ser executado. Sem a especificação clara do problema que se quer, o trabalho pode ir de encontro a muitos objetos e recolher muitas informações diversificadas que se mostrarão desnecessárias ou inúteis.

Nesse momento do estudo, o pesquisador deve identificar os contornos do problema a ser estudado, podendo, então, coletar os dados sistematicamente, usando os instrumentos de sua escolha que, na sua opinião, são mais adequados para caracterizar a problemática (OLIVEIRA, 2009).

Nessa fase da pesquisa, foram utilizadas oficinas temáticas para a aplicação dos questionários de impressões iniciais dos alunos em relação ao município onde vivem. Essa fase do trabalho de campo envolve uma coleta sistemática de informações: seja qual for o caso, são necessárias múltiplas fontes de coleta de informações, como documentos, relatórios, cartas, entrevistas, histórias de vida etc. A fonte mais constante e atual tem sido as entrevistas. Neste caso, o questionário foi utilizado como fonte de coleta de dados no início e final das oficinas propostas, com o intuito de perceber o olhar inicial dos alunos em relação ao município onde

moram, e, ao final, perceber se as impressões sobre o lugar mudaram com a participação nas atividades propostas.

Por fim, na fase de *análise sistemática dos dados* ou de *elaboração do relatório final*, apresenta-se o relatório final com as impressões e panorama completo da pesquisa, com todas as informações e dados que foram analisados e anexados. Essa etapa da pesquisa é de total importância, pois os dados coletados devem ser analisados sob a fundamentação teórica que norteia a pesquisa, para que assim, ao final, o texto que apresentará os resultados da mesma seja redigido em uma linguagem acessível ao leitor, como corrobora Chizzotti (2013, p. 141):

O relatório supõe uma competência redacional que mostre, em linguagem acessível e bem articulada, o resultado o que chegou o estudo. Para isso, é importante que estabeleça relações convergentes entre os dados, apresente proposições fidedignas que confirmem ou contradigam as evidências ou hipóteses, propostas nos objetivos do estudo, e que possibilitem ao leitor alcançar as mesmas evidências de forma adequada para se obter conclusões analíticas convincentes e eliminar interpretações alternativas.

Lüdke (2013, p. 16) ainda retrata que, para esse relato, deve ser usado um discurso

menos acadêmico, mais natural, coloquial, para que as pessoas envolvidas possam não só se encontrar e se reconhecer no estudo como também encontrar contribuições para um melhor equacionamento dos problemas em questão.

Desde o início do estudo, as informações precisam ser armazenadas de forma organizada, a fim de que, ao iniciar a análise de dados e a sua relação com o aporte teórico da pesquisa, essa sistematização seja feita de forma clara e descomplicada. A elaboração do relatório final é um grande desafio no estudo de caso, pois exige do pesquisador certa habilidade na escrita. André (2009) esclarece que os relatos de caso apresentam geralmente um estilo informal, narrativo, ilustrado por figuras de linguagem, citações, vinhetas narrativas, exemplos e ilustrações.

É importante ressaltar que as três fases do estudo de caso não seguem uma ordem sequencial. Não existe a possibilidade de separar uma fase da outra: existe uma sobreposição entre elas, uma vez que “se interpolam em vários momentos sugerindo apenas um movimento constante no confronto teoria - empiria” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

## 1.2 Etapas da Pesquisa

O processo de desenvolvimento da pesquisa teve início a partir da definição do foco de estudo escolhido para o avanço do estudo. Uma vez delimitada a escola, o público e a temática, foi feita a seleção dos referenciais teóricos para a discussão do tema em questão.

O conceito de lugar, conceito básico e importantíssimo para a geografia, foi destrinchado a partir de visões da mesma. Para isso, autores como Tuan (1980; 1983), Cavalcanti (2010; 2012), Carlos (2007) e Brasil (1997; 2017) foram necessários para o desenrolar deste conceito desde a sua fundamentação como conceito geográfico, perpassando pelo ensino da geografia e pelos documentos oficiais que regem o Ensino Fundamental, e, nesse caso, baseiam a disciplina de geografia no chão da escola. No desenvolvimento da pesquisa, também houve a necessidade da inserção dos conceitos de Direito à cidade (CAVALCANTI, 2012) e Espaço vivido, concebido e percebido (LEFEBVRE, 2001; CARDOSO, 2006). Nesse mesmo sentido, o conceito de identidade aponta autores como Woodward (2000), Hall; Silva (2000), Cardoso (2006) e Leite (2012).

São escassas as bibliografias disponíveis que narram a história do município de Belford Roxo; por isso, a busca por material na Internet fez-se necessária como complemento a essa

parte da pesquisa. Autores como Matain (2014), Magalhães et al. (2013) e Simões (2011), que trabalham com o recorte espacial da Baixada Fluminense, serviram de base para essa etapa.

Abaixo, segue uma tabela demonstrativa dos conceitos usados na pesquisa e seus respectivos autores, para o melhor detalhamento.

**Demonstração – Conceitos/Autores**  
**Tabela 1**

Conceitos	Autores
<b>Lugar</b>	Tuan (1980; 1983), Cavalcanti (2010), Carlos (2007), Brasil (1997; 2017)
<b>Identidade</b>	Woodward (2000), Hall; Silva (2000), Cardoso (2006), Leite (2012)
<b>Espaço vivido, percebido e concebido</b>	Cardoso (2006), Lefebvre (2001)
<b>Direito à cidade</b>	Lefebvre (2001), Cavalcanti (2012)
<b>Metodologia de Estudo de Caso</b>	Yin (2005), André (2009; 2013), Deus; Cunha; Maciel (2010), Chizzotti (2013), Lüdke (2013)
<b>Município de Belford Roxo</b>	Magalhães et al. (2013), Matain (2014), Simões (2011)

Tabela organizada por: Tamires Santana, 2018

Posteriormente, na fase de trabalho de campo, organizou-se um questionário (Apêndice A) como instrumento de análise para traçar os perfis da escola e dos participantes da pesquisa. Nessa etapa inicial do trabalho de campo, o instrumento de análise da realidade escolar trouxe questões relacionadas à estrutura da escola (número de salas, banheiros, acessibilidade), além de questões envolvendo materiais disponíveis tanto para as aulas de geografia quanto para as demais disciplinas, quantidade de alunos, quantidade de funcionários e equipe pedagógica.

Após a sondagem do espaço escolar a partir deste questionário de análise, que foi respondido pela diretora, foi organizado um cronograma para a execução das oficinas com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental do segundo segmento.

As oficinas teóricas foram desenvolvidas no Centro Educacional Elion. Inicialmente, quatro oficinas temáticas foram planejadas com o objetivo de coletar informações para alcançar os objetivos desta pesquisa. No entanto, é importante ressaltar que apenas três oficinas foram executadas, contudo, os questionamentos pertinentes à pesquisa não foram afetados.

A primeira oficina (Apêndice B), intitulada *O conceito de lugar e o lugar onde eu moro*, foi trabalhada com os alunos dentro da aula de geografia, utilizando dois tempos de aula, buscando trabalhar previamente, no seu sentido geral, como um conceito básico da geografia, e, a partir dessa conceituação, aplicar o primeiro questionário para obter a percepção inicial dos alunos sobre o município onde eles moram.

O questionário aplicado na primeira oficina trouxe questões de identificação, faixa etária e a busca pela percepção dos alunos em relação a ser morador de Belford Roxo: se eles gostariam de morar em outra cidade, quais lugares da cidade eles mais gostam, quais eles menos gostam e, por fim, foi pedido que os alunos representassem o município em uma imagem. Para isso, os alunos produziram seus próprios desenhos sobre a sua imagem do lugar onde moram (Apêndice B).

A segunda oficina (Apêndice C), intitulada *Conhecendo o município de Belford Roxo e seus símbolos*, foi aplicada com o objetivo de apresentar as características históricas, sociais e culturais do município. Foi utilizado um mapa de localização do município, que permitiu que os alunos identificassem seus bairros e os demais de interesse. A partir das imagens trazidas pela professora, foi possível visualizar a passagem do tempo, como a paisagem do local foi modificada e que tipos de modificações ocorreram. Por fim, na parte prática da oficina, foram apresentados dois símbolos: o brasão e o hino do município, com o objetivo de fazer os estudantes analisarem os símbolos antigos e os atuais, que foram recentemente modificados pelo atual governo (2017). Os estudantes fizeram as análises, e, além de se expressarem oralmente, também escreveram sobre e apresentaram à professora ao final da atividade. Foi pedido aos estudantes que trouxessem imagens dos espaços de lazer que os mesmos utilizam no município, tanto em mídia digital quanto em fotos impressas, que poderiam ser tiradas por eles mesmos.

A terceira oficina (Apêndice D), intitulada *Espaços de lazer no município de Belford Roxo*, objetivou apresentar aos estudantes alguns espaços de lazer existentes no município, e também perceber quais espaços os mesmos usam como lazer. Nessa atividade, foi utilizado o livro *Baixada Fluminense em Preto e Branco*, do autor Paulo Santos, com imagens de diversos espaços, não só de lazer, mas também históricos, ecológicos e culturais do município. Além das imagens trazidas pela professora, também foram utilizadas as imagens trazidas pelos estudantes dos espaços que os mesmos utilizam na cidade. A partir dessas imagens, um debate foi sugerido pela professora.

Ao final da terceira oficina, foi aplicado outro questionário com questões relacionadas novamente à percepção dos alunos em relação à cidade: se houve mudanças na visão deles sobre o município depois das oficinas, se as oficinas foram importantes para conhecerem melhor o município, como os alunos enxergam as mudanças que vêm ocorrendo na cidade, se veem melhoras, e, finalmente, foi pedido aos alunos que novamente fizessem um desenho representativo do município. (Apêndice F)

Na etapa final, os dados coletados nas oficinas foram sistematizados para a compreensão da percepção dos estudantes dentro do tema proposto e apresentados à análise desses dados, a partir da fundamentação teórica no terceiro capítulo do presente estudo.



## **CAPÍTULO II: OS CONCEITOS DE LUGAR E IDENTIDADE NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

O desejo de se trabalhar com a construção da identidade a partir do conceito de lugar trouxe a procura por aportes teóricos em diferentes campos de conhecimento, para um embasamento não apenas sob o olhar geográfico, mas sob um olhar atento à educação, história e sociologia, visto que se entende que a presente pesquisa baseia-se na percepção que os estudantes em questão têm do seu lugar, que é algo conhecido, vivido e percebido (CARDOSO, 2006; LEFEBVRE, 2001) por eles, como essa identidade é construída a partir do seu relacionamento com o seu lugar de vivência e como a escola contribui para essa construção.

O campo de conhecimento da educação é amplo, e seria necessário o desdobramento de diversas pesquisas dedicadas a destrinchar suas nuances. A escola, no entanto, é um espaço atingível nesse trabalho, e traz possibilidades de dialogar com diversos autores (CAVALCANTI, 2010; 2012; YOUNG, 2007; 2011) que entendem a escola a partir do seu espaço e currículo como um elemento fundamental na construção do conhecimento do aluno, uma vez que esta se dedica, a partir dos conteúdos propostos nela, a oferecer ao seu alunado as condições necessárias para que este consiga desvelar a realidade que o cerca e na qual o mesmo está inserido.

O currículo é um documento político que se desdobra nos conteúdos que chegam até o aluno. Essa construção curricular parte de posicionamentos individuais ou de grupos sociais, ou seja, a matriz curricular que baseia o que se ensina em uma sala de aula refere-se a um documento teórico que muito se difere da prática curricular, e cabe ao professor encontrar a melhor forma de transpor os conteúdos de forma crítica, dando maior importância às temáticas relevantes para o desenvolvimento do cidadão, mediante a seleção do que se pretende ensinar.

Nesse sentido, é crucial que haja, a partir da escola, um debate produtivo no que tange aos conteúdos que são ensinados na escola, para que estes realmente tenham significado para o aluno. Essa pesquisa apresenta a prática curricular como item crucial para o desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas, além de indicar a relevância que o currículo tem para a construção do processo de ensino-aprendizagem, pois é a partir dessa seleção que os alunos terão a oportunidade de discutir de forma reflexiva e científica as transformações locais e globais que perpassam em seu cotidiano.

Enfim, este capítulo se propõe a discutir o referencial teórico que embasa a presente pesquisa. O debate aqui articulado se distribui em três etapas: a primeira propõe uma explanação sobre as distintas visões da geografia sobre conceito de lugar, utilizando autores de grande relevância para a ciência geográfica, bem como da área do ensino de geografia. Na segunda, apresenta-se o conceito de identidade na ciência geográfica, e, por fim, na última etapa, apresenta-se de que forma os conceitos de lugar e identidade aparecem na Base Nacional Comum Curricular e nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, documentos oficiais que regem o ensino brasileiro.

### **2.1 O Conceito de Lugar: da Ciência Geográfica ao Ensino de Geografia**

A ciência geográfica também é importante para a compreensão dos espaços em que são vivenciadas histórias, lutas, reivindicações, entre outros exemplos. O saber que hoje chamamos de saberes geográficos já estão postos à sociedade muito antes da institucionalização da chamada ciência geográfica. No princípio da educação brasileira, antes de se institucionalizar a

ciência geográfica e a geografia escolar, existiam os saberes que eram considerados geográficos e que perpassavam pelas temáticas dessa ciência mesmo antes dela ser nominada. Esses saberes geográficos eram construídos paulatinamente a partir das necessidades da sociedade no geral, necessidades de localização e estratégias territoriais, além dos conhecimentos relacionados aos aspectos físicos.

Tempos depois, com a criação institucional da geografia escolar, esse conhecimento geográfico foi canalizado à disciplina geográfica, perpassando também por outras áreas de conhecimento. Cavalcanti (2012) explicita que:

A geografia busca, assim, estruturar-se para ter um olhar mais integrador e aberto, e ao mesmo tempo, às contribuições de outras áreas da ciência e às diferentes especialidades em seu interior; um olhar mais compreensivo, mais sensível às explicações de senso comum, ao sentido dado pelas pessoas para as suas práticas espaciais.

Nesse sentido, é no contexto escolar que a disciplina geográfica busca proporcionar aos alunos o conhecimento sobre o seu papel de cidadão na sociedade em que vive. É por meio da construção do conceito de espaço que o aluno passa a compreender o seu lugar no mundo.

Notam-se mudanças significativas no mundo contemporâneo, mudanças essas que transformam lugares, bairros e cidades, das quais surgem novos processos econômicos, que necessitam ser compreendidos por quem habita essas localidades. Nesta pesquisa, será demonstrado como o município de Belford Roxo tem sido modificado por processos urbanísticos e de modernidade.

É importante ressaltar que essas transformações espaciais são complexas para serem compreendidas, e a ciência geográfica possibilita o conhecimento científico. O cidadão, morador do bairro ou da cidade, consegue notar as mudanças que vão ocorrer através das ‘obras de desenvolvimentismo’, porém, em sua grande maioria, as observações são feitas do ponto de vista positivo, ou seja, geração de empregos, embelezamento dos espaços, entre outros exemplos.

O estudante tem a possibilidade de discutir os pontos positivos, como já foi mencionado, mas também os negativos, como o desmatamento, a perda de espécies de fauna e flora e a perda da identidade; por esse motivo, é importante a reflexão a partir da disciplina escolar.

A ciência geográfica analisa o espaço, entretanto, um espaço que está para além das técnicas: possui um conhecimento interdisciplinar, logo, é possível identificar fatores históricos, econômicos, políticos, culturais, sociais e físicos em um mesmo arranjo, tornando, assim, mais crítica a sua reflexão. Cavalcanti (2012, p. 18) afirma que:

O espaço geográfico é, desse modo, concebido e construído intelectualmente como um produto social e histórico, que se constituiu em ferramentas que permite analisar a realidade em sua dimensão material e em sua representação. Tanto é assim que cada vez mais se reafirma o conteúdo material e simbólico na totalidade do espaço, tornando-o mais aberto em suas determinações e mais imprevisível em suas configurações.

A ciência geográfica pode ser construída, discutida e dialogada a partir das experiências do cotidiano, pois está em constante movimentação. Busca-se, com essa pesquisa, trazer a escola como um espaço que promova a discussão, avaliação e diagnósticos pautados nos conhecimentos prévios dos alunos, minimizando as ideias de senso comum, como forma de contribuir com fundamentos teóricos, e, assim, construir novos saberes.

Com isso, a geografia escolar é uma disciplina que pode ser vista como prática à vida do cidadão, pois auxilia no desenvolvimento do raciocínio e da interpretação de dados e

informações, afastando a ideia de memorização. A Geografia que se busca nessa pesquisa é a da integração entre teoria e prática.

O educador, nesse sentido, tem um papel fundamental, pois, além de sistematizar, organizar e selecionar os conteúdos que serão trabalhados, tem a possibilidade de colocar o aluno como sujeito do processo de conhecimento e de aprendizagem. É importante ressaltar que esses conteúdos organizados pelos professores são propostos por documentos produzidos pelo Estado. Young (2011, p. 611) explicita que

[...] os formuladores de currículos apenas podem estipular os conceitos importantes aos quais os alunos precisam ter acesso. Os formuladores de currículo contam com os professores para motivar os estudantes e transformar esses conceitos em uma realidade para os alunos.

Dessa forma, é papel da escola e do professor transformar o conhecimento teórico em algo significativo para o aluno. Trabalhar com o espaço vivido deste aluno em sala de aula é uma oportunidade de transpor esse currículo teórico para uma prática curricular eficaz que alcance o conhecimento do aluno. Young (2007, p. 13) afirma que:

O currículo tem que levar em consideração o conhecimento local e cotidiano que os alunos trazem para a escola, mas esse conhecimento nunca poderá ser uma base para o currículo.

Como parte prática dessa pesquisa, foram realizadas oficinas com os educandos, a fim de sistematizar atividades didáticas que contribuam para uma análise geográfica. Para Cavalcanti (2012, p. 35):

O aluno, com sua experiência cotidiana a ser considerada aprendizagem, é sujeito ativo do seu processo de formação e de desenvolvimento intelectual, afetivo e social; é sujeito que tem ideias em construção, que têm a ver com seu contexto social mais imediato; o professor com seu papel mediador do processo de formação do aluno, tem o trabalho de favorecer\propiciar a inter-relação entre os sujeitos (alunos) e os objetos de conhecimento; a geografia escolar, que representa um conjunto de elementos simbólicos, conceitos, categorias, teorias, dados, informações, procedimentos, constituídos em sua história, é uma mediação importante da relação dos alunos com o mundo, contribuindo assim para a formação geral.

Nesse sentido, acredita-se que a ciência geográfica é importante para a formação da cidadania para o entendimento das suas práticas espaciais, que estão materializadas no seu espaço vivido, ou seja, criando uma 'conscientização' de sua espacialização, de como as suas ações são relevantes para, por exemplo, lutar e reivindicar seus direitos no seu lugar.

O professor, em suas aulas, pode trazer o conceito de direito à cidade (LEFEBVRE, 2001; CAVALCANTI, 2013) para que o aluno se (re)conheça como parte da cidade, e assim consiga associar diretamente ao seu convívio. A temática da cidade é também um conteúdo que está presente no currículo do 6º ano de escolaridade quando se fala de urbanização, problemas socioambientais e, mais precisamente, quando se trata do conceito de cidade.

É importante trazer para a aula discussões que permeiam as cidades para a compreensão do seu cotidiano, e, assim, será possível fazer correlação entre uma cidade e outra, como, por exemplo, associadas ao saneamento básico, infraestrutura, pavimentação, água encanada, transporte público, entre tantos exemplos.

A disciplina de Geografia, ao abordar esse tipo de temática, possibilita a reflexão e o raciocínio do aluno em relação ao mundo que o cerca. Juntamente ao currículo que aborda a cidade de forma teórica, o educador pode desenvolver pesquisas da cidade onde a escola está localizada e provocar o debate.

É necessário que sejam desenvolvidas atividades que estimulem o raciocínio da sua práxis social como forma de entendimento dos seus direitos enquanto cidadãos, ou seja, será que o aluno compreende que tem o direito à saúde, educação, a uma moradia digna? Nesse sentido, acredita-se que o ensino da Geografia tem um papel de suma relevância. Para Lefebvre (2001, p. 135):

O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização, na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (a atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade.

Nesta pesquisa, destacam-se atividades didático-pedagógicas que foram desenvolvidas juntamente aos educandos para analisar as suas percepções em relação a uma cidade que está passando por um processo de transformação, pois entende-se que a cidade faz parte da cotidianidade, do que é vivido materialmente, do modo de vida, entendendo o sujeito como parte da dinâmica organizacional.

Ao analisar o contexto histórico da cidade de Belford Roxo, é possível notar como esse ‘desenvolvimento’ se deu de forma precária, onde grande parte da sua população não tem acesso aos serviços básicos de qualidade, e, a partir disso, inúmeras histórias são contadas por aqueles que fazem parte desse espaço urbano, histórias significativas que retratam diferentes culturas, costumes, experiências e percepções. Ainda para Lefebvre (2001, p. 46):

Desta forma, a cidade é obra a ser associada mais com a obra de arte do que com o simples produto material. Se há uma produção na cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução dos seres humanos, mais do que uma produção de objetos. A cidade tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essas obras nas condições históricas.

A importância de estudar a cidade está na sua história, nas suas funções, nas relações sociais que são estabelecidas e na sua representatividade, pois o processo de urbanização das cidades tem se tornado cada vez mais intenso pelo discurso do modernismo.

Portanto, para que um aluno consiga assimilar os conteúdos propostos pela geografia, é necessário entender o significado dos conceitos-chave, mas não de maneira descritiva ou na enumeração de dados e fenômenos, mas a partir de abordagem local-global, tendo como foco o local, trabalhando com situações-problema do cotidiano do aluno. Cavalcanti (2012, p. 36) explicita que:

O desenvolvimento do pensamento conceitual, que permite uma mudança na relação sujeito com o mundo, que proporciona ao sujeito generalizar suas experiências, é papel da escola e das aulas de geografia. No entanto, sabe-se que os conceitos não se formam na mente do indivíduo por transferência direta ou por reprodução de conteúdos. Nesse processo é preciso considerar os conceitos cotidianos dos sujeitos envolvidos.

Nessa pesquisa, o conceito desenvolvido será o de lugar. No dicionário, o significado de lugar é parte delimitada de um espaço, local, sítio, região. Na geografia escolar, o conceito de lugar apresenta-se no 6º ano do Ensino Fundamental. Entretanto, o que se pode entender como lugar? Como esse conceito é percebido pelos alunos? Para Carlos (2007, p. 17):

Há hoje um debate muito profícuo sobre o sentido da noção de lugar. Podemos iniciar a reflexão com Milton Santos que afirma que existe uma dupla questão no debate sobre o lugar. O lugar visto “de fora” a partir de sua redefinição, resultado do acontecer histórico e o lugar visto de “dentro”, o que implicaria a necessidade de

redefinir seu sentido. Para o Autor o lugar poderia ser definido a partir da densidade técnica (que tipo de técnica está presente na configuração atual do território), a (densidade informacional (que chega ao lugar tecnicamente estabelecido) a ideia da densidade comunicacional (as pessoas interagindo) e, também em função de uma densidade normativa (o papel das normas em cada lugar como definitório). A esta definição seria preciso acrescentar a dimensão do tempo em cada lugar que poderia ser visto através do evento no presente e no passado.

A forma como o indivíduo se relaciona com determinado lugar vai ser definida principalmente por suas vivências e percepções sobre ele. Através da percepção, o ser humano constrói o seu lugar. Nesse caso, o espaço de vivência e o lugar apresentam o mesmo significado, pelo fato de que um espaço qualquer só se torna um lugar a partir das vivências e dos laços afetivos e de pertencimento que o indivíduo tem sobre ele. Duas pessoas distintas não podem perceber o lugar da mesma forma.

O lugar é percebido de modos distintos, de forma subjetiva, com visões diferenciadas, experiências individuais e/ou coletivas e com propósitos diferenciados. Deste modo, a percepção de lugar será sempre tida de modo individual, ainda que em espaços coletivizados (TUAN, 1980).

Para iniciar as discussões sobre esse conceito no 6º ano de escolaridade, é recomendado que se utilize o cotidiano – ou seja, a casa, o bairro, a escola –, como ambientes frequentados pelos discentes. O livro didático utilizado pela escola pesquisada, *Sistema Maxi de Ensino 6º ano*, apropria-se do conceito de lugar como “parte do espaço onde vivemos, e acontece nosso dia a dia” (p. 6). Com isso, cabe ao professor trazer as reflexões acerca do lugar onde estão inseridos os alunos, com elementos do espaço-tempo. De acordo com Cavalcanti (2012, p. 176):

Pelo estudo de lugar, pode-se interrogar, pois, sobre moradia, sobre bairro, sobre paisagem das diferentes partes do bairro. Também se pode interrogar sobre os equipamentos de uso coletivo do bairro: quais são, como são, para quem estão destinados. O lugar do aluno tem uma história de constituição e de relações, possui especialidades que podem ser apreendidas pela investigação geográfica. Sua paisagem pode ser lida, interpretada, relacionada e comparada com as informações de outro lugar.

Nesse sentido, é extremamente importante entender de que forma o conhecimento geográfico que é produzido na escola pode auxiliar no desvelamento dessas questões, visto que é no ambiente escolar que o indivíduo constrói boa parte da sua visão de mundo. A geografia, dentre tantas discussões e abrangências de seu campo, é também considerada como a ciência que estuda o espaço geográfico. No ambiente escolar, a disciplina geográfica assume esse papel, uma vez que em seu bojo curricular existem determinações para tais temáticas. Documentos oficiais como os PCNs e BNCC, além das matrizes curriculares nas esferas estaduais e municipais, são os norteadores dessa temática no âmbito escolar.

Uma vez definido que é a ciência geográfica que estuda o espaço, apresenta-se com clareza que esse trabalho se propõe a dialogar com o espaço vivido, nesse caso, o lugar. O conceito de lugar está ligado à prática cotidiana do espaço vivido, que produz e reproduz conhecimento de uma determinada localidade. Diante disso, refletir sobre o contexto histórico do lugar é extremamente importante, pois apresenta elementos culturais, sociais, econômicos e políticos que são relevantes.

O espaço vivido vai de encontro aos laços de afetividade que são construídos ao longo da vida nos espaços, por isso é relevante que se tenha experiência e sentido em estar em um determinado lugar. Normalmente, esses lugares marcam trajetórias que são representativas e significativas, que podem ser desde a rua onde mora até a sua casa. Para Cardoso (2006, p. 32),

“o vivido cria um significado para a área, aliado às relações e às práticas espaciais, e dá origem a uma identidade entre as pessoas e os lugares”.

À medida que se busca trabalhar o cotidiano dos estudantes, entende-se que será abordado o seu dia a dia, ou seja, os lugares que frequentam, o lazer, o espaço escolar, familiar, de trabalho, ou seja, são os lugares onde as suas práticas são desenvolvidas. De acordo com Cardoso (2006, p. 34), é o que Lefebvre (1991) denomina como espaço percebido, pois é onde se produz e reproduz as práticas sociais.

Quando se trata de espaço percebido, retrata-se a sua realidade, onde há circulação, movimentação dos lugares, onde o indivíduo tem conhecimento da área, onde sente-se à vontade para realizar as suas atividades. A construção das atividades didático-pedagógicas para serem desenvolvidas com os estudantes foi realizada para perceber se os estudantes têm essa proximidade com a cidade de Belford Roxo, ou seja, do espaço vivido ao espaço percebido.

As mudanças que estão ocorrendo na cidade a partir das obras governamentais, de alguma forma, comprometem os espaços de movimentação dos cidadãos. Obras essas que foram realizadas sem a participação da sociedade, mediante a discursos impostos, ‘de cima para baixo’. É o que pode ser entendido como espaço concebido. Cardoso (2006, p. 35) afirma que:

A representação do espaço é o espaço concebido pelos planejadores, algumas vezes identificando o vivido e o percebido e criando um sistema verbal de signos e símbolos que identificam/caracterizam determinados lugares. A representação do espaço domina o espaço das representações. As pessoas o elaboram a partir de suas práticas, mas também em função dos discursos hegemônicos. Geralmente está associado a um discurso de ordem longínqua (distante), elaborado por governantes e intelectuais.

A modernização do pórtico, a nova letra do hino da cidade e do brasão mostram uma reconfiguração na cidade, isto é, apresentam o espaço concebido, que perpassa o espaço vivido dos moradores, com a afetividade e construção de vínculos, até a realização de suas práticas, o espaço percebido.

Nos lugares, as pessoas vivem e sobrevivem criando vínculos, pertencimentos e construindo suas vidas. Para Carlos (2007, p. 17):

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela *tríade habitante - identidade - lugar*. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo.

O conceito de lugar pode receber diversificadas abordagens e ser aplicado a diferentes propostas e estudos. Para Cavalcanti (2007), a discussão teórico-metodológica sobre o conceito em questão tem sido feita atualmente sob três perspectivas: a *humanística*, a *histórico-dialética*, e a do *pensamento pós-moderno*.

A Corrente Geográfica Humanística desenvolveu-se a partir da década de 1960, com contribuição de diversas ciências como antropologia, história, filosofia e psicologia, dando apoio ao pensar geográfico. Assim, ela usa a fenomenologia como aporte filosófico de suas ideias. Para compreender melhor essa corrente, pode-se dizer que ela é definida por bases teóricas nas quais ressaltam-se e valorizam-se as experiências, vivências, subjetividades, sentimentos e compreensão das pessoas sobre o ambiente em que as mesmas habitam.

Tuan (apud CARLOS, 2007) reforça essa ideia dizendo que:

Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar.

De acordo com Leite (2012), a fenomenologia chega à geografia brasileira através dos estudos de Tuan. Ao longo de seus estudos, o mesmo categoriza os conceitos de espaço e lugar como cruciais para suas análises. Então, é por meio da produção de Tuan que o lugar deixa de ter um sentido puramente espacial e incorpora a vivência dos indivíduos como forma de composição da realidade.

Dessa maneira, no surgimento dessa corrente, o lugar assume o papel de conceito-chave mais relevante da geografia. A paisagem torna-se um conceito revalorizado, enquanto o espaço ganha o significado de espaço vivido. Então, percebe-se que a subjetividade, o sentimento, as experiências e o apreço passam a ser pontos-chave na análise do espaço.

Leite (2012, p. 56) afirma que:

Enfim, a fenomenologia se manifesta pela constatação de que o espaço se constitui lugar para o sujeito, na medida em que é produto da experiência humana, que produz significados, os quais são construídos por referências afetivas desenvolvidas ao longo da vida, por meio da convivência.

Dessa forma, entende-se que cada indivíduo tem uma percepção do mundo e se relaciona com ele a partir das vivências experimentadas no mesmo, ou seja, o lugar é tido como produto da experiência humana. Sejam essas experiências positivas ou negativas, são elas que vão determinar o grau de pertencimento e sentimentos da pessoa.

Na concepção histórico-dialética, lugar pode ser considerado no contexto da globalização. Nessa concepção, não existe a possibilidade de haver uma dissociação do lugar com o espaço geográfico. O que há de específico nas particularidades de um lugar é reflexo de uma produção global do espaço. Carlos (apud CAVALCANTI, 2010, p. 90) analisa que:

O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. Deste modo o lugar se apresentaria como o ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento. Só é possível o entendimento do mundo moderno a partir do lugar na medida em que este for analisado num processo mais amplo.

Compreendido aqui como um produto do trabalho da sociedade ao longo de diversos momentos históricos, esse espaço se constitui em um processo de escala mundial. Essa dimensão não pode ser considerada concreta: o lugar, nesse contexto, aparece com a materialização da produção desse espaço. Carlos (2007, p. 52) reafirma isso ao destacar que:

O lugar permitiria entender a produção do espaço atual uma vez que aponta a perspectiva de se pensar seu processo de mundialização. O lugar abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço. Ao mesmo tempo, posto que preenchido por múltiplas coações, expõe as pressões que se exercem em todos os níveis.

Nesse sentido, para uma compreensão do processo de produção do espaço, que possui uma abrangência mundial, analisa-se o lugar, que é onde essa produção do espaço se torna concreta, ao mesmo passo que se materializa, se reinventa e produz novos significados para esse lugar.

A terceira perspectiva, proposta citada por Cavalcanti (2010), é a da discussão de lugar na perspectiva pós-moderna da geografia. Essa perspectiva coloca em questão a noção de

totalidade para a explicação do lugar. O lugar, neste caso, não seria explicado pela sua relação com a totalidade, visto que “o todo desapareceria e cederia espaço ao fragmento, ao micro, ao empírico individual”. Silveira apud Cavalcanti (2010, p. 90) explicita que:

[...] a totalidade é uma categoria tautológica, que revela um novo determinismo geográfico. A única coisa que tem existência empírica, e, portanto, é possível se analisar, é o lugar, o fragmento, o indivíduo. A totalidade só pode ser uma ideia, a soma dos fragmentos, mas muito dificilmente uma realidade empírica [...] (idem, ibidem, p. 204)

Então, o lugar, nesse contexto, é analisado a partir da desconstrução da totalidade para a compreensão de uma realidade mais individual.

Nesse sentido, a partir das mais distintas significações da geografia sobre o conceito de lugar, percebe-se que o conceito que deve ser trabalhado no 6º ano do Ensino Fundamental traz uma carga de grande importância, não apenas para localizar o indivíduo no espaço, mas também para trabalhar no seu lugar questões mais intrínsecas que estão ligadas a valores, sentimentos e pertencimento. É nessa etapa que os conceitos mais básicos da disciplina geográfica, como espaço geográfico, território, lugar e paisagem são trabalhados. E o lugar, que aparece como destaque nesta pesquisa, desenvolve questões ligadas à parte mais pessoal, cotidiana e subjetiva do indivíduo. É a partir do estudo deste conceito que o aluno pode perceber qual o seu lugar no mundo, pode desenvolver suas habilidades mais críticas e sua intervenção na realidade em que vive, se apropriando dos espaços contidos no seu bairro, na sua cidade, e, por fim, do seu lugar.

## 2.2 A Identidade no Ensino da Geografia

Como a geografia se apresenta como a ciência que estuda o espaço geográfico e suas relações históricas, sociais, políticas, econômicas e naturais, a disciplina escolar não foge a essa realidade, e deve possibilitar que seus alunos compreendam o lugar em que vivem de forma mais ampla, para que, além de ter ciência da realidade que os cerca, possam intervir nessa realidade.

Quando se estuda o seu lugar de vivência, apresentam-se as relações históricas ali presentes, ou seja, entende-se como o passado auxilia no entendimento do presente e assim sucessivamente. É possível entender, por exemplo, a migração e os tipos de cultura que se têm na localidade. Essa interlocução de fatores contribui para o entendimento que as pessoas têm da sua realidade e da sua história.

Partindo disso, o conceito de identidade pode explicar essas relações espaciais e sociais nos lugares. De acordo com o dicionário, identidade<sup>2</sup> significa a “circunstância de um indivíduo ser aquele que diz ser ou aquele que outrem presume que ele seja”. É possível simplesmente definir identidade como aquilo que se é. No entanto, no âmbito da geografia e dos estudos sociológicos, encontram-se diversificadas significações sobre esse conceito. Para o estudo do conceito de lugar, a identidade é um dos elementos mais importantes.

Silva (2000) afirma que a identidade tem a ver com aquilo que a pessoa de fato é, como por exemplo: “sou brasileiro”, “sou negro” – trazendo para a pesquisa, “sou belforroxense”. Para o autor, a identidade assim concebida parece ser uma positividade daquilo que se é independente. Sendo assim, a identidade é considerada autoafirmativa. Além disso, o autor utiliza a identidade com o par dialético da diferença. Nesse caso, como negação daquilo que não se é. Para tanto, pode-se afirmar que identidade e diferença são indissociáveis. Silva (2000, p. 75) explica melhor isso dizendo que:

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/identidade>. Acesso em: 21 de abril de 2018.



[...] a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos.

Então, de acordo com Silva, a identidade, resumidamente, vai se referir àquilo que se é, enquanto a diferença vai se referir àquilo que não se é.

De acordo com Carlos (2007, p. 50):

A identidade é um fenômeno relacional. Seu aparecimento advém de uma interação de elementos, nesse caso de indivíduos com seus lugares, com formas de vida e com modos de expressão. Implica um sentimento de pertinência com o qual um indivíduo vai se identificando, vai construindo familiaridade, afetividade, seja um bairro, um estado, uma área.

O sentimento de pertencer a um lugar, reconhecendo seus costumes e símbolos, está intrinsecamente ligado à identidade do indivíduo, identidade esta que é ou deve ser construída historicamente e socialmente ao longo da vida a partir das vivências do indivíduo com dada realidade.

Nesse sentido, a escola se torna uma instituição privilegiada, na medida em que permite que seus alunos estejam em contato com diferentes visões de mundo, além de proporcionar ao educando um olhar diferenciado sobre o seu mundo. É importante que, ao trabalhar com identidade, o professor consiga, a partir das experiências da sua turma, mostrar para além de uma visão local, fazendo com que o aluno perceba a diferença em um sentido mais plural do mundo, sempre relacionando o local-global, para que o estudante perceba como o seu local se relaciona com os acontecimentos da sociedade em geral, para que, a partir daí, ele consiga responder às suas indagações.

Silva (2000) fala sobre as identidades nacionais e explicita que as mesmas são criadas de forma imaginada para que sejam criados laços imaginários que permitam ligar as pessoas, ou seja, como se houvesse a criação de um eixo para que pessoas sem algum tipo de ‘sentimento’ se relacionem por algo em comum. Nesse âmbito é que são criados os símbolos nacionais: hinos, bandeiras e brasões, a fim de rotular uma determinada comunidade imaginária. Na criação de municípios não acontece diferente: quando um município é criado ou emancipado, são propostos novos símbolos que representem aquela criação. É a partir dessas representações que o indivíduo constrói a sua identificação com aquele lugar.

Ao analisar a atual situação do município de Belford Roxo, área de estudo incluída nessa pesquisa, percebe-se uma tentativa de quebra de identidade, uma tentativa de exclusão de uma memória e de um histórico anterior da cidade com a destruição de praças, pontos de ônibus, construções e símbolos que representam a história do município. Woodward (2000, p. 8) explicita que “essas identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas estão representadas.”

A Lei Orgânica Municipal de Belford Roxo, aprovada em 13 de agosto de 1993 pela Câmara Municipal do município, explicita em seu Título II, CAPÍTULO I, Art. 7º §3º que “a alteração dos símbolos municipais só poderá ser feita mediante consulta popular, com a aprovação da maioria absoluta da população”. No entanto, o prefeito Wagner Carneiro propôs uma emenda à Lei Orgânica de mudança dos símbolos da cidade. A emenda, aprovada pela Câmara Municipal em 6 de fevereiro de 2017, altera o parágrafo 1º do artigo 7º da lei, parágrafo que consta a redação do brasão da cidade.

Da mesma forma, no dia 6 de setembro de 2017, o prefeito revogou a lei de nº 571, de 27 de fevereiro de 1997, que instituía o dia 20 de junho como feriado em alusão ao assassinato do primeiro prefeito da cidade, e também alterou o anexo da lei nº 15 de setembro de 1993, que dispunha sobre o hino municipal, alterando, assim, mais um símbolo do município. Percebe-se

que essas alterações não tiveram participação ou consulta popular: foram feitas de forma restrita no gabinete do governo e impostas à população de forma vertical.

A mudança das formas de representações simbólicas é o cerne da questão nessa pesquisa, pois é possível perceber uma tentativa de anulação de representações de governos anteriores, e, para tanto, gerando o desaparecimento de uma antiga identidade para a criação e/ou surgimento de uma nova. Essa tentativa se iniciou a partir do derrubamento de um monumento simbólico, que foi o pórtico de entrada do município, e posteriormente a mudança no hino, brasão, bandeira e lema da cidade. O que deve ser levado em consideração e que vale ressaltar é a inclusão dos moradores do município na construção dessa nova identidade.

Silva (2000, p. 97) reitera dizendo que:

A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder.

A cidade é marcada por encontros e desencontros, por conflitos, desigualdades sociais, injustiças ambientais e tantas outras questões. Belford Roxo é um município que tem passado por inúmeras políticas, resultado de uma organização implantada pelo atual governo (2017).

O pórtico que ficava localizado na entrada da cidade pela Rodovia Presidente Dutra sempre foi um ponto de referência. Para alguns moradores, um símbolo importante, que representava a identidade do lugar. Em relação à identidade, trata-se aqui como a identificação que o indivíduo tem com a localidade, seja a partir de símbolos ou signos. Para Cardoso (2006, p. 98):

A identidade não é fixa, não nasce isolada, não é um “fardo” que carregamos ao nascer, ela não é imposta pelo lugar. A identidade é co-produzida, isto é, construímos e reconstruímos à medida que as relações para com os outros e para com os lugares vão sendo estabelecidas, o que inclui os jogos de relações de poder e símbolos. Ela não se dá somente pela diferença entre o nós e os outros, mas pelas maneiras desiguais seguindo as quais as pessoas se apropriam dos símbolos e dos signos.

Percebe-se que as relações que estão fomentadas nos diferentes espaços, juntamente com a sociedade, fazem com que os lugares estejam em constante movimento, ou seja, em um mesmo espaço estão diferentes realidades. Ainda para Cardoso (2006, p. 105), ao afirmar uma realidade, estamos reafirmando uma diferença, como, por exemplo, asfalto e favela, nós e eles, fora e dentro, entre tantas outras.

Desta forma, compreende-se que os pensamentos e formas de ver e sentir não são os mesmos. O ambiente escolar possibilita, por exemplo, discussões pautadas nas diferentes lutas e reivindicações sociais. Mediante a isto, é possível trabalhar os conflitos entre os mais diversos grupos sociais, englobando questões políticas, econômicas e culturais, que devem ser ressaltadas no contexto da sala de aula.

No 6º ano do Ensino Fundamental, por exemplo, o professor pode pedir que os alunos apontem os lugares que apresentam uma relação de importância em sua vida, ou mesmo os símbolos que são representativos. A partir daí, cabe ao professor enfatizar a relevância do que é representativo para o aluno, até mesmo para conhecê-lo e compreendê-lo. Woodward (2000, p. 17) afirma que:

A representação inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido a nossa experiência e aquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

Partindo desse pensamento, a identidade tem relação com a vivência do indivíduo, a realidade na qual está inserido, o grupo ou classe social à qual pertence e as suas experiências individuais e coletivas.

A identidade pode ser subjetiva e não trazer as mesmas especificidades de lugar, de visão de mundo, de indivíduo. Olhando sob o ponto de vista global, percebe-se que diversos fatores econômicos, políticos e culturais tentam unificar os indivíduos, o seu modo de vestir, comer e se expressar, trazendo uma ideia de modernidade. No entanto, são mudanças nos padrões e costumes para se consumir mais e produzir novas identidades. Pensar em uma cultura homogênea é distanciar e negar a trajetória daqueles que têm suas identidades locais e nacionais.

Nesse sentido, é de extrema importância fazer chegar ao conhecimento dos indivíduos. Nesse caso, o espaço propício é a escola; o conhecimento sobre o seu lugar, para além do senso comum, das reportagens sobre aumento de violência, falta de estrutura e atraso de pagamento de funcionários que os mesmos têm constantemente visto pelas televisões. A disciplina geográfica pode, a partir dos seus conteúdos, abrir as discussões sobre a história do lugar e os seus aspectos mais gerais, para então promover a valorização e a busca dos espaços públicos de lazer que fujam do que está posto e enraizado na sua mentalidade.

Por esse motivo, é importante que essas questões locais/globais envolvendo tempo-espaço sejam resgatadas no ambiente escolar para que os alunos consigam compreender os processos de transformação, globalização e conflitos relacionados ao mundo contemporâneo a partir da conceituação de identidade.

### **2.3 Lugar e Identidade nos Documentos Oficiais da Educação**

O conteúdo que chega ao aluno em sala de aula perpassa por todo um processo de elaboração, estudos e discussões. O currículo é um material de extrema relevância para o professor, pois é através dele que o mesmo toma conhecimento dos conteúdos que deverão ser desenvolvidos ao longo do ano. É importante ressaltar que esses conteúdos são selecionados a partir de uma base ideológica, moldados a partir da necessidade de que chegue à população o que o governo pretende ao ensinar o que é proposto.

Cabe ao professor, como mediador dessa teoria conceitual, transpor a barreira do científico e possibilitar ao estudante a relação com esse conhecimento que se diz científico, mas que se articula à prática cotidiana de sua vivência. É comum perceber a falta de correlação e associação de uma temática global, por exemplo, com uma local. É importante destacar que o cotidiano do aluno não está necessariamente explícito no currículo, e, por isso, o professor precisa fazer essa mediação.

Dentre diversos documentos e currículos elaborados para que se tenha uma coerência do que se ensina na escola, estão os de escala nacional, que são os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1997) e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram criados em 1997 pelo Ministério da Educação com o objetivo principal de orientar os educadores e normatizar alguns fatores fundamentais concernentes ao currículo de cada disciplina desde o Ensino Fundamental até o Médio. A Base Nacional Comum Curricular teve sua última publicação em 22 de dezembro de 2017. Foi publicada na Resolução CNE/CP nº 2, com o objetivo de padronizar conteúdos básicos que devem ser ensinados em todo o território nacional, e que correspondem ao currículo mínimo obrigatório de todas as escolas.

No Ensino Fundamental, ambos os documentos são separados de forma disciplinar e por série/ciclo. Na BNCC, o conteúdo se apresenta de forma disciplinar e seriada, sendo assim, é possível analisar o currículo comum nacional para o segundo segmento do Ensino Fundamental por séries, ou seja, do 6º ao 9º ano de escolaridade. Os PCNs apresentam o conteúdo disposto de forma disciplinar e cíclica, onde o 6º ano de escolaridade aparece juntamente com o 7º em um mesmo exemplar, que contém as competências necessárias para o segundo segmento do Ensino Fundamental, procedido pelo 8º e 9º ano de escolaridade.

O interesse desse trabalho segue em torno do 6º ano de escolaridade, segunda etapa do Ensino Fundamental. Nesse sentido, analisa-se nessa etapa da pesquisa como os conceitos de identidade e lugar aparecem nos documentos, mais especificamente no exemplar de geografia.

A disciplina geográfica exerce o papel de tornar o mundo compreensível e significativo para os alunos. Portanto, as temáticas com as quais a Geografia trabalha atualmente preocupam-se com essas questões. Pode-se encontrar uma farta bibliografia sobre várias questões que são propostas como tema de estudo da Geografia e que aparecem prioritárias nos Parâmetros Curriculares Nacionais e na Base Nacional Comum Curricular, sendo o lugar destacado como uma das categorias relevantes no processo ensino-aprendizagem dessa disciplina.

O lugar, assim como o território, é historicamente produzido pelo homem, à medida que organiza econômica e socialmente sua sociedade. A percepção espacial de cada indivíduo é marcada também por laços afetivos e referências socioculturais. Desta forma, o homem é visto historicamente como sujeito produtor desse espaço, que, de acordo com a perspectiva econômica e política, influenciam seus valores no processo de produção de seu espaço (BRASIL, 1997).

Nesse caso, o homem aparece como o construtor do espaço geográfico, e, da mesma forma, sendo ele cultural e social, imprime na sociedade os seus valores. O ensino da geografia, então, tem como um dos objetivos despertar no aluno o sentimento de pertencimento à sua realidade local a partir do conceito de lugar.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 27), o espaço aparece como o objeto central de estudo da geografia, e o lugar como uma das categorias que deve ser abordada como desdobramento deste objeto central:

No que se refere ao ensino fundamental, é importante considerar quais são as categorias da Geografia mais adequadas para os alunos em relação a essa etapa da escolaridade e às capacidades que se espera que eles desenvolvam. Assim, espaço deve ser o objeto central de estudo, e as categorias território, região, paisagem e lugar devem ser abordadas como seu desdobramento.

Então, o lugar como categoria a ser trabalhada na disciplina geográfica traduz os espaços com os quais as pessoas têm afetividade: seja uma praça onde se brinca desde criança, a janela de onde se vê a rua, o alto de uma colina de onde se avista a cidade. O lugar tem a ver com as referências pessoais e o sistema de valores que direciona as diferentes formas de perceber e constituir a paisagem e o espaço geográfico (BRASIL, 1997).

Diante da proposta curricular contida nos PCNs para geografia, que é trabalhar com o lugar no mundo, foram criados os eixos temáticos da disciplina, elaborados seguindo o mesmo objetivo. O quadro a seguir mostra os eixos temáticos propostos para o terceiro ciclo:

## **Eixos Temáticos – PCNs – Geografia**

### **Quadro 1**

- A Geografia como uma possibilidade de leitura e compreensão do mundo.
- O estudo da natureza e sua importância para o homem.
- O campo e a cidade como formações socioespaciais.
- A cartografia como instrumento na aproximação dos lugares e do mundo.

Adaptado por: Tamires Santana, 2018. Parâmetros Curriculares Nacionais. v. 5. Geografia – Geografia 6º Ano.

Os eixos temáticos dão conta de temáticas bem gerais e atuais que permitem que o local e o global sejam vistos dentro de uma mesma ótica. Nesse sentido, essas temáticas propiciam uma profunda reflexão sobre um contexto na ordem mundial, mas com especificidades que compreendem a diversidade de paisagens e lugares onde o modo de vida, a cultura e a natureza interagem (BRASIL, 1997).

O trabalho com imagens, representações e símbolos de um determinado lugar é crucial em sala de aula para o entendimento do seu lugar no mundo: o aluno consegue compreender melhor seus vínculos afetivos, e, a partir daí, faz uma correlação global, assim como explicitam os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 57):

O estudo do meio, o trabalho com imagens e a representação dos lugares próximos e distantes são recursos didáticos interessantes, por meio dos quais os alunos poderão construir e reconstruir, de maneira cada vez mais ampla e estruturada, as imagens e as percepções que têm da paisagem local e agora também global, conscientizando-se de seus vínculos afetivos e de identidade com o lugar em que vivem.

O quadro a seguir apresenta alguns objetivos retirados dos PCNs – Geografia:

### **Objetivos – PCNs – Geografia**

#### **Quadro 2**

- Reconhecer que a sociedade e a natureza possuem princípios e leis próprios e que o espaço geográfico resulta das interações entre elas, historicamente definidas;
- Compreender a escala de importância no tempo e no espaço do local e do global e da multiplicidade de vivências com os lugares;
- Reconhecer a importância da cartografia como uma forma de linguagem para trabalhar em diferentes escalas espaciais as representações locais e globais do espaço geográfico;
- Compreender que os conhecimentos geográficos que adquiriram ao longo da escolaridade são parte da construção da sua cidadania, pois os homens constroem, se apropriam e interagem com o espaço geográfico nem sempre de forma igual;
- Perceber na paisagem local e no lugar em que vivem as diferentes manifestações da natureza, sua apropriação e transformação pela ação da coletividade, de seu grupo social;
- Reconhecer e comparar a presença da natureza, expressa na paisagem local, com as manifestações da natureza presentes em outras paisagens;
- Reconhecer, no seu cotidiano, os referenciais espaciais de localização, orientação e distância, de modo que se desloque com autonomia e represente os lugares onde vivem e se relacionam;

Adaptado por: Tamires Santana, 2018. Parâmetros Curriculares Nacionais. v. 5. Geografia – Geografia 6º Ano.

Partindo desses objetivos e do propósito da disciplina geográfica, entende-se que muitos conteúdos poderão se desdobrar a partir desses parâmetros, e cabe à escola, como lugar de produção de conhecimento, criar meios para que os aspectos de reconhecimento e valorização do lugar proporcionem ao aluno os elementos para a construção da sua identidade com o seu lugar.

Na Base Nacional Comum Curricular, os conceitos de lugar e identidade aparecem logo no início da proposta, como mostra a tabela a seguir:

**Conteúdo de Geografia – BNCC**  
**Tabela 2 (Continua)**

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
<b>O sujeito e seu lugar no mundo</b>	Identidade sociocultural	(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos. (EF06GE02) Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários.
<b>Conexões e escalas</b>	Relações entre os componentes físico-naturais	(EF06GE04) Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal. (EF06GE05) Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais.  (EF06GE03) Descrever os movimentos do planeta e sua relação com a circulação geral da atmosfera, o tempo atmosférico e os padrões climáticos.
<b>Mundo do trabalho</b>	Transformação das paisagens naturais e antrópicas	(EF06GE06) Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização. (EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades.
<b>Formas de representação e pensamento espacial</b>	Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras	(EF06GE08) Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas. (EF06GE09) Elaborar modelos tridimensionais, blocos-diagramas e perfis topográficos e de vegetação, visando à representação de elementos e estruturas da superfície terrestre.
<b>Natureza, ambientes e qualidade de vida</b>	Biodiversidade e ciclo hidrológico	(EF06GE10) Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros etc.) e de apropriação dos recursos hídricos (sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares.

	(EF06GE11) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo.
	(EF06GE12) Identificar o consumo dos recursos hídricos e o uso das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo, enfatizando as transformações nos ambientes urbanos.
Atividades humanas e dinâmica climática	(EF06GE13) Analisar consequências, vantagens e desvantagens das práticas humanas na dinâmica climática (ilha de calor etc.).

### Conteúdo de Geografia – BNCC

#### Tabela 2. Continuação

Adaptado por: Tamires Santana, 2018. Base Nacional Comum Curricular. Geografia – 6º Ano.

Analisando a tabela, percebe-se que o conceito de lugar aparece como uma unidade temática denominada “o sujeito e o seu lugar no mundo”. Deste modo, pode-se entender, a partir das habilidades propostas, que nesta etapa de ensino devem ser criadas oportunidades e situações em que permitam que o aluno analise os seus espaços de vivência a partir das transformações do espaço ao longo do tempo, daí a importância da percepção do espaço-tempo para a compreensão da realidade. Além disso, é proposto também que o aluno analise as transformações desse espaço observando as sociedades e os povos originários. A identidade, nesta visão, aparece como um objeto de conhecimento.

Ainda analisando os conteúdos para essa etapa, percebe-se que o conceito de lugar pode ser trabalhado também a partir da temática da industrialização, pois, a partir da formação das cidades, é possível aproximar o conteúdo à realidade do estudante. Pela mesma razão, o lugar pode ser trabalhado não só a partir dos fenômenos sociais, mas também a partir dos aspectos naturais através das transformações da biodiversidade local.

Na BNCC, a descrição dos conteúdos propostos para os Anos Finais do Ensino Fundamental explicita que o documento propõe conteúdos que buscam

[...] expandir o olhar para a relação do sujeito com contextos mais amplos, considerando temas políticos, econômicos e culturais do Brasil e do mundo. Dessa forma, o estudo da Geografia constitui-se em uma busca do lugar de cada indivíduo no mundo, valorizando a sua individualidade e, ao mesmo tempo, situando-o em uma categoria mais ampla de sujeito social: a de cidadão ativo, democrático e solidário. Enfim, cidadãos produtos de sociedades localizadas em determinado tempo e espaço, mas também produtores dessas mesmas sociedades, com sua cultura e suas normas. (BNCC, 2017, p. 360)

Nesse sentido, nota-se uma preocupação dessa ponte entre o conteúdo e a sua significação e utilização, a fim de que, para além de adquirir um conhecimento, o aluno consiga aplicar isso em situações e problemas de sua vida cotidiana. É importante ressaltar que são destacados, dentre os objetivos da BNCC, esses aspectos relacionados ao exercício da cidadania e à aplicação desse conhecimento no dia a dia. É exemplo disso o norteamento do documento ao incentivar o professor a criar possibilidades para:

estabelecer regras de convivência na escola e na comunidade; discutir propostas de ampliação de espaços públicos; e propor ações de intervenção na realidade, tudo visando à melhoria da coletividade e do bem comum. (BNCC, 2017, p. 379)

Desse modo, no 6º ano, é proposta a retomada da identidade sociocultural, para que seja trabalhado o reconhecimento dos lugares de vivência e a necessidade do estudo sobre os diferentes e desiguais usos do espaço, para uma tomada de consciência sobre a interferência do indivíduo em sua realidade.

Tanto a Base Nacional Comum Curricular quanto os Parâmetros Curriculares Nacionais evidenciam a importância de se trabalhar com o espaço vivido pelo aluno, para que o mesmo desenvolva uma identidade com o seu lugar, e, a partir da sua realidade, seja impulsionado a abranger o seu conhecimento numa esfera global.

Conclui-se que o ensino de geografia proporciona ao aluno que se torne um cidadão que se (re)conhece no seu lugar, identificando seus potenciais e fragilidades e sendo capaz de reivindicar seus direitos. Para isso, é importante que o currículo contemple essas temáticas, a fim de dar suporte ao professor nos desdobramentos dessas questões no âmbito escolar.



## **CAPÍTULO III: “DO VELHO BREJO AO NOVO TEMPO”: O MUNICÍPIO DE BELFORD ROXO NA VISÃO DOS ALUNOS DO CENTRO EDUCACIONAL ELION**

O município de Belford Roxo concentra pouquíssimas produções acadêmicas e científicas que façam um estudo da sua realidade. Por esse motivo, o presente capítulo tem por objetivo apresentar o município desde a sua localização, bem como sua trajetória histórica, quando ainda era distrito de Nova Iguaçu, até os dias atuais. Nesse trabalho, não se tem a pretensão de contar em detalhes toda a trajetória histórica do município, mas enfatizar momentos importantes e simbólicos do município, que são marcos na sua história. A discussão articulada neste capítulo se divide em três momentos: no primeiro, apresenta-se uma caracterização geral do município, sua localização, história e símbolos. O segundo momento apresenta o Centro Educacional Elion, escola escolhida como *locus* de discussão deste estudo. O terceiro momento traça o perfil dos alunos que contribuíram para o andamento desta pesquisa, e, por último, o quarto momento é a sistematização das atividades (oficinas) realizadas na escola em questão.

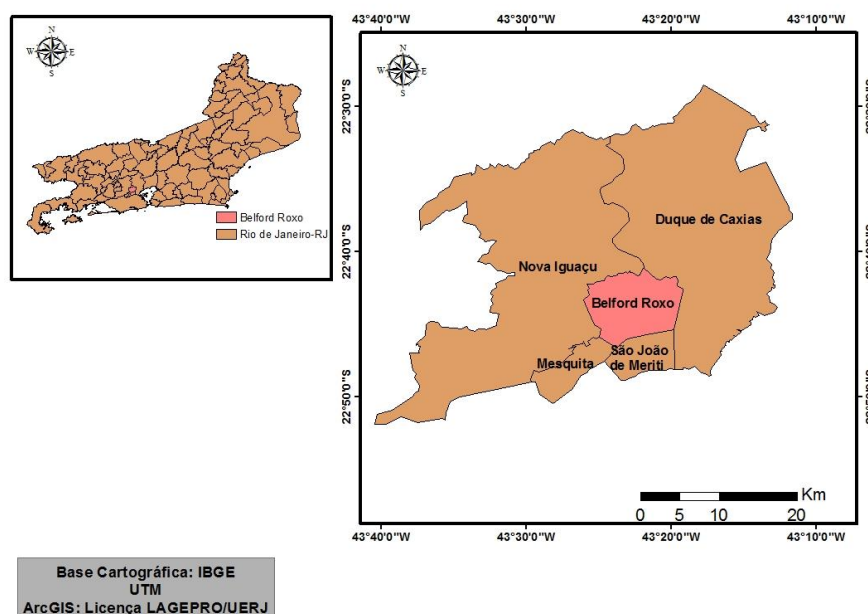
### **3.1 O Município de Belford Roxo**

O município de Belford Roxo compõe a região da Baixada Fluminense<sup>3</sup> no Rio de Janeiro, estando localizado ao norte da capital do estado. O mapa a seguir mostra a localização do município no contexto do estado do Rio de Janeiro e também destaca as cidades limítrofes (Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Mesquita e São João de Meriti):

---

<sup>3</sup> O conceito de Baixada Fluminense, ao longo dos tempos, sofre alterações e reconfigurações, de acordo com as mais diversas fontes bibliográficas. Ressalta-se aqui a composição adotada por Magalhães et al. no Almanaque da Baixada (2013), que destaca a região como sendo composta pelos municípios de Itaguaí, Seropédica, Japeri, Queimados, Nova Iguaçu, Belford Roxo, Mesquita, Nilópolis, Duque de Caxias, Magé e Guapimirim.

**Figura 1**  
**Mapa de localização do município de Belford Roxo**



Fonte: SOUZA, 2018.

A estrutura da presente pesquisa está pautada na contribuição que Belford Roxo, cidade escolhida, apresenta a partir do olhar dos educandos, que vivenciam um modo de vida urbano e produzem esse lugar na intencionalidade de compreender como a construção do conhecimento pode ser percebida a partir das transformações do espaço geográfico. Por esse motivo, esse estudo apropria-se do contexto histórico da cidade para fazer uma correlação com as modificações contemporâneas.

Mesmo antes de sua emancipação do município de Nova Iguaçu, em 1990, a cidade sofria com a falta de interesse e boa vontade política, ocasionando problemas básicos de ordens estruturais como falta de saneamento básico, falta d'água em algumas regiões, falta de coletas de lixo etc., e problemas urbanos como falta de segurança e violência exacerbada.

A história de Belford Roxo está muito atrelada ao município de Nova Iguaçu, e, inclusive, à formação da Baixada Fluminense, justamente por ter sido distrito dessa cidade por muito tempo. Localizadas às margens dos rios Meriti, Sarapuí e Iguaçu, as terras que hoje pertencem ao município de Belford Roxo apareceram no mapa pela primeira vez em 1566, mapa produzido por João Teixeira Albenaz II, quando ainda eram habitadas pelos índios Jacutingas. Ainda no século XVI, o capitão Belchior de Azeredo recebeu como sesmaria uma porção de terras às margens do Rio Sarapuí, onde fundou o engenho de Santo Antônio de Jacutinga. Ao longo dos anos, aconteceram muitos desmembramentos e reordenamentos do território da Baixada Fluminense, até chegar às configurações atuais, assim como afirma Pereira (2013):

No limiar do século XVII, o engenho de Santo Antônio de Jacutinga foi desmembrado, surgindo, então, o engenho Maxambomba (Nova Iguaçu) e o engenho da Poce (da Posse). No século XVIII, um novo desmembramento - dessa vez, nas terras do engenho do Maxambomba - fez surgir o engenho Caxoeira (Mesquita), em terras que pertenceram ao governador do Rio de Janeiro, Salvador Correia de Sá e Benevides. Por mais de duzentos anos, as terras mantiveram-se, por sucessão

hereditária, sob o controle dos herdeiros de Salvador Correia de Sá e Benevides, a família Correia Vasques.

Ressalta-se ainda a importância dos aspectos físicos da área com a predominância do Rio Sarapuí, que durante esse ciclo foi fundamental para o escoamento da produção dos engenhos, assim como afirma Matain (2014, p. 20):

Em meados do mesmo século XVIII, as terras do Engenho Santo Antônio voltaram a ser desmembradas para a formação de novos engenhos. O engenho do Brejo era cortado pelo rio Sarapuí, e como quase toda a Baixada Fluminense, suas terras eram cercadas por pântanos e brejais. Possuía ainda um porto para escoamento da produção de açúcar, arroz, feijão, milho e aguardente, cujo engenho fazia parte da freguesia de Santo Antônio de Jacutinga.

Assim como em toda a Baixada Fluminense, a construção da Estrada de Ferro Rio do Ouro (EFRD) em 1883 ocasionou o surgimento de povoações, vilas e cidades às suas margens. A Estrada de Ferro era utilizada para escoamento da produção da agricultura e dos produtos produzidos na localidade, e a proximidade facilitava o escoamento dessa produção.

Uma grande estiagem atingiu todo o Rio de Janeiro no ano de 1888, causando falta d'água em vários pontos do estado, principalmente na cidade do Rio de Janeiro. Nesse momento da história, Belford Roxo, que ainda era chamado de Brejo, estava prestes a receber a denominação atual. Para solucionar o problema da falta d'água, o engenheiro Paulo de Frontin sugeriu captar água nas serras do Tinguá, Rio d'Ouro e São Pedro.

Com a construção de aquedutos às margens de uma ferrovia, construída também com o objetivo de levar água à corte, foi possível a captação de mais de 15 milhões de metros cúbicos de água para abastecer a corte, que ficava na cidade do Rio de Janeiro. Tal feito ficou conhecido como “Milagre das Águas”.

O nome do município tem origem nesse acontecimento, de acordo com Magalhães et al. (2013, p. 20):

Na pequena vila do Velho Brejo foi instalada uma das estações ferroviárias. Nela trabalhava um dos colaboradores de Paulo de Frontin, o engenheiro inspetor geral de Obras Públicas, Raymundo Teixeira Belfort Roxo, que veio a falecer um ano depois do Milagre das águas. Em homenagem a esse engenheiro, o Brejo teve seu nome mudado, trocando apenas a última letra de “t” para “d”, ficando assim denominado Belford Roxo.

O município recebeu inúmeras denominações desde que era apenas uma vila, depois distrito, e, por fim, com sua emancipação, um município. Desde então, Santo Antônio de Jacutinga, Ipueras, Calhamaço, Brejo, e, enfim, Belford Roxo, tem sua expansão urbana atrelada à expansão da linha férrea. Após inúmeras reivindicações, a estação ferroviária construída no episódio do “Milagre das Águas” se torna transporte coletivo.

Simões (2011, p. 127) afirma que:

A estação de ferro de Belford Roxo ganha importância a partir do momento em que será o local da primeira bifurcação da EFRD para o ramal Xerém Mantiqueira, e quando se inaugura o serviço de passageiros em 1886. A partir daí inicia-se um lento processo de urbanização que é freado pela presença da citricultura ao longo do ramal, a semelhança da vizinha Nova Iguaçu. Mesmo quando o trem passa a vir pela linha auxiliar em 1910 a urbanização não se acelera, pois os loteamentos não ultrapassam o rio Sarapuí.

No entanto, Simões (2011) acrescenta que em 1966, com a desativação do ramal e a retirada dos trilhos da EFRD, Belford Roxo passa a ser a estação terminal e ganha importância como ponto de baldeação, além de acentuar sua influência sobre os bairros surgidos ao longo da EFRD. Nesse momento, houve um intenso processo de ocupação e crescimento da população, primeiramente no centro, e posteriormente nos bairros que surgiram com os loteamentos.

Como já explicado, a expansão da cidade se deu a partir das margens da ferrovia. Nesse sentido, é importante ressaltar que o centro comercial e a sede do município, até os dias atuais, não ficam localizados geograficamente no centro. Apesar de algumas tentativas de modificar o centro, uma vez que este já não tem estrutura para atender a demanda populacional, a ideia ainda não foi colocada em prática. Nos arredores da estação ferroviária, encontra-se a estrutura mínima para atender as demandas da população, como bancos, lojas, clínicas médicas e inclusive a sede da prefeitura. No entanto, a busca por municípios vizinhos ainda é grande, devido ao fato do setor de serviços de Belford Roxo continuar precário.

Apesar de ter em seu território empresas de grande porte como a Bayer do Brasil, Itapemirim Cargas, Lubrizol, Carrefour etc., a maior parte da população se desloca até os municípios vizinhos, como Nova Iguaçu e Duque de Caxias, e para o centro da cidade do Rio de Janeiro para trabalhar, retornando ao final do dia para suas casas. Além do transporte ferroviário, a principal rodovia que corta o município e serve, inclusive, para o desenvolvimento da cidade, é a BR-116 – Rodovia Presidente Dutra. Nesse sentido, o movimento pendular diário que os moradores do município fazem tem como principais vias a ferroviária, com o ramal Belford Roxo – hoje administrado pela Supervia –, e o transporte rodoviário coletivo.

Em termos administrativos, o município de Belford Roxo se tornou distrito de Nova Iguaçu com a denominação atual em 1938, através do Decreto Estadual nº 641. Em 1943, perdeu parte de seu território para o município de Duque de Caxias (Decreto-Lei Estadual nº 1.055), e, por fim, em 3 de abril de 1990 é emancipado e se constitui como município, sendo instalado apenas em 1º de janeiro de 1993. Desde a sua emancipação, o embate político parece ter sido o causador do seu atraso em relação às demais cidades da Baixada Fluminense, com falta de infraestrutura mínima, como saneamento básico e acesso à saúde. Ao longo de tantos anos de emancipação, pouco se avançou na oferta de escolas, hospitais, saneamento básico, investimento em setores da economia etc. Todas essas questões fizeram com que, ao longo do tempo, o município não fosse visto de maneira positiva nem pelos moradores, nem por pessoas de fora.

Em janeiro de 2017, com a posse do prefeito Sr. Wagner Carneiro – ou ‘Waguinho’ –, o município tem passado por inúmeras transformações urbanas: o governo busca acabar com o estereótipo de município pobre, atrasado e feio, e tem investido em obras de infraestrutura e estética da cidade, asfaltamento das ruas, limpeza dos espaços públicos, pintura de boa parte da cidade, manutenção de hospitais e escolas, além de parcerias com a iniciativa privada no setor de serviços para conseguir maiores investimentos.

Percebe-se que o novo governo tem o objetivo de construir uma nova identidade para o município, uma vez que o slogan desse governo é “Construindo um Novo Tempo para Belford Roxo”. Com isso, o mesmo vem tentando desconstruir todos os resquícios dos governos anteriores ao dele. Esse prefeito, em sua propaganda de governo, enfatiza que quer que os habitantes tenham orgulho de morar em Belford Roxo. Desde o início do seu governo, o município, além de mudanças estéticas, teve modificações nos seus símbolos, como no brasão da cidade, no hino e na entrada da cidade, com a derrubada do pórtico, localizado às margens da Via Dutra, que era um símbolo desde a emancipação, e, inclusive, existem rumores sobre uma possível mudança do nome do município.

A partir dessa tentativa de se criar uma nova identidade para os moradores de Belford Roxo com a qual se identifiquem e tenham prazer em pertencer, o plano desse governo prevê a

reforma de diversas praças e a abertura da fazenda do Brejo como uma área histórica e de lazer. Percebe-se, assim, um esforço para mostrar uma nova estampa para a cidade.

Nas discussões em torno do conceito de identidade, observa-se que, a partir do sistema de representação, os símbolos e significados são produzidos pelo sujeito, assim como afirma Woodward (2000, p. 17):

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar.

Então, é por meio desses significados que o indivíduo obtém respostas para seus questionamentos de quem é, quem poderia ser e quem quer ser. Parte desses princípios, então, a sua identidade.

Os símbolos de uma cidade geralmente são um brasão, um hino e uma bandeira, e são justamente os símbolos os escolhidos para trabalhar durante essa pesquisa. Foram escolhidos três símbolos representativos que passaram por mudanças nessa tentativa de uma nova identidade proposta pelo prefeito Wagner Carneiro.

Uma das primeiras ações do governo de Carneiro foi a remoção do pórtico de entrada da cidade, que, para uma boa parcela da população, parecia ter um significado importante. A derrubada do pórtico repercutiu muito nas redes sociais, e, inclusive, nos programas de televisão, como uma tentativa de apagar os feitos do primeiro prefeito<sup>4</sup> do município, e também como um gasto desnecessário de verba pública, uma vez que há um novo projeto que está em andamento (construção do novo pórtico) e em fase de finalização, enquanto outras áreas do município merecedoras de atenção estão sem visibilidade.

Nas duas imagens a seguir, pode-se perceber a entrada do município. A figura 2 refere-se ao antigo pórtico, agora demolido, e a figura 3 ao novo pórtico, que já teve sua obra finalizada.

**Figura 2**  
**Imagem do antigo pórtico**



Fonte: <http://noticiasdebelfordroxo.blogspot.com.br/>. Acesso em: 24 de março de 2018.

<sup>4</sup> Jorge Júlio dos Santos, mais conhecido como 'Joca', foi o primeiro prefeito de Belford Roxo. O político iniciou sua carreira enquanto vereador do município de Nova Iguaçu, com votação expressiva no distrito de Belford Roxo. Nesse período em que esteve na câmara de vereadores, conseguiu obras de infraestrutura e realizou alguns feitos. Após lutar pela emancipação do distrito, Joca foi eleito o primeiro prefeito de Belford Roxo; no entanto, no início de seu mandato, o mesmo foi assassinado e substituído por Mair Rosa, que finalizou o mandato em 1997.

**Figura 3**  
**Imagem do pórtico atual**



Foto: Tamires Santana, 2018.

A cidade de Belford Roxo tem vivenciado na prática a experiência de uma mudança ou uma tentativa de mudança identitária. O discurso do atual prefeito está ligado ao modernismo, ou seja, às transformações de infraestrutura relacionadas a ‘supostas melhorias’.

Nota-se a remoção do antigo pórtico, um dos exemplos simbólicos do município, que foi construído no início da década de 1990 pelo prefeito Jorge Júlio Costa dos Santos, o Joca. Essa demolição, como mostra a imagem a seguir, parece ter sido uma estratégia para minimizar a imagem histórica da cidade, uma vez que, além do pórtico, foram derrubadas todas as praças e pontos de ônibus que seguiam esse padrão estético adotado pelo primeiro governo da cidade. A seguir, a imagem da demolição do antigo pórtico:

**Figura 4**  
**Imagem da demolição do antigo pórtico de entrada da cidade**



Fonte: <http://noticiasdebelfordroxo.blogspot.com.br/>. Acesso em: 24 de março de 2018.

Em rede social, no primeiro ano de sua gestão, o atual prefeito afirma que: “uma nova entrada para Belford Roxo será o símbolo de um novo tempo para a nossa cidade, tempo de colheita e de desenvolvimento econômico e social”.

Uma série de mudanças segue acontecendo, e o brasão do município, apresentado na imagem a seguir, também foi modificado: antes, as cores azuis e brancas predominavam. Atualmente, o laranja e o branco se sobressaem.

**Figura 5**  
**Brasão da Cidade (antigo/atual)**  
**Antigo Brasão**      **Novo Brasão**



Fonte: <http://noticiasdebelfordroxo.blogspot.com.br/>. Acesso: em 24 de março de 2018.

Percebem-se mudanças bastante significativas tanto na cor, quanto no formato do brasão. O antigo brasão apresenta um formato redondo e características mais gerais, em que as bandeiras hasteadas simbolizam o esporte, moradia, saúde e economia; o coração vermelho com os dizeres “paz e progresso” simboliza o lema da cidade e também a forma como era conhecida por muito tempo, como a cidade do amor. A faixa apresenta o ano em que o município foi fundado e, por fim, há uma corrente envolvendo o brasão.

No segundo mês de governo, o prefeito atual, junto com a câmara de vereadores, aprovou o novo brasão com um *layout* bem diferente do antigo. A mudança causou muita estranheza aos moradores e as opiniões foram divididas. Enquanto algumas pessoas festejavam pela retirada das correntes do brasão, que segundo eles simbolicamente representavam as amarras da cidade que impediam o município de crescer, outros protestavam pelo gasto administrativo com troca de uniformes, pintura da cidade inteira e prédios de escolas, hospitais etc.<sup>5</sup>

O brasão novo apresenta um formato de escudo, uma faixa indicando o nome do município, o ano de sua emancipação e o ano de construção do novo brasão, que, segundo o governo, é o ano de um novo tempo para Belford Roxo. Nas laterais dos escudos apresenta-se, de um lado, uma plantação de cana de açúcar, e, do outro, uma plantação de milho, representando algumas das culturas desenvolvidas a partir do século XVI, que, além de atenderem o consumo local, eram transportadas por via pluvial através da ótima malha hídrica da bacia do Rio Sarapuí e do Rio Botas. No centro do escudo, há uma divisão em que cada parte representa um ciclo ou realidade vivida pelo município.

Na primeira ilustração, apresenta-se um amanhecer do dia mostrando a força do sol sobre um relevo que representa um novo tempo para o início de uma nova história da cidade. A ilustração com laranjais ao lado de uma ferrovia remete aos anos noventa do século XIX, que

<sup>5</sup> Reportagem do *Jornal Destaque Baixada*, de 7 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.jornaldestaquebaixada.com/2017/02/alteracao-no-brasao-de-belford-roxo.html>. Acesso em: 24 de março de 2018.

marcam o início desse cultivo que proporciona à Baixada Fluminense um novo desenvolvimento econômico para a área: plantio, cultivo, beneficiamento e transporte de laranja. A ilustração de uma indústria faz alusão à instalação da Bayer do Brasil em Belford Roxo no período desenvolvimentista, contribuindo para a industrialização da região. A seguir, a ilustração de um engenho que foi fundamental para o desenvolvimento econômico e cultural de toda a região da Baixada Fluminense. Por fim, a ilustração de um rio com uma canoa transportando pessoas faz alusão ao Rio Botas e ao Rio Sarapuí. As bacias desses rios foram fundamentais para o desenvolvimento dessa região entre os séculos XVII e XIX.<sup>6</sup>

Outro símbolo que merece destaque é o hino do município. Serão apresentadas, a seguir, as duas versões.

### Hino do município de Belford Roxo (antigo/atual)

#### Quadro 3

Antigo hino de Belford Roxo	Novo hino de Belford Roxo
<p>Velho brejo, Velho Brejo! Onde o sol sempre nasceu sorrindo Como invejo a tua gente Essa gente tão sofrida, tão valente.</p> <p>Essa gente que progride Que trabalha, que estuda Essa gente que decide O que é bom para o lugar</p> <p>Que é calada e não muda Na luta, não se divide.</p> <p>Belford Roxo em sua arte Sou parte da tua parte Sou vida da tua vida.</p> <p>A canoa dos baixios De teus rios de outros cais Terra boa de outras eras Primavera, laranjais.</p> <p>Teu destino, tua história Na memória dos avós Faz o hino que te oferta Céu aberto sobre nós</p>	<p>Das fazendas e das ferrovias A esperança nasceu nesta terra gentil Nos bosques nasceram lindas flores Cultivando a semente regando o plantio</p> <p>E o sol cedo brilha com raios de amor Bate forte no peito o trabalho chegou Tens na terra o sangue de um trabalhador A herança de um povo que por ti lutou</p> <p>Minha Terra minha vida O meu canto é de louvor Cada palmo desse chão Foi Deus que abençoou</p> <p>Belford Roxo, meu orgulho O meu coração é teu És um filho tão amado O menino que cresceu</p> <p>És a fonte de água milagrosa Que nos enche de paz e terna gratidão Dos feitos do passado Sempre estão registrados em nossos corações</p> <p>E a noite chegando no entardecer As estrelas brilhando e a Luz crescer Ilumina o caminho que devo trilhar Nestas terras de sonhos eu vou alcançar</p>

<sup>6</sup> Informações disponíveis sobre o novo brasão em: <http://noticiasdebelfordroxo.blogspot.com.br/p/brasao-de-belford-roxo.html>. Acesso em: 24 de abril de 2018.



Percebe-se que a versão antiga do hino faz uma alusão ao povo que vive na cidade, que é um povo sofrido que sente as mazelas presentes no lugar, mas que sempre busca trabalhar e lutar pelos objetivos, além de ressaltar aspectos naturais como os rios, o relevo e, ainda, uma parte da economia quando fala dos laranjais.

O hino atual apresenta apenas uma visão positiva que exalta o município. Além disso, o autor usa o nome de Deus para dizer que o mesmo abençoou cada pedaço do chão do município, o que se torna uma situação complicada, pois se refere ao símbolo do município, que deve servir a todos os moradores e não a uma crença específica.

Acredita-se que a construção dessa nova identidade proposta pelo atual governo (2017) se deve ao fato da busca por uma valorização dos munícipes tanto em relação ao município, quanto ao seu próprio papel como protagonista desse cenário. Percebe-se uma necessidade de apagar o passado a partir da negação do histórico político que a cidade passou. Nesse caso, é de total importância a colaboração da escola para a inserção do aluno nesse contexto.

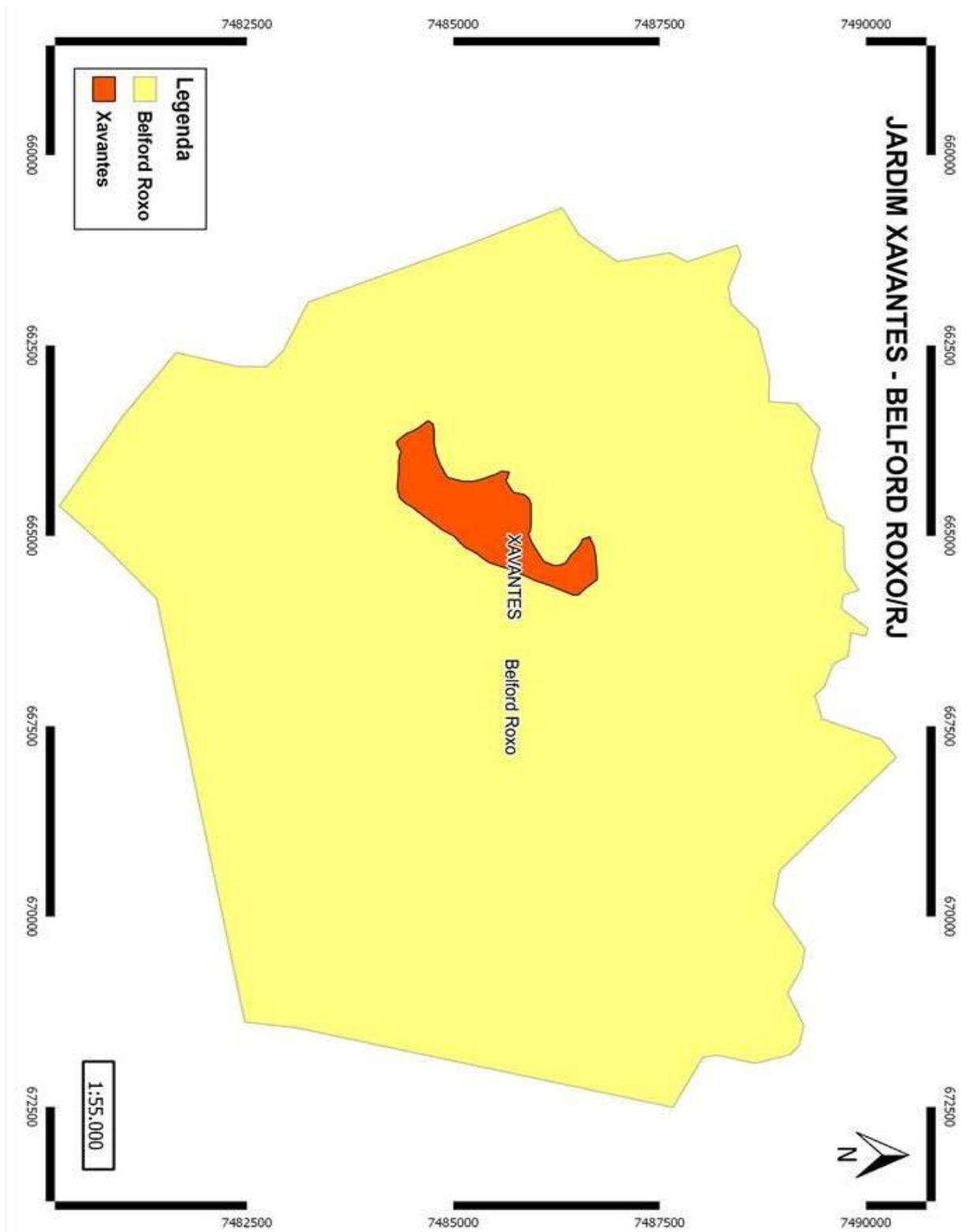
### **3.2 O Centro Educacional Elion**

A escola escolhida como *locus* de discussão deste estudo fica localizada no bairro Jardim Xavantes, bairro este que historicamente teve seu surgimento a partir da rebelião de dois negros e dois índios escravos da olaria Piam, que atravessaram o Rio Botas a nado e fundaram uma pequena olaria do outro lado do rio. Tempos depois, o que viria a se tornar o bairro ganhou o nome de Xavantes justamente em homenagem a esses dois índios.<sup>7</sup> É relevante ressaltar que todas as ruas do bairro possuem nomes de origem indígena, no entanto, percebe-se que a população não possui conhecimento sobre esses fatos. O mapa adiante localiza o bairro no município de Belford Roxo:

---

<sup>7</sup> Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zhsjD-QP9UE>. Acesso em: 7 de novembro de 2018.

**Figura 6**  
**Localização do bairro Jardim Xavantes no município de Belford Roxo**



Fonte: STUMBO, 2014. In: MATAIN, 2014.

A escola escolhida pertence à rede privada, no entanto, atende alunos de classe média baixa, e o valor da mensalidade é bem acessível e compatível com a realidade do bairro em que está situada. Atualmente, a escola conta com duas unidades de ensino. A primeira atende desde o maternal até o quinto ano de escolaridade, nos turnos da manhã e da tarde; já a segunda unidade, que será o palco das discussões do presente trabalho, atende apenas no turno matutino cerca de 110 alunos, distribuídos entre turmas do 6º ao 9º ano de escolaridade. A segunda unidade foi inaugurada recentemente, no ano de 2015, e conta com uma estrutura de seis salas de aula, uma sala multimídia, sala de professores com banheiro, um depósito, diretoria, secretaria, dois banheiros para alunos, dois banheiros adaptados para portadores de necessidades especiais e uma quadra esportiva coberta.

A seguir, uma foto da fachada da escola:

**Figura 7**  
**Fachada da escola pesquisada**



Foto: Tamires Santana, 2018.

As tabelas a seguir foram produzidas a partir do instrumento de pesquisa (questionário) proposto pela pesquisadora e respondido pela diretora da unidade de ensino. A fim de destrinchar as condições de trabalho, foram feitas questões pertinentes acerca da quantidade de funcionários e da estrutura da escola.

A escola possui um coordenador pedagógico, um orientador pedagógico, um diretor, um faxineiro, uma secretária e oito professores. O número de funcionários, apesar de ser reduzido, atende bem à funcionalidade da escola, já que a mesma é de pequeno porte. No entanto, verificase a necessidade da contratação de um inspetor de alunos, uma vez que por muitas vezes os professores precisam auxiliar os estudantes no pátio durante os intervalos. A tabela adiante exemplifica o quadro de funcionários aqui citados:

**Número de profissionais do Centro Educacional Elion**  
**Tabela 3**

Coordenador pedagógico	1
Faxineiros	1
Orientador pedagógico	1
Secretária	1
Diretor	1
Professores	8

Tabela organizada por Tamires Santana, 2018.

As instalações da escola (tabela 4) são consideradas plenamente satisfatórias e atendem às necessidades dos alunos, contudo, nota-se a falta de espaços importantes para o desenvolvimento de atividades extraclasse, como uma sala de vídeo, um auditório e/ou uma sala de informática, o que prejudica o andamento de atividades diferenciadas. A tabela a seguir apresenta as instalações da escola.

**Instalações do Centro Educacional Elion**  
**Tabela 4**

Biblioteca	1
Quadra coberta	1
Banheiros	3
Salas de aula	6
Sala da direção	1
Bebedouro	1
Secretaria	1

Tabela organizada por Tamires Santana, 2018.

Sendo a unidade de ensino recém-inaugurada, ainda existem necessidades a serem supridas no que tange a disponibilidade de recursos audiovisuais e materiais didáticos. Nesse sentido, a tabela 5 apresenta os equipamentos que a escola disponibiliza para o desenvolvimento de atividades com os alunos:

**Equipamentos disponíveis para uso do professor**  
**Tabela 5**

Televisão	1
Computador	1
Aparelho de som	1
Máquina para fotocopiar	1
Datashow	1

Tabela organizada por Tamires Santana, 2018.

Apesar dessa disponibilidade oferecida pela escola, é importante salientar que o uso desses equipamentos é geralmente burocratizado para o professor, pois os mesmos são divididos entre as duas unidades, então o agendamento precisa ser feito com bastante antecedência. Do mesmo modo, agora em relação aos materiais didáticos disponíveis para o uso do professor em sala de aula, ressalta-se que a escola declara que disponibiliza material de educação física, mapas e livros na biblioteca de forma suficiente, mas, em contrapartida, não existem jogos matemáticos disponíveis e os alunos não têm acesso à Internet na escola. A escola realiza anualmente uma excursão pedagógica, e, em relação ao projeto político pedagógico, a questão a que se refere não foi respondida.

A escola pesquisada possui uma metodologia centrada na transmissão de conteúdos, e um sistema de avaliação baseado em notas de provas, testes e trabalhos.

### 3.3 Perfil dos Alunos Pesquisados

Para essa pesquisa, definiu-se que o público alvo seriam estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, uma vez que, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Leis de Diretrizes e Bases, o conceito de lugar é também desenvolvido e discutido nessa série, que apresenta faixa etária correspondente entre 10 e 12 anos de idade. Ao todo, participaram da primeira oficina 16 alunos, sendo 3 alunos na faixa de 10 anos de idade, 8 alunos com 11 anos e 5 alunos com 12 anos de idade, assim como mostra a tabela a seguir:

**Alunos pesquisados por faixa etária**  
**Tabela 6**

<b>Idade</b>	<b>Quantidade</b>
10 anos de idade	3 alunos
11 anos de idade	8 alunos
12 anos de idade	5 alunos
Total	16 alunos

Tabela organizada por: Tamires Santana, 2018.

A terceira questão do questionário buscou saber se os alunos nasceram no município ou se vieram de fora. Dos 16 alunos, apenas três nasceram em outros municípios do Rio de Janeiro. Esses três vieram porque seus pais já tinham familiares em Belford Roxo e decidiram morar próximos a eles.

O professor tem um papel muito importante na construção e no desenvolvimento do pensamento crítico de seus alunos, por isso, torna-se também relevante que o mesmo valorize as experiências deles para que, desta forma, contribua para a sua amplitude de mundo e do espaço que os cerca. Nesse sentido, os alunos do 6º ano de escolaridade da escola em questão foram coparticipantes desta pesquisa ao participarem das oficinas propostas, como procedimento de coleta de dados para a análise do presente estudo.

### 3.4 Oficinas Pedagógicas Realizadas no Centro Educacional Elion

Como parte prática e empírica desta pesquisa, realizaram-se entre os meses de março e outubro de 2018 três oficinas com os estudantes da escola pesquisada, almejando coletar informações para fortalecer e alcançar os objetivos da pesquisa.

É extremamente importante trabalhar com questões ligadas à identidade no âmbito escolar, pois auxilia no desenvolvimento do senso crítico e participativo do estudante em relação ao seu lugar.

Inicialmente, foram propostas quatro oficinas, com a aplicação de dois questionários na primeira e na última. No entanto, no decorrer do processo, duas dessas oficinas foram compiladas, e apenas três foram aplicadas. Nos próximos subitens, será descrito o desenvolvimento das atividades minuciosamente.

### **3.4.1 Oficina 1: O conceito de lugar e o lugar onde eu moro**

A primeira oficina, realizada na escola no dia 14 de março de 2018, abordou o conceito de lugar de acordo com o livro didático usado pela turma. Primeiramente, foi feita uma exposição oral com o uso do livro didático e uma discussão em relação ao lugar de cada aluno. Nesse momento, a pesquisadora tomou o cuidado de não colocar estereótipos e/ou influenciar os alunos no que se refere à visão dos mesmos sobre o lugar onde moram. No geral, falou-se sobre o sentimento de pertencimento, partindo de uma análise da categoria de lugar a partir do espaço.

No segundo momento, foi entregue aos alunos um questionário com o objetivo de extrair uma visão inicial deles em relação ao município de Belford Roxo.

No total, foram 16 alunos que participaram deste estudo, sendo estes numerados de 1 a 16, para a melhor compreensão das falas nesta pesquisa.

As três primeiras questões do instrumento foram sobre a identificação, a faixa etária e o local de nascimento, que foram mostradas anteriormente no tópico 3.3.

A quarta questão do questionário buscou saber como é para o estudante ser morador de Belford Roxo. Percebe-se que, em algumas falas, existe uma preocupação com a questão da violência exacerbada que o município vem enfrentando. Durante o desenvolvimento da oficina, os alunos relataram casos de assaltos com os pais e parentes próximos. Um aluno, inclusive, contou que estava junto com o pai quando o mesmo teve seu carro roubado. Acredita-se que, além de vivenciarem essa realidade, esses alunos também são influenciados pela mídia, visto que, no período próximo à aplicação deste questionário (março/2018)<sup>8</sup>, o município aparecia diariamente nos jornais televisivos com notícias sobre o aumento da violência. Nota-se isso nas respostas dos estudantes:

Estudante 6: “Preocupante.”

Estudante 7: “É medonho, quase todos os dias tem assalto e tiros, as crianças não podem ficar na rua e etc.”

Contrariamente a essas visões, alguns alunos demonstraram afeto e satisfação em morar nessa localidade. Apesar das mazelas citadas por eles nos questionários, os estudantes, em sua maioria, acham um local bom para se morar.

Percebe-se que, mesmo apesar das dificuldades por algumas vezes relatadas pelos estudantes, os mesmos têm uma identidade com o município.

Quando perguntados se gostam de morar em Belford Roxo e se gostariam de morar em outro lugar, oito alunos responderam que não gostam de morar em Belford Roxo e gostariam de morar em outro lugar. Seis justificativas dos que não gostam de morar se deram justamente baseado no histórico de violência, e duas por estarem longe de familiares que gostam. Pelo contrário, oito alunos responderam que, sim, gostam de morar em Belford Roxo; no entanto,

---

<sup>8</sup> Reportagem do jornal *Notícias de Belford Roxo*, em 2 de abril de 2018, retratando o aumento da violência no município. Disponível em: <https://noticiasdebelfordroxo.blogspot.com/2018/04/violencia-ao-extremo-em-belford-roxo.html>. Acesso em: 20 de abril de 2018.

dentre esses alunos, três acrescentaram que têm vontade de morar em outro lugar. Os outros cinco disseram que já se acostumaram com o lugar e não gostariam de sair dali. Percebe-se, então, nessas falas, um sentimento de pertencimento. Ressalta-se a fala do estudante 15, que diz: “não gostaria de morar em outro lugar, só gostaria que as coisas aqui funcionassem melhor”.

Quando perguntados sobre quais lugares de Belford Roxo os estudantes conhecem, os mesmos citaram diversos bairros vizinhos e também alguns estabelecimentos comerciais que costumam frequentar. Foram citados os bairros de Nova Aurora, Piam, Nova Piam, Farrula, Babi (Recantus), Heliópolis, Wona, São Francisco, Xavantes, Castelar, Palmeira, Gogó da Ema e Santa Amélia.

Ressaltam-se, ainda, as respostas referentes aos estabelecimentos e igrejas, ambos mencionados pelos alunos como lugares que os mesmos conhecem de Belford Roxo. Foram eles Habib’s, Carrefour, Igreja Matriz, Igreja São Judas Tadeu, Pizzaria PG, SilBurger, McDonald’s e Shopping Nova Belford.

A sexta pergunta do questionário buscou saber qual lugar de Belford Roxo os estudantes mais gostam. Seis alunos responderam que gostam do bairro Xavantes, pois é o local de sua residência, onde se encontram seus amigos e familiares. Um aluno citou a praça do Xavantes, mas lamentou que a mesma esteja fechada para obras há cerca de um ano.

Estudante 5: “Eu gosto aqui do Xavante mesmo, pena que a praça tá fechado maior tempão.”

Dois alunos disseram que não gostam de lugar nenhum do município; seis alunos citaram estabelecimentos comerciais do ramo alimentício, como um shopping de pequeno porte, McDonald’s, Habib’s, SilBurger e Carrefour; e um aluno citou a igreja que frequenta, pois, segundo ele, é um local que transmite paz, amor, harmonia e respeito.

Tuan (1980) afirma que duas pessoas não veem a mesma realidade, pois cada indivíduo possui uma forma de analisar e perceber o espaço pautado na sua vivência e relações desenvolvidas.

Nesse sentido, na pergunta que busca conhecer os lugares que os alunos menos gostam em Belford Roxo, os lugares mais falados pelos alunos são os bairros Piam/Centro, onde estão localizadas as comunidades do Castelar e Palmeira, região dominada pelo tráfico, que fica próxima ao centro do município e onde o índice de assaltos e violência é alto. Além disso, as comunidades são pertencentes a facções rivais, e, por esse motivo, é frequente a ocorrência de tiroteios na localidade. Destacam-se as respostas dos estudantes sobre essa questão:

Estudante 14: “O Castelar e a Palmeira. Porque é cheio de traficantes.”

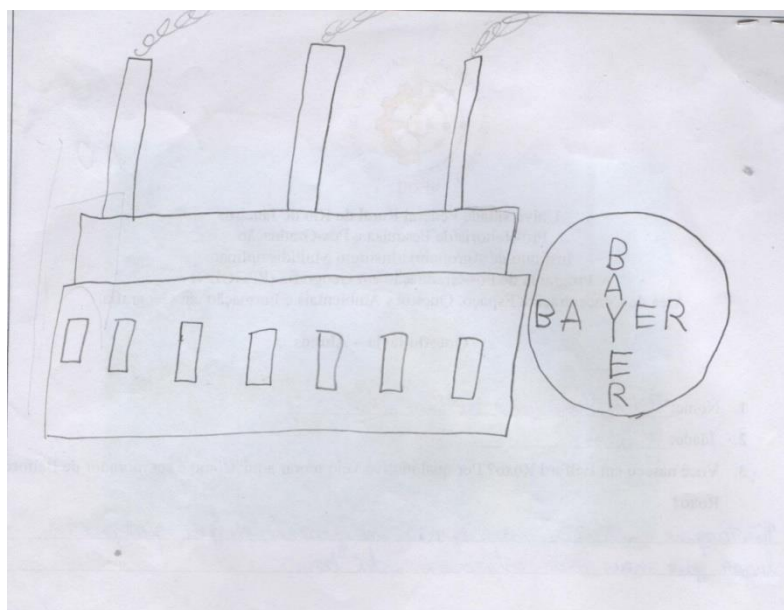
Estudante 15: “Castelar e Palmeira, pois tem muita violência e tiros.”

É nítido o sentimento dos estudantes em relação a esses bairros citados. Como já mencionado anteriormente, o índice de violência no município cresceu assustadoramente, e essas áreas, que já eram tidas como áreas de conflitos, só acentuaram mais seu histórico negativo.

A oitava questão do questionário solicitou aos alunos que fizessem um desenho de uma imagem que representasse o município, e logo em seguida explicassem por que usariam essa imagem. Para a melhor compreensão da representação do município pelos estudantes, destacam-se adiante os desenhos feitos por eles.

Como se pode ver nas imagens a seguir, os estudantes 1 e 3 desenharam a indústria Bayer do Brasil, grande indústria instalada no município no ano de 1958.

**Figura 8**  
**Desenho representativo do município pelo Estudante 1**



Desenho feito pelo estudante 1

**Figura 9**  
**Desenho representativo do município pelo Estudante 3**

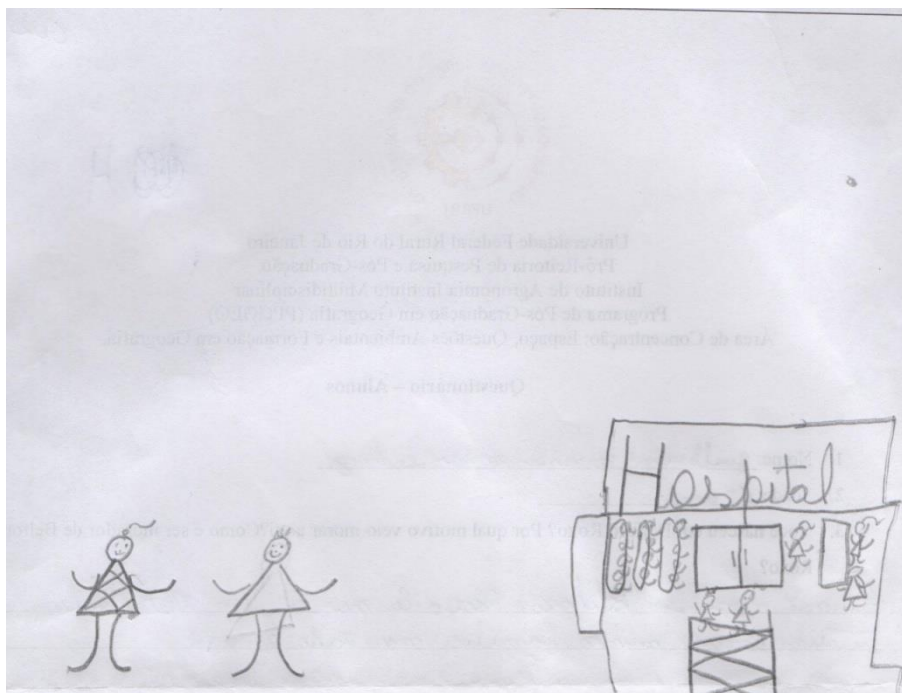


Desenho feito pelo estudante 3

No desenho apresentado pelo estudante 4, o mesmo representa um hospital. Na fala do estudante, percebe-se que o mesmo utilizou essa imagem para representar o município como uma forma de protesto, dizendo que é preciso construir mais hospitais para atender a população, como mostra a imagem a seguir:



### Figura 10 Representação do município pelo Estudante 4



Desenho feito pelo estudante 4

Como já mencionado, o município conta com uma estrutura precária em relação à oferta de hospitais e equipamentos básicos para a população. Nesse sentido, é importante o estudante, como cidadão que é, ter ciência dos seus direitos para que, de alguma forma, possa requisitá-lo. O conceito de Direito à Cidade é importante nesse momento também, pelo fato de elucidar questões pertinentes aos usos da cidade e à apropriação dos sujeitos por ela.

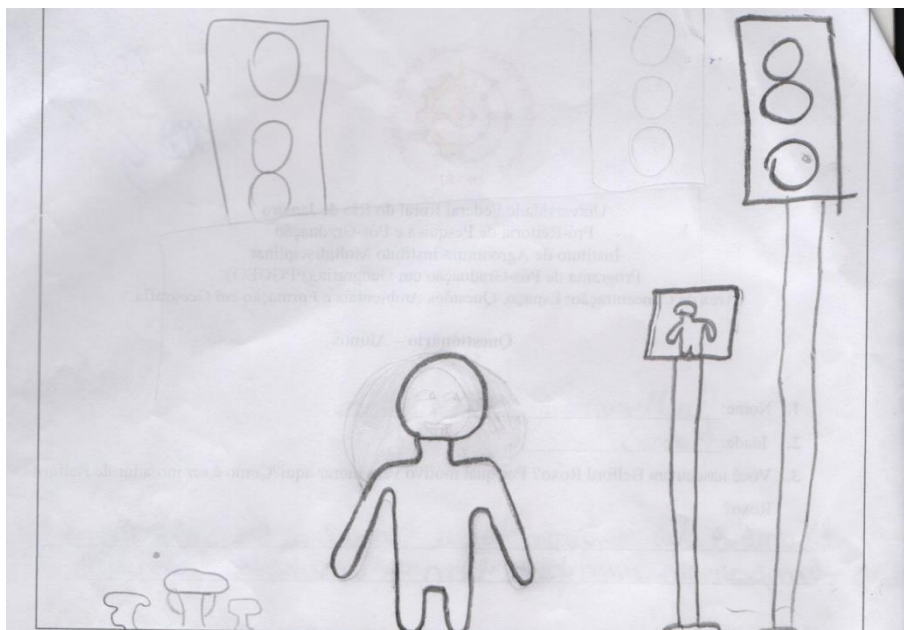
Cavalcanti (2012, p. 95) explicita que:

A cidade pode também ser lida e compreendida por meio dos seus lugares de manifestação de identidades e resistência, particularmente a que acontece em lugares públicos. São as ruas, as praças e os parques os lugares mais democráticos do ponto de vista do acesso de todos habitantes.

As praças também foram destacadas nos desenhos produzidos pelos estudantes, e essa é uma questão apontada com bastante clareza pelo fato de, como moradora da localidade, a pesquisadora perceber que praticamente todas as praças da cidade estavam fechadas para obras no momento da primeira oficina. Ainda no momento da finalização deste estudo, apenas uma praça próxima à área de estudo foi reaberta, e isso implica muito nas relações que estes estudantes/moradores têm com a localidade. As praças são espaços públicos que promovem o encontro e a convivência das pessoas, que tornam a cidade movimentada, que servem de lugar de lazer, mas também como espaço político de apropriação de um espaço. No entanto, esses espaços foram cerceados da população, uma vez que, há cerca de um ano, a maioria das praças do município se encontra fechada.

Na imagem a seguir, o estudante relatou que a imagem se refere a uma praça, e relembra um momento de diversão.

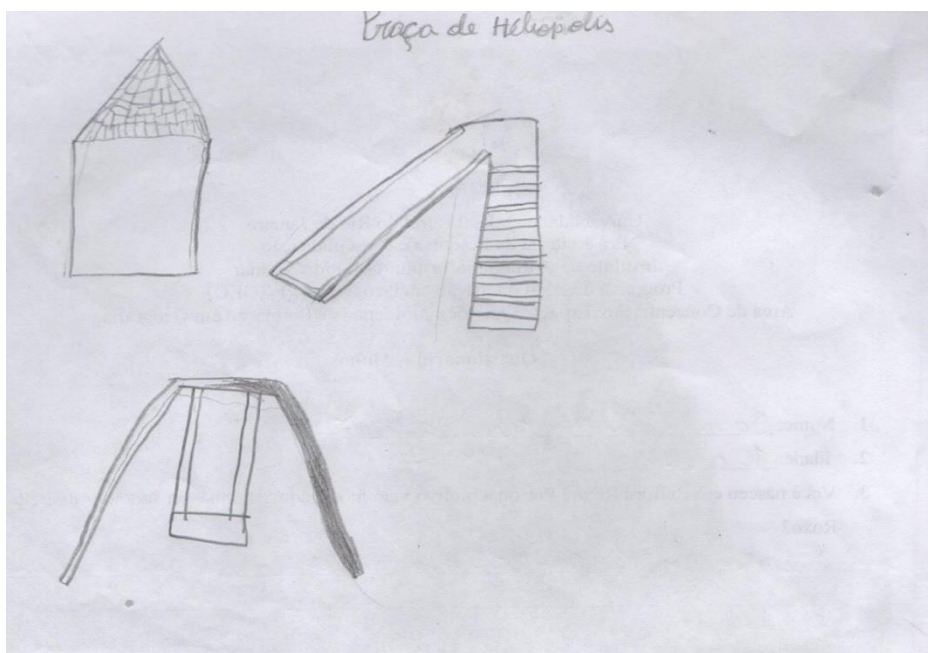
**Figura 11**  
**Desenho representativo do município pelo Estudante 5**



Desenho feito pelo estudante 5

O estudante relata que utilizou a imagem para representar que o prefeito está construindo uma nova praça. É importante ressaltar que a construção dessa praça causou grande polêmica no município pelo fato de o prefeito ter demolido uma creche e um posto de saúde, além da antiga praça do bairro Heliópolis, para a construção dessa nova praça.

**Figura 12**  
**Representação do município pelo Estudante 15**



Desenho feito pelo estudante 15

Ainda sobre os espaços de uso coletivo da população, ressalta-se o desenho do Estudante 6, que retrata a Estação Ferroviária de Belford Roxo.

**Figura 13**  
**Representação do município pelo Estudante 6**



Desenho feito pelo estudante 6

O estudante desenhou a estação de trem de Belford Roxo, que, segundo o mesmo, é um lugar que todo mundo usa, e por isso representa bem a cidade. Como já explicitado no início do capítulo, a estação de trem de Belford Roxo teve relevância no desenvolvimento da cidade, bem como no processo de urbanização. Ainda hoje, apesar de precária, é a opção mais rápida para uma boa parte da população que trabalha no centro do Rio de Janeiro.

Magalhães et al. (2013, p. 54) afirma que:

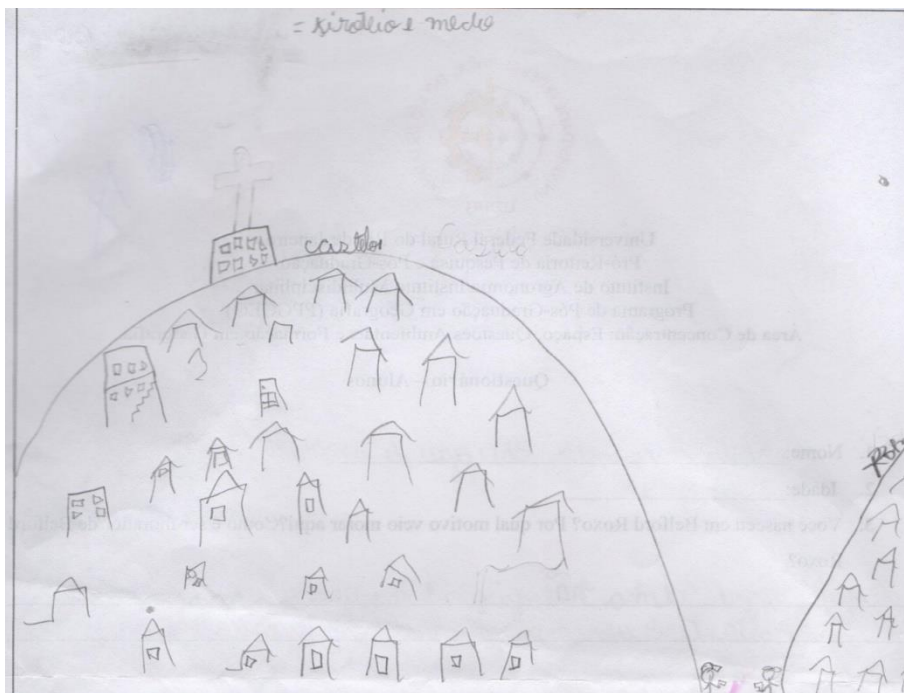
A expansão urbana de Belford Roxo, da mesma forma que em outras localidades, ocorreu em decorrência da expansão ferroviária. A história do município registra que, com o sucesso da reivindicação popular, além do transporte ferroviário, a localidade em torno da estação de trem conquistou melhorias de infraestrutura: caixa d'água, chafariz, luz elétrica.

Desse modo, percebe-se a importância da linha férrea para os passageiros, não apenas como meio de transporte, mas também como forma de atrair melhorias para a cidade.

A questão da violência foi tratada de forma bem acentuada, devido ao fato de a cidade passar por um aumento da mesma. No entanto, não é recente o histórico violento na região, e, apesar de ao longo dos anos a violência ter diminuído na localidade, a briga pelo tráfico de drogas entre duas comunidades da região é contínua.

Na imagem a seguir, o estudante 7 retrata as comunidades do Castelar e Palmeira, que são dominadas pelo tráfico, e geograficamente se localizam uma em frente à outra. O que divide as duas comunidades é a Avenida Retiro da Imprensa, uma importante avenida do município. É importante ressaltar que, por serem comunidades dominadas por facções rivais, geralmente existe confronto entre elas, e a principal avenida fica na linha do tiroteio.

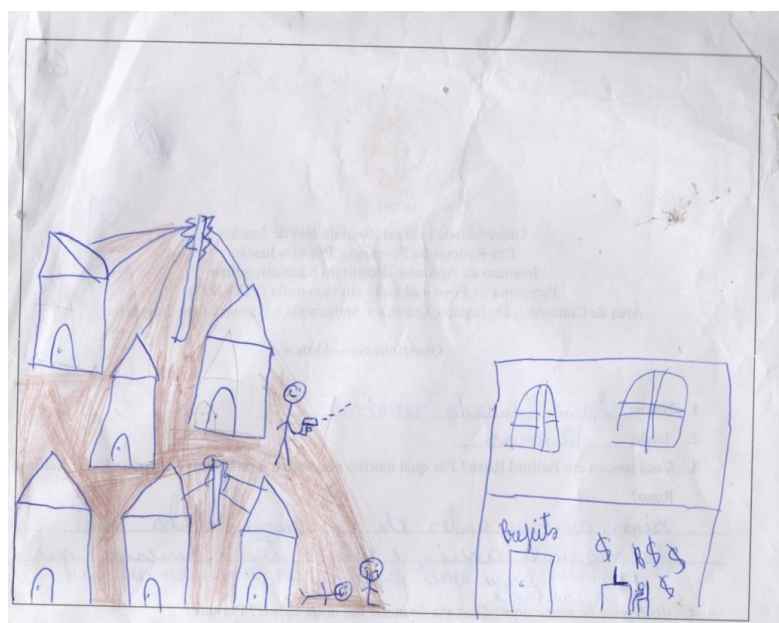
**Figura 14**  
**Representação do município pelo Estudante 7**



Desenho feito pelo estudante 7

O estudante 9 justifica seu desenho dizendo que se refere à realidade que mais se repete nesse lugar, e ainda completa dizendo que só retratou coisa ruim na imagem porque é a realidade que ele vivencia. Percebe-se, a partir desta fala, a falta de identidade do estudante em relação ao lugar. De acordo com esse estudante, não é possível falar nada de positivo sobre o município.

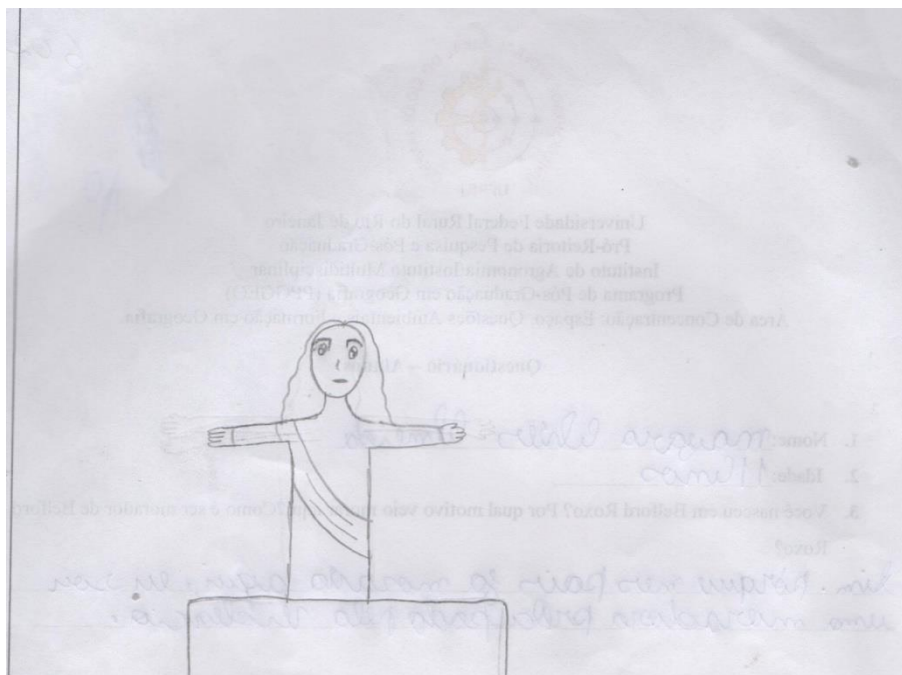
**Figura 15**  
**Representação do município pelo Estudante 9**



Desenho feito pelo estudante 9

A imagem a seguir retrata o Cristo Redentor, monumento histórico que representa a figura de Jesus Cristo, que se localiza na capital do Rio de Janeiro. O estudante justifica seu desenho dizendo que o mesmo representa a paz, mas também se pode falar sobre a escolha de um monumento que não se encontra no município trabalhado. Percebe-se, então, que pode haver uma não identidade com o seu lugar de vivência, ou até mesmo a demonstração de uma vontade de morar em outro lugar que não seja o seu de origem.

**Figura 16**  
**Representação do município pelo Estudante 10**



Desenho feito pelo estudante 10

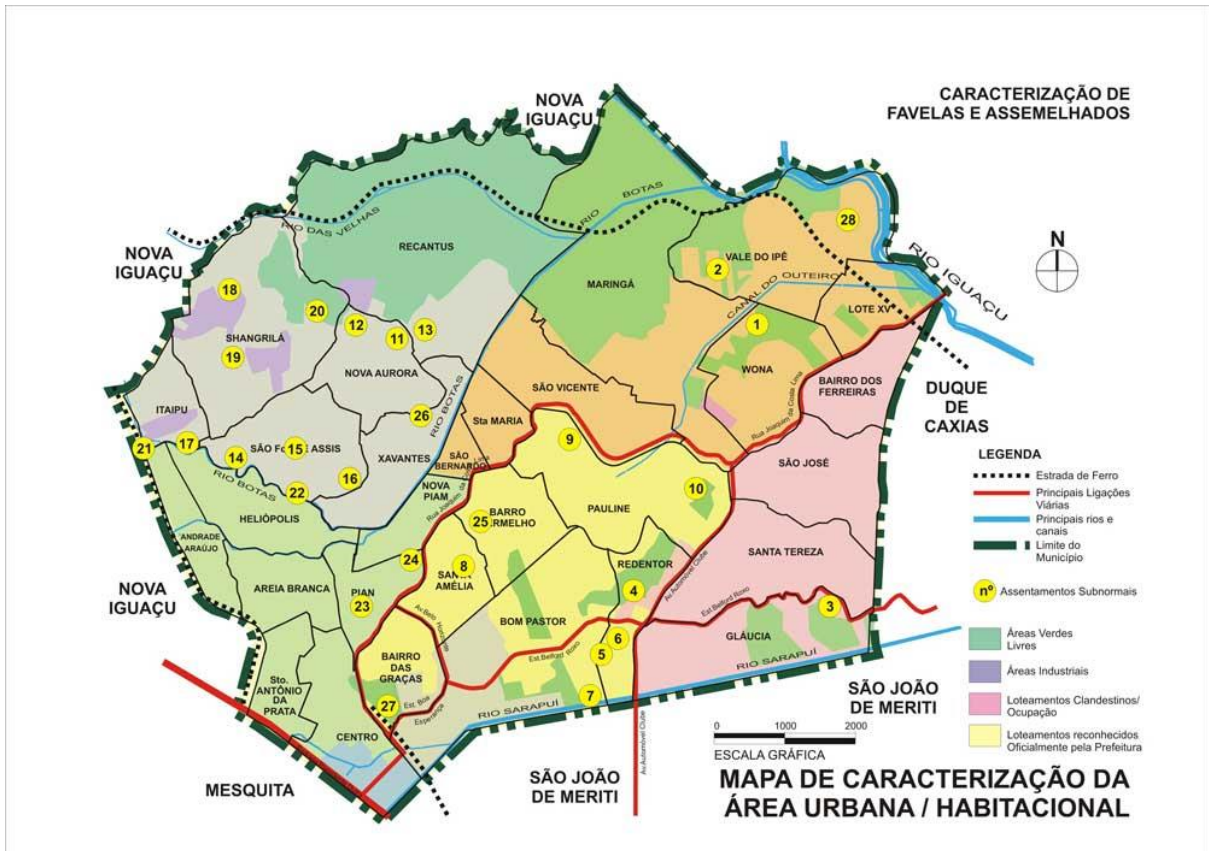
Dessa maneira, foi possível perceber, nas análises dos questionários aplicados na primeira oficina, que os estudantes, na sua maioria, apresentam uma visão negativa do município, retratando apenas o lado da violência generalizada, da falta de segurança e das ausências do governo em relação à falta de hospitais. Além disso, os estudantes que afirmaram gostar de morar no município relatam que gostariam que mudanças fossem feitas para a melhoria da qualidade de vida da população.

### **3.4.2 Oficina 2: Conhecendo o município de Belford Roxo e seus símbolos**

A oficina 2, intitulada *Conhecendo o município de Belford Roxo e seus símbolos*, foi realizada no dia 15 de agosto, e tinha como objetivo mostrar aos alunos a história do município, bem como seus aspectos sociais, culturais e geográficos.

Inicialmente, foi apresentado aos alunos o mapa adiante, que exhibe o município dividido por bairros, destacando o bairro de Xavantes, que é onde a escola está localizada, e onde a maioria dos alunos reside.

**Figura 17**  
**Mapa do município de Belford Roxo**



Fonte: [https://www.achetudoeregiao.com.br/rj/Belford\\_Roxo/mapa.htm](https://www.achetudoeregiao.com.br/rj/Belford_Roxo/mapa.htm). Acesso em: 8 de julho de 2018.

Nesse momento, os alunos vieram à frente e interagiram entre si, identificando no mapa os locais que os mesmos conheciam, apontando algumas referências como o Rio Botas, a linha do trem em Andrade Araújo, o bairro Xavantes, onde a escola fica situada, os bairros onde se localizam a casa de amigos e parentes etc. A imagem a seguir mostra os alunos participando desse momento da oficina.

**Figura 18**  
**Alunos participando da oficina 2**



Foto: Tamires Santana, 2018.

Em um segundo momento, a professora apresentou uma série de fotos antigas mostrando alguns pontos relevantes para que os estudantes pudessem fazer a relação da imagem antiga com a realidade atualmente. A partir dessas imagens, a professora fez uma passagem da história do município destacando os acontecimentos mais relevantes, desde o engenho até a emancipação do município, e apresentou aos alunos os símbolos do município. Cada aluno recebeu uma cópia do hino e do brasão da cidade. No entanto, foram entregues uma imagem dos símbolos antigos e uma imagem dos símbolos que estão em vigor, já que esses símbolos foram modificados pelo atual governo (2017).

A partir disso, começou uma discussão em relação ao significado dos símbolos e às mudanças que ocorreram no atual governo (2017). Nesse momento, a professora pediu para que os alunos fossem anotando as falas deles em relação a essas modificações. A primeira pergunta que foi feita oralmente pela professora era em relação à preferência dos alunos pelo brasão, sobre qual dos dois símbolos eles achavam que representava melhor o município, o novo ou o antigo.

Dentre os 16 estudantes, apenas dois escolheram o antigo brasão. Percebe-se, então, que a maioria dos estudantes prefere o novo brasão por este ser esteticamente mais bonito, colorido e apresentar imagens que remetem a particularidades do município.

Em relação ao hino, percebeu-se uma maior resistência em relação ao novo hino, por entenderem que o antigo hino fala mais sobre a realidade do povo belforroxense, e, por esse motivo, representa melhor o município.

Todavia, nove alunos preferem o novo hino, pois, de acordo com os mesmos, a sua letra traduz uma mensagem positiva, enaltecendo as riquezas naturais e conquistas do povo belforroxense.

A discussão dos estudantes em sala de aula gerou apontamentos em relação à necessidade de trocar esses símbolos. Apesar de gostarem dos novos símbolos, alguns não viam a necessidade de mudar algo que, segundo eles, é abstrato e não tem um valor tão grande quanto ter hospitais funcionando, área de lazer para as crianças e mais segurança para a população, como afirma o Estudante 8:

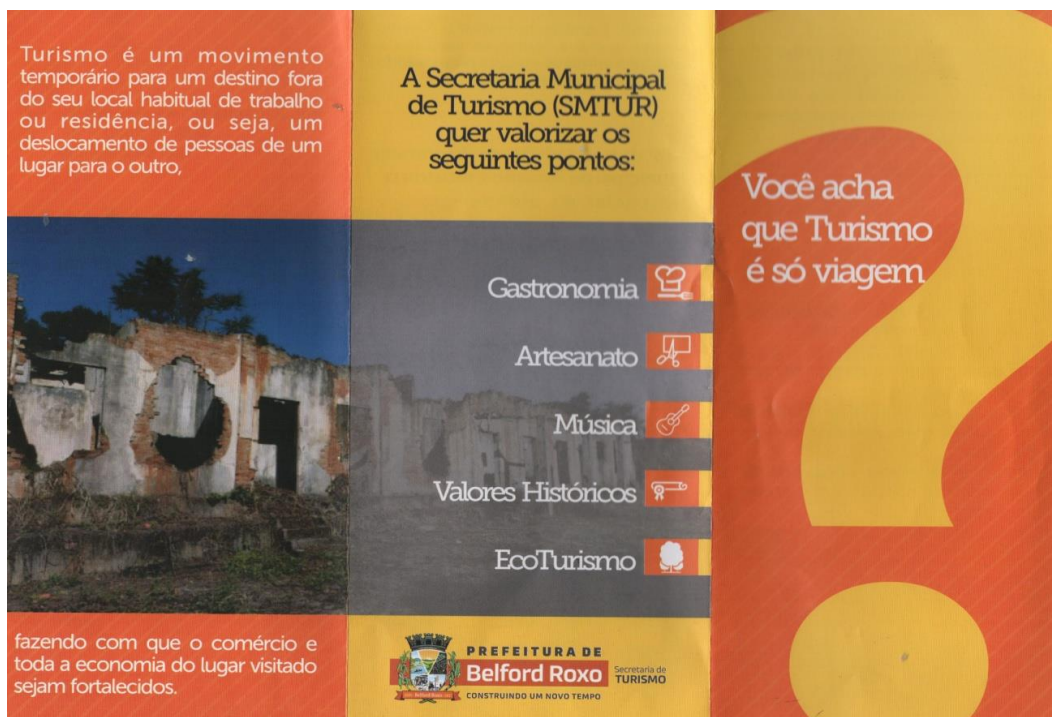
Estudante 8: “Eu acho que não tinha necessidade de mudar as coisas agora. O povo já se acostumou e essas mudanças não mudam o perigo de assalto e o perigo para as nossas crianças.”

Ao final da oficina, a professora pediu que os estudantes trouxessem na próxima oficina imagens dos espaços de lazer que os mesmos utilizam em Belford Roxo.

### **3.4.3 Oficina 3: Espaços de lazer no município de Belford Roxo**

Essa oficina ocorreu no dia 10 de outubro de 2018, com o objetivo de apresentar aos estudantes os espaços de lazer presentes em Belford Roxo. No primeiro momento, a professora utilizou um *folder* que estava sendo distribuído aos moradores pela Secretaria Municipal de Turismo. Esse *folder* contém um texto explicativo sobre turismo e mostra algumas imagens de diferentes lugares do município. Quando perguntados se conheciam os locais estampados no *folder*, apenas um estudante respondeu dizendo que conhecia a Paróquia Nossa Senhora da Conceição.

**Figura 19**  
**Folder de divulgação da Secretaria Municipal de Turismo (frente)**



Folder digitalizado por Tamires Santana, 2018.

**Figura 20**  
**Folder de divulgação da Secretaria Municipal de Turismo (verso)**

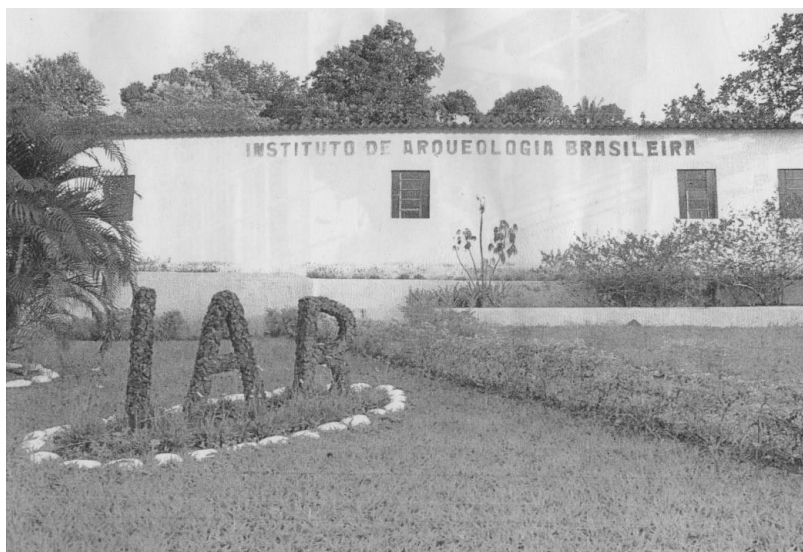


Folder digitalizado por Tamires Santana, 2018.



No segundo momento, a professora utilizou algumas imagens trazidas pelos estudantes, e também levou imagens de diferentes espaços, a sua maioria desconhecida dos estudantes. Essa atividade se mostrou extremamente significativa, pois foi possível perceber a expressão de surpresa dos estudantes ao observarem as imagens levadas pela professora. Nesse momento, foram utilizadas imagens da Fazenda do Brejo, Bica da Mulata, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, IAB - Instituto de Arqueologia Brasileira e Lago do Recantus. Todas as imagens que serão apresentadas a seguir foram retiradas do livro *Baixada Fluminense em Preto e Branco* (2017), do autor Paulo Santos. Os estudantes também tiveram a oportunidade de manusear o livro.

**Figura 21**  
**Instituto de Arqueologia Brasileira**



Fonte: SANTOS, 2017.

**Figura 22**  
**Lago do Recantus**



Fonte: SANTOS, 2017.

**Figura 23**  
**Igreja Nossa Senhora da Conceição**



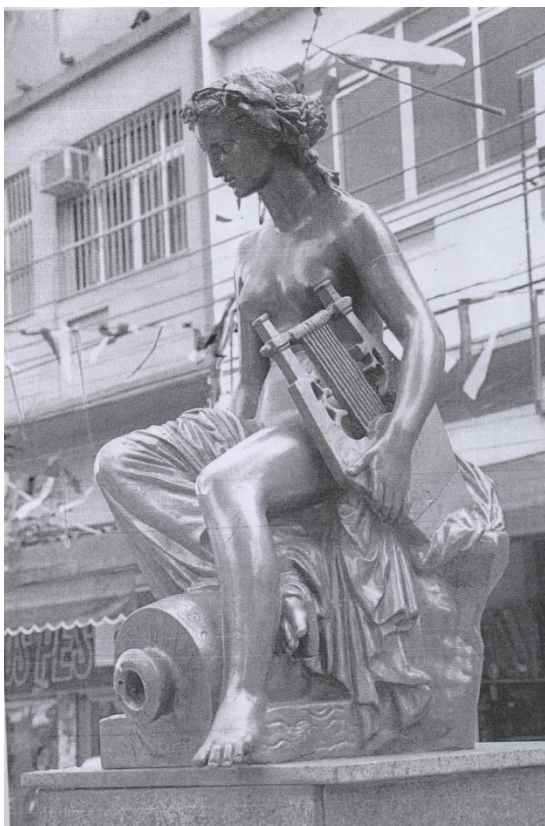
Fonte: SANTOS, 2017.

**Figura 24**  
**Entrada da Fazenda do Brejo**



Fonte: SANTOS, 2017.

**Figura 25**  
**Bica da Mulata**



Fonte: SANTOS, 2017.

A maioria desses espaços apresentados aos estudantes por meio do livro se mostrou desconhecida por eles, apesar de estarem bem próximos a esses lugares. Durante o desenvolvimento das oficinas, os estudantes que trouxeram suas imagens foram mostrando-as aos demais colegas e explicando sobre o que retratava. É importante ressaltar que apenas nove estudantes trouxeram as imagens, no entanto, toda a turma participou do debate proporcionado pela oficina. Percebeu-se na fala dos estudantes que a Praça de Heliópolis, inaugurada no mês de agosto de 2018, se tornou um espaço de lazer frequentado por alguns deles. Do mesmo modo, estabelecimentos comerciais de cunho gastronômico também foram citados, como McDonald's, Habib's, Churrascaria La Bonne e Carrefour. Esse último funciona não apenas como supermercado, mas como um shopping de pequeno porte com lojas e restaurantes.

As imagens a seguir retratam a Praça de Heliópolis, recém-inaugurada, que foi amplamente citada no andamento da oficina.

**Figura 26**  
**Espaço de lazer do Estudante 2**



Imagem trazida pelo estudante 2

**Figura 27**  
**Espaço de lazer do Estudante 12**



Imagem trazida pelo estudante 12

Na imagem a seguir, o estudante 3 apresentou uma imagem sua na comunidade religiosa que frequenta. Segundo o mesmo, esse é o espaço de lazer mais frequentemente usado por ele.

**Figura 28**  
**Espaço de lazer do Estudante 3**



Imagem trazida pelo estudante 3

O estudante 6 apresentou uma imagem da frente de sua casa, e relatou que é nesse espaço que o mesmo estabelece os momentos de lazer, brincando com os primos e colegas na rua.

**Figura 29**  
**Espaço de lazer do Estudante 6**



Imagem trazida pelo estudante 6

Os estudantes também apresentaram imagens de restaurantes e supermercados como espaços de lazer. Um dos exemplos trazidos pelos estudantes foi o McDonald's, que fica localizado na entrada da cidade.

**Figura 30**  
**Espaço de lazer do Estudante 10**



Imagem trazida pelo estudante 10

A partir dos espaços de lazer citados pelos estudantes e os trazidos pela professora tanto no *folder* de divulgação da Secretaria Municipal de Turismo, quanto nas imagens retiradas do livro *Baixada Fluminense em Preto e Branco*, foi possível perceber que os espaços apresentados pela professora não se configuram como espaços de vivência dos alunos. Nota-se também que os estudantes não apresentam o hábito de frequentar os espaços culturais, históricos e ecológicos presentes no município. Nesse sentido, tornam-se importantes essas discussões no âmbito escolar, a fim de que se estenda o debate sobre os diferentes usos do espaço.

#### **3.4.4 Aplicação do questionário final**

O questionário (Apêndice F) aplicado ao final das oficinas práticas teve como objetivo principal perceber se houve alguma mudança na visão do estudante após a realização das oficinas. Inicialmente, a ideia proposta no projeto era realizar uma oficina fazendo uma revisão de tudo o que foi trabalhado, e, por fim, teria a aplicação do questionário. No entanto, por falta de tempo da pesquisadora em realizar mais uma oficina em aula, dado o pouco tempo de aula semanal para a disciplina de geografia e o alto número de conteúdos, a aplicação do questionário ocorreu no final da oficina 3. Assim sendo, a análise das falas dos estudantes nesse momento é crucial para perceber se a aplicação das oficinas modificou a visão dos estudantes em relação ao município de Belford Roxo.

As duas primeiras questões do questionário se referem à identificação e idade. A questão três indaga aos estudantes o que os mesmos acham da cidade de Belford Roxo. Nessa primeira questão, já é possível perceber mudança na fala dos estudantes em relação à aplicação do primeiro questionário.

Enquanto no primeiro questionário a maioria dos estudantes retratou sobre a violência exacerbada presente no município, nessa nova etapa, a maioria das respostas é positiva, apesar de algumas reivindicatórias. No entanto, alguns estudantes ainda retratam apenas sobre a insegurança e as ausências que a cidade vive, como percebe-se nas falas dos estudantes abaixo:

Estudante 8: “Muito ruim, tem muitos assaltos, muita poluição, mesmo conhecendo outros lugares eu continuo achando aqui uma merda.”

Estudante 16: “Bom, eu acho um lugar não muito bom pra se morar.”

Na quarta questão, que busca saber se os estudantes tinham esse pensamento sobre o município antes das oficinas, percebe-se que a maioria afirmou que não tinha essa visão do município. Os estudantes ainda explicitaram nas falas adiante sobre a importância das oficinas pela possibilidade de conhecer melhor a história e os espaços do município.

No entanto, foi possível concluir que, apesar das atividades nas oficinas, cinco estudantes não modificaram os pensamentos sobre o município.

Quando perguntados se as oficinas foram importantes para conhecer melhor o município, os estudantes responderam unanimemente que sim, as oficinas foram importantes para que os mesmos tomassem conhecimento de pontos desconhecidos e também potenciais da cidade. Os estudantes destacaram que descobriram lugares que sequer já haviam ouvido falar, e, inclusive, alguns afirmaram que desconheciam a história do município. Ressaltam-se aqui algumas das falas de alguns estudantes:

Estudante 1: “Sim. Eu não conhecia muito bem.”

Estudante 12: “Sim, antes eu não conhecia nada e agora eu conheço por causa da oficina.”

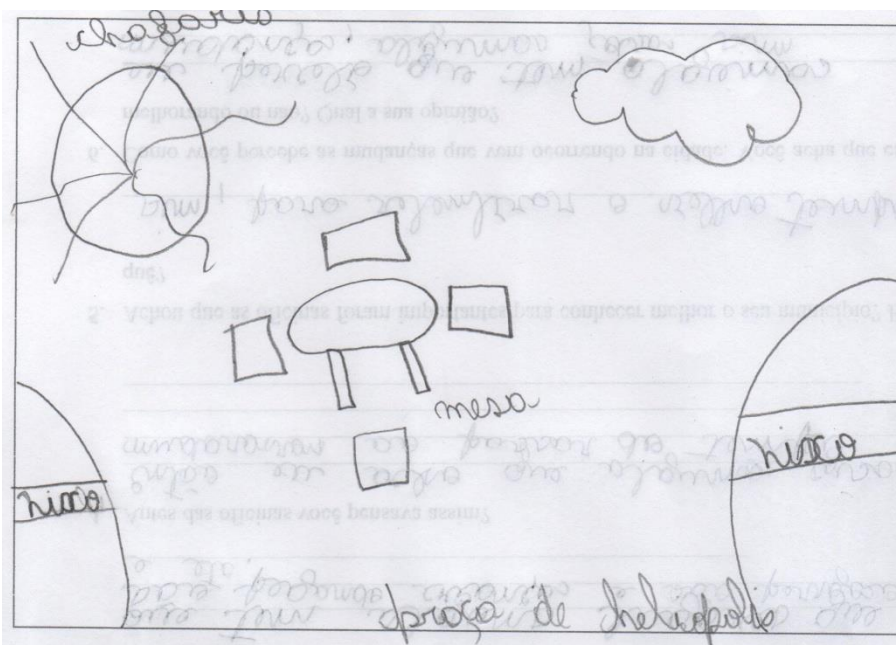
Estudante 15: “Sim, pois agora conheço melhor como era antigamente o meu município.”

Reforça-se aqui a necessidade de a escola trabalhar com esses espaços de vivência do aluno, pois muitas das vezes o mesmo não tem acesso a outros lugares habituais, seja por falta de interesse, ou até mesmo pelo desconhecimento. É importante salientar que alguns lugares apresentados pela professora ficam localizados nos bairros vizinhos ao de moradia dos alunos, e mesmo assim não há conhecimento desses lugares por parte dos estudantes.

No que diz respeito às mudanças que vêm ocorrendo, os estudantes foram perguntados se acham que está havendo ou não uma melhoria na cidade. Em sua maioria, os estudantes afirmam que há, sim, uma melhoria na cidade. No entanto, percebe-se que, mesmo apesar das mudanças estruturais e também simbólicas que vêm ocorrendo no município, levando a essa melhoria, há questionamentos por parte dos estudantes, que mencionam as ausências ainda sofridas pela maioria da população.

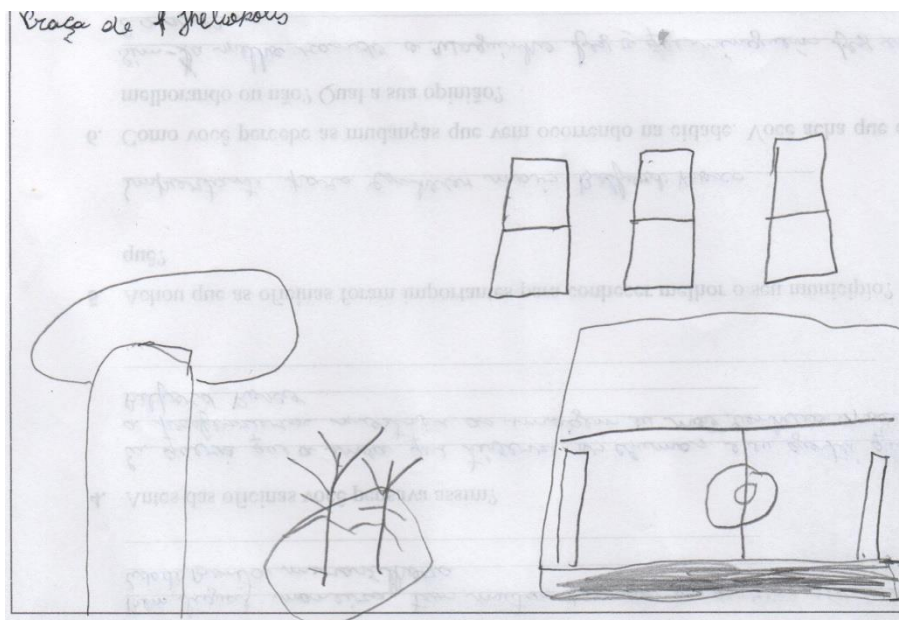
Dentre as solicitações presentes no questionário, foi pedido que o estudante fizesse um desenho que representasse Belford Roxo, assim como na primeira oficina. Percebe-se nitidamente que os estudantes mudam a sua representação sobre o município. A sua maioria retrata a Praça do Heliópolis, inaugurada recentemente, como exposto nas imagens a seguir:

**Figura 31**  
**Desenho representativo do município pelo Estudante 2**



Desenho feito pelo estudante 2

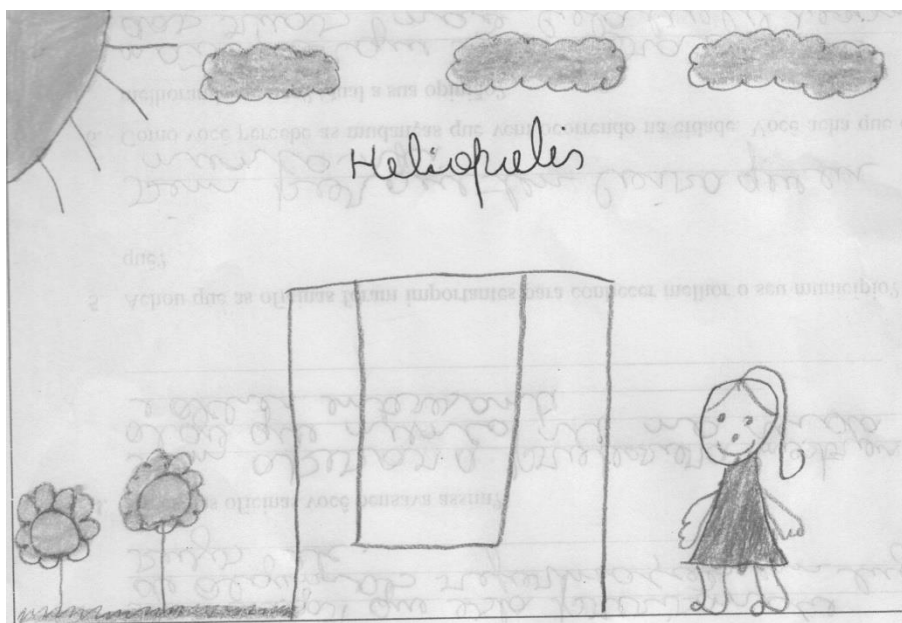
**Figura 32**  
**Desenho representativo do município pelo Estudante 4**



Desenho feito pelo estudante 4

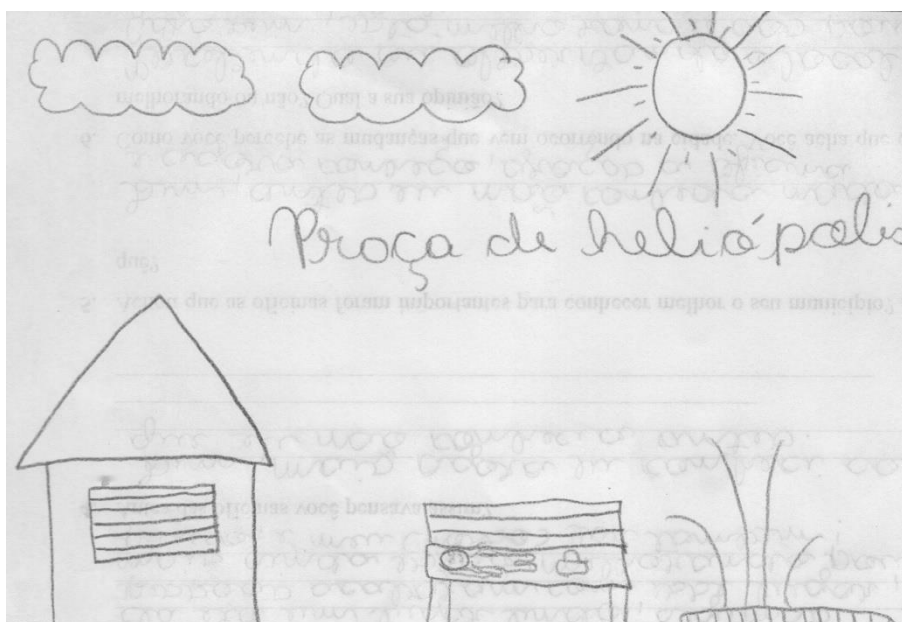


**Figura 33**  
**Desenho representativo do município pelo Estudante 10**



Desenho feito pelo estudante 10

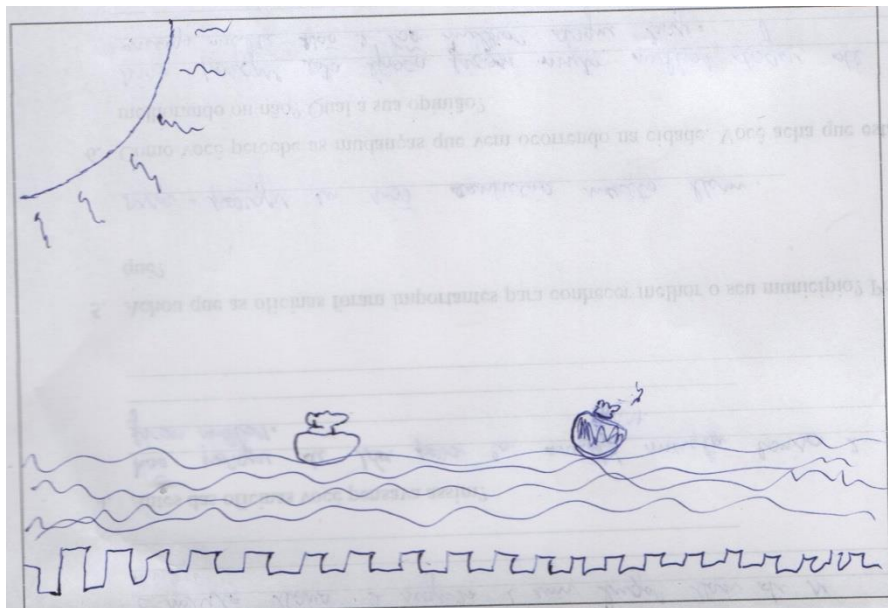
**Figura 34**  
**Desenho representativo do município pelo Estudante 12**



Desenho feito pelo estudante 12

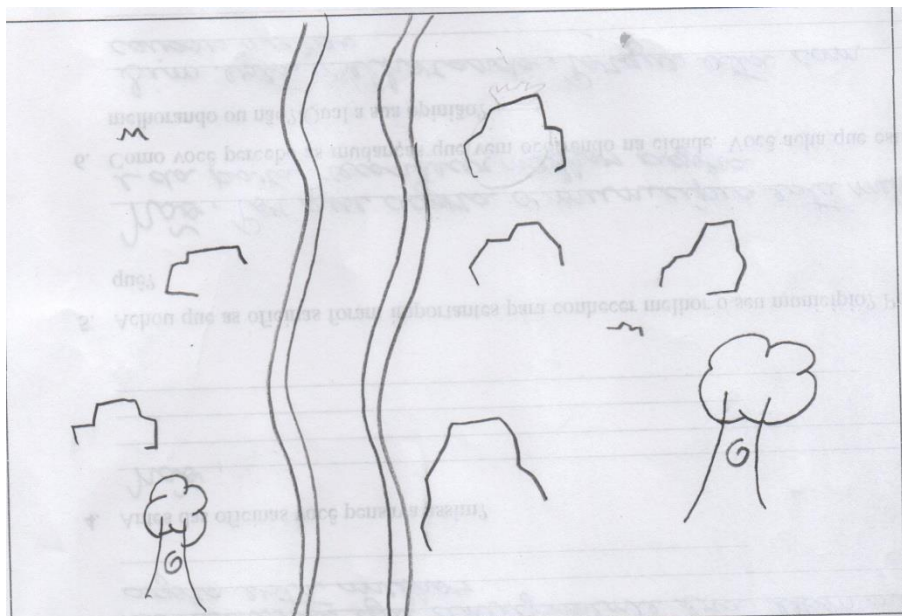
No entanto, existem também outros aspectos naturais, como a presença do Rio Botas, como se resalta nas imagens a seguir:

**Figura 35**  
**Desenho representativo do município pelo Estudante 1**



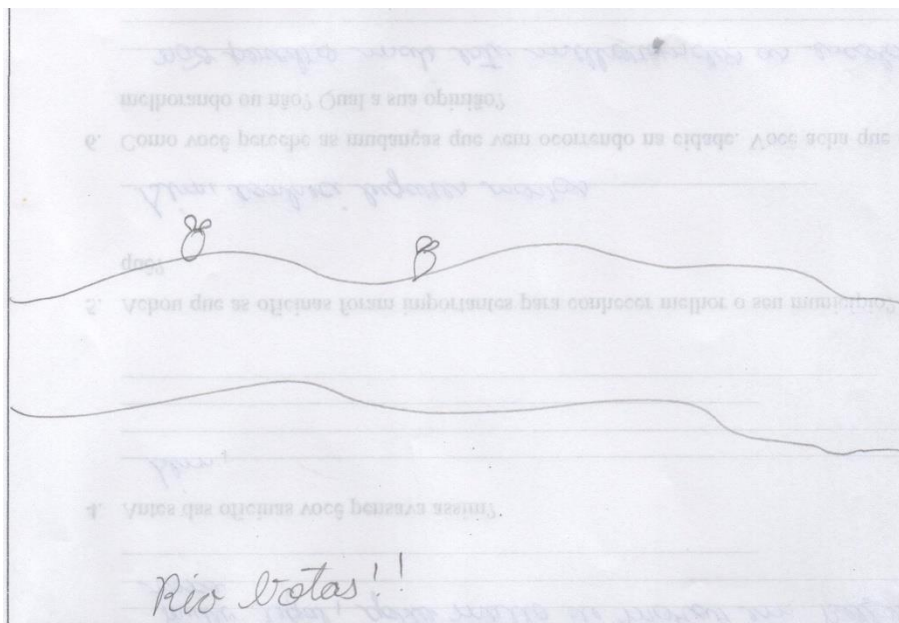
Desenho feito pelo estudante 1

**Figura 36**  
**Desenho representativo do município pelo Estudante 3**



Desenho feito pelo estudante 3

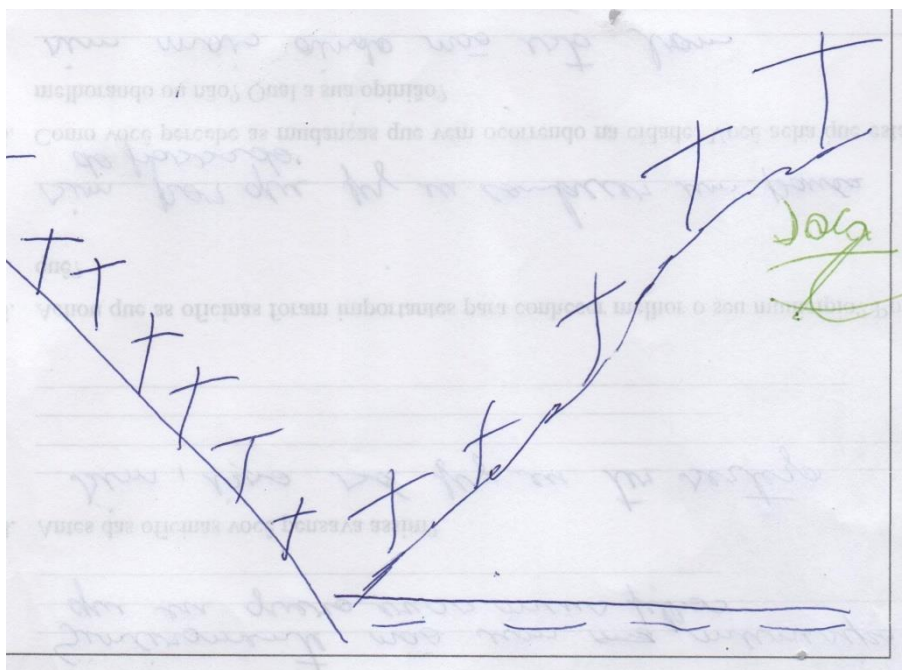
**Figura 37**  
**Desenho representativo do município pelo Estudante 7**



Desenho feito pelo estudante 7

Chama atenção a resposta do estudante 9, que desenhou um cemitério e justificou dizendo que era o lugar onde estavam as únicas pessoas que fizeram algo por Belford Roxo, e na imagem tem a escrita do nome 'Joca', que foi o primeiro prefeito da cidade.

**Figura 38**  
**Desenho representativo do município pelo Estudante 9**



Desenho feito pelo estudante 9

### 3.4.5 Análise das oficinas

Observou-se inicialmente, com a aplicação do primeiro questionário, que os estudantes demonstravam certo medo e desprezo pelo município. Percebeu-se nitidamente na fala de alguns estudantes a falta de identidade com o município. Nesse momento, foi possível perceber que a violência foi o principal fator que levou os mesmos a tal sentimento. O aumento de mortes, tiroteios, assaltos e roubo a carros cresceu assustadoramente no ano de 2018<sup>9</sup>, e, talvez por estarem dominados pelo sentimento de medo, os estudantes relataram e desenharam imagens alusivas à violência na cidade. No entanto, também foi possível perceber questões relacionadas às diversas ausências que ocorrem na localidade, como precariedade na saúde, poluição e escassez de áreas de lazer. Por esse motivo, a investigação gira em torno de entender o grau de pertencimento e afetividade que esse estudante e morador de Belford Roxo possui com a cidade.

Apesar da instituição de ensino ser privada, ela atende uma população de classe média baixa. Essa população, em sua maioria, depende dos serviços básicos de saúde e outros aparatos do setor público.

Nesse momento, também se buscou ter a noção da realidade imediata dos estudantes, dos espaços que gostam ou não gostam de frequentar. Percebeu-se que os estudantes têm um vínculo grande com os bairros que fazem limite com o Jardim Xavantes. Alguns deles moram ou têm parentes que moram nesses bairros vizinhos. No entanto, existem estudantes que, pelo que disseram, não apresentam nenhum interesse pela localidade, mas esse desinteresse pode estar relacionado à falta da identidade e sentimento de pertencimento ao lugar.

No decorrer das oficinas, foi possível perceber certo desconhecimento dos estudantes sobre a história e também sobre diversos pontos da cidade, e, ao passo que a professora ia explorando o material visual com imagens antigas, trazendo uma retrospectiva do lugar, os estudantes ficavam surpresos. Da mesma forma, aconteceu na oficina sobre espaços de lazer, ao apresentar imagens dos diversos espaços que podem ser utilizados como espaços de lazer no município. Certamente, foi possível constatar que o município apresenta pouquíssimas áreas de lazer e espaços culturais aos quais a população possa ter acesso. O único espaço que possui um rico material arqueológico sobre as tradições indígenas do município, o Instituto de Arqueologia Brasileira, fica localizado em uma área dominada pelo tráfego, o que torna a visitação complexa.

Aparentemente, a inauguração da Praça de Heliópolis tem sido o escape da maioria dos estudantes, pois se percebeu que, após a sua inauguração, o discurso dos estudantes se modificou: muitos têm utilizado esse espaço para o lazer com sua família. O bairro do Heliópolis é um bairro vizinho ao bairro Jardim Xavantes, onde a maioria dos estudantes reside.

Em relação aos símbolos, percebeu-se que a maioria dos estudantes não possui um laço afetivo com os símbolos antigos, e, mesmo fazendo críticas, alegando que não haveria a necessidade de mudar os símbolos da cidade por motivo de prioridades financeiras, os mesmos acreditam que os novos símbolos são melhores que os antigos, pois passam uma imagem mais positiva do município.

É sabido a importância de o indivíduo conhecer a história da sua cidade, conhecer a sua própria cidade e a sua realidade para que a sua construção identitária tenha êxito. Percebe-se que, no primeiro momento, os estudantes não tinham uma relação positiva com a cidade, mas o desenvolvimento das oficinas foi de total importância para que esses estudantes pudessem se

---

<sup>9</sup> Dados expedidos pelo Instituto de Segurança Pública – ISP/RJ apontam que, em fevereiro de 2018, o número de roubo de carros foi de 266 registros, um aumento de 52% em relação ao mesmo período de 2017. Além dessa modalidade, o assalto ao pedestre, roubo de motocicletas e assalto aos coletivos também aumentaram consideravelmente na região. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6633026/>. Acesso em: 28 de abril de 2018.

autorreconhecer como moradores de Belford Roxo, e passassem a ter uma relação de identidade com a mesma.

Nesse momento, o professor de geografia pode possibilitar aos estudantes a oportunidade de discutir teoricamente o conceito de lugar, juntamente com a prática vivenciada, para transformar o conhecimento cotidiano em científico e, sobretudo, contribuindo para a formação de indivíduos conscientes de seu papel como cidadãos em sua interação com o meio urbano, proporcionando um desvelamento e talvez um fortalecimento dos laços afetivos do estudante com o seu local de moradia. Cavalcanti (2012, pág. 83) afirma que:

Reafirmar o direito à cidade é uma maneira de contraposição à organização dominante da sociedade atual, que quer se autodenominar “globalizada” ressaltando uma tendência de homogeneização de seus espaços. A defesa do direito à cidade para todos os seus habitantes parte do entendimento de que a produção de seu espaço é feita com a participação desses habitantes, obedecendo as suas particularidades e diferenças.

É importante nesse momento trazer o conceito de direito à cidade, no entanto, esclarece-se de antemão que o foco da pesquisa não é trabalhar com isso. Ainda assim, é relevante trazê-lo à tona, pois, na análise dos questionários, aparecem respostas com essa temática.

O direito à cidade é algo constitucional. Por direito assegurado por lei, todo indivíduo tem direito a usufruir de espaços públicos, direito à moradia, direito à educação, direito à saúde; para tanto, o indivíduo deve compreender o papel do poder público nessa garantia. Lefebvre (1991), citado por Cavalcanti (2012), explicita que a “cidade é um livro escrito que precisa ser decifrado por seus cidadãos”. Para isso, é imprescindível o papel da escola nesse processo.

Nessa temática, é necessária uma sondagem sobre as diferentes experiências que o cidadão/estudante tem sobre sua cidade. Cavalcanti (2012, p. 82) afirma que:

Para efetivar um trabalho escolar com o tema em questão, é importante entender como as diferentes experiências e os diversificados conhecimentos de jovens da/na cidade se “cruzam” ou se encontram com os conteúdos sistematizados e as experiências curriculares na aula de geografia e o que resulta desse encontro do ponto de vista da aprendizagem e do desenvolvimento intelectual, social e afetivo do aluno.

Este estudo aborda essas questões quando busca entender como o conceito de lugar auxilia na construção da identidade do estudante com o seu local de moradia. A disciplina geográfica tem o tema da cidade no seu currículo desde o primeiro segmento do Ensino Fundamental, perpassando pelas temáticas de bairro, rua e município até chegar a uma esfera mais abrangente, que é o estudo da urbanização no 6º ano de escolaridade. No entanto, a partir dessas temáticas, o fato de se trabalhar com a realidade mais aproximada do estudante tem tomado força no âmbito da geografia para que haja um desenvolvimento mais efetivo no que se refere ao conhecimento produzido pelo estudante a partir da sua cidade.

Como é possível perceber ao analisar as respostas dos estudantes, existem muitas ausências no que se refere à cultura, lazer, saúde, segurança e enormes problemas relativos à violência, no entanto, a maioria apresenta um sentimento de pertencimento, um afeto, uma identidade. E isso se tornou mais nítido a partir do momento em que os mesmos tiveram as oficinas, pois tiveram contato com a história, os espaços e os pontos desconhecidos ou despercebidos do município. É importante ressaltar que “a luta pelo direito à cidade, aos seus lugares e objetos, ao ambiente, é, assim, um exercício de cidadania.” (CAVALCANTI, 2012, p. 83).

Portanto, a disciplina geográfica tem essa possibilidade de trazer questões do cotidiano do estudante, desmitificando o senso comum e abrindo frentes de investigação para que esse

indivíduo possa ter ciência da sua realidade, e possa interferir na mesma dialogando com os conceitos estudados em sala de aula, transformando-os em conhecimentos científicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do espaço vivido se torna uma temática relevante ao passo que, ao desenvolver o conteúdo de lugar, a temática permeia as nuances da significação do que é ensinado nas aulas de geografia. Nessa pesquisa, optou-se por apoiar-se nos referenciais teóricos de autores relevantes no âmbito da educação e do ensino de geografia, para compreender e analisar a realidade dos estudantes de uma escola privada no município de Belford Roxo, referente aos estudos sobre lugar.

Belford Roxo é um município relativamente novo em termos de emancipação, mas que sempre sofreu com precariedade em sua infraestrutura e na disponibilidade de recursos básicos como saúde, educação, lazer, saneamento básico e segurança. Atualmente, o município de Belford Roxo tem passado por muitas transformações, transformações essas que buscam desconstruir um estereótipo de lugar pobre, violento e atrasado, para a construção de uma nova identidade. Para tanto, muitos símbolos que representam a cidade estão sendo ressignificados ou até removidos e reconstruídos. Contudo, a cidade vem passando por um momento delicado, onde a criminalidade tem aumentado significativamente, e acredita-se que esse fator tem influenciado a percepção dos alunos em relação ao lugar.

O aumento da violência e falta de segurança anteriormente citados nesse estudo provocam uma sensação de medo nos estudantes em relação ao lugar, causando, assim, uma imagem negativa, apesar das tentativas do governo em mudar o foco dos acontecimentos. Essas questões estão intrinsecamente ligadas ao direito à cidade, conceito usado neste estudo, haja vista que, com a violência exacerbada, o direito de ir e vir, frequentar os espaços, ou seja, participar ativamente da vida da cidade, é muitas vezes cerceado pelo medo de assaltos e balas perdidas. É triste constatar esses fatos nas falas dos estudantes durante as oficinas, ao relatarem acontecimentos que os mesmos presenciaram.

É sabido que a escola, *locus* de discussão desta pesquisa, possui extrema importância na discussão da identidade do lugar, e, a partir da pesquisa bibliográfica, foi possível perceber que os conceitos aqui apresentados vêm sendo sugeridos nos documentos oficiais, nos livros didáticos e currículos escolares. Deste modo, entende-se que os conceitos propostos devem estar presentes no âmbito escolar. E nessa direção é que se destringe de que forma o conceito de lugar auxilia na construção da identidade dos estudantes do Ensino Fundamental, tendo como estudo de caso a realidade dos estudantes do Centro Educacional Elion, escola situada no município estudado.

Os documentos curriculares analisados nessa pesquisa deram suporte para compreender que o lugar e a identidade são duas temáticas exigidas a se trabalhar no Ensino Fundamental, e, dessa forma, muito relevantes para o processo de formação do conhecimento dos estudantes. Os documentos ainda propõem que o lugar seja trabalhado de modo que contemple o espaço vivido do estudante e estimule a sua capacidade crítica de entender que o mesmo é quem produz e faz parte do espaço em que vive.

As aplicações das oficinas foram bastante satisfatórias, na medida em que os estudantes correspondiam de forma positiva ao desenvolvimento das mesmas. Percebeu-se um enorme desconhecimento por parte deles em relação à história do município. Também foi possível perceber que a relação dos estudantes com os símbolos da cidade não era tão estreita quanto se esperava no início das atividades. Apesar de conhecer os antigos símbolos e até mesmo apresentarem um gosto maior pelo hino antigo, os estudantes, em sua maioria, preferiram os novos símbolos pelo fato de os mesmos apresentarem uma visão mais positiva do lugar. As cores e imagens também foram itens que influenciaram os alunos na escolha do novo brasão.

Nota-se que as visões negativas que os estudantes apresentaram sobre o município no início das oficinas pedagógicas foram sendo desfeitas parcialmente, à medida que os mesmos

entraram em contato com a história e conhecimento de outras partes da cidade. A inauguração da Praça de Heliópolis também foi um marco para a mudança do olhar dos estudantes. Muitos deles não tinham uma referência de lazer, justamente pelo fato de existirem pouquíssimos espaços de entretenimento disponíveis.

Durante a terceira oficina, que trabalhou os espaços de lazer do município, ficou nítido que os estudantes desconhecem muitos espaços que também podem ser utilizados como espaço de distração. Nas imagens trazidas por eles, a maioria apresentou estabelecimentos comerciais de gênero alimentício, comunidade religiosa, além de imagens da Praça de Heliópolis. Para além dessas imagens, o trabalho com as imagens contidas no livro *Baixada Fluminense em Preto e Branco* aguçou ainda mais a curiosidade dos estudantes pelo até então desconhecido.

O trabalho com mapas e com imagens durante as três oficinas aplicadas promoveu um entrosamento dos estudantes com o espaço estudado, uma vez que, ao observarem os mapas, os mesmos conseguiram localizar os bairros por onde circulam, onde estão os pontos que mais gostam e até os que menos gostam. Foi curioso notar o quanto as atividades despertaram a curiosidade e até mesmo o senso de participação durante as atividades, muito diferente de aulas ditas ‘normais’, em que muitas das vezes os mesmos não demonstram interesse. Esse fato apenas reforça o que foi explicado diversas vezes nesse estudo: a importância de se trabalhar com a realidade do aluno.

Conclui-se que é relevante trabalhar com o lugar não só para cumprir o que o currículo propõe, mas também para auxiliar na construção da identidade do estudante com o seu espaço de vivência. É importante ressaltar que nem sempre é possível o professor destrinchar tão minuciosamente uma temática em suas aulas, dado o tempo disponível e a enorme planilha de conteúdos a cumprir, e isso sem dúvidas tem sido o maior desafio dos professores atualmente em sala de aula, visto a cobrança das coordenações pedagógicas pela aplicação de todo o conteúdo proposto para o ano letivo. No entanto, é possível que, com sua prática, o mesmo consiga contemplar minimamente os objetivos propostos.

O trabalho com esse estudo de caso nos reforça a dizer que o estudante desconhece o quanto a disciplina geográfica pode ser interessante e útil para o seu dia a dia, na medida em que a mesma trabalha questões do seu cotidiano que por vezes é ignorada como conhecimento científico. Os relatos e discussões ao longo das oficinas mostraram com clareza o quanto o uso das práticas socioespaciais como ponto de partida é importante para fazer com que as aulas de geografia sejam repletas de significância.

O professor, nesse caso, assume esse papel de fazer a ponte de ligação entre os conteúdos que os currículos e livros propõem e o conhecimento prévio do seu aluno, para que, por fim, o mesmo observe a importância e utilidade do que lhe é ensinado. E, melhor ainda, para que o aluno compreenda que em seu cotidiano, no seu modo de vida e no seu lugar também existe conhecimento.

Acredita-se que o presente trabalho tem relevância na área de geografia e contribui para os estudos sobre o município de Belford Roxo, onde as pesquisas são escassas, bem como para os estudos dos conceitos de lugar e identidade. Além disso, contribui para o avanço das pesquisas no âmbito da educação, sobretudo no ensino de geografia.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli. **Estudo de Caso, uma alternativa de pesquisa em educação**. São Paulo: PUC, 2009. p. 65-73. Disponível em: <http://web2.ufes.br/educacaodocampo/down/cdrom2/pdf/texto4.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. O que é um Estudo de Caso Qualitativo em Educação? **Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/753>. Acesso em: 16 out. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC; Consed; Undime, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2018.

Câmara Municipal de Belford Roxo. **Lei Orgânica do Município de Belford Roxo**, Belford Roxo, p. 1-63, 13 ago. 1993. Disponível em: <https://sogi8.sogi.com.br/Arquivo/Modulo113.MRID109/Registro12521/documento%201.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2018.

CARDOSO, Cristiane. **Do espaço concebido ao espaço vivido**: um estudo de caso sobre as representações espaciais e identidades na favela da Maré, RJ. 2006. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. 16. ed. Campinas: Editora Papirus, 2010.

\_\_\_\_\_. **O Ensino de Geografia na Escola**. Campinas: Editora Papirus, 2012.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 16, n. 2, p. 221-236, jan./jul. 2017. Disponível em: [http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/Pesquisa\\_Qualitativa\\_em\\_Ciencias\\_Sociais\\_e\\_Humanas\\_-\\_Evolucoes\\_e\\_Desafios\\_1\\_.pdf](http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/Pesquisa_Qualitativa_em_Ciencias_Sociais_e_Humanas_-_Evolucoes_e_Desafios_1_.pdf). Acesso em: 2 nov. 2018.

DEUS, A. M. de; CUNHA, D. do E. S. L.; MACIEL, E. M. Estudo de Caso na pesquisa qualitativa em Educação. *In: VI ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO: O PENSAMENTO PEDAGÓGICO NA CONTEMPORANEIDADE.*, 6., 2010, Teresina. **Anais [...]**. Teresina: UFPI, 2010. p. 1-12. Disponível em: [http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT\\_01\\_14.pdf](http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_14.pdf). Acesso em: 2 nov. 2017.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro Editora, 2001.

LEITE, Cristina Maria Costa. **O lugar e a construção da identidade**: os significados construídos por professores de Geografia do Ensino Fundamental. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

LÜDKE, Hermengarda. Discussão do trabalho de Robert e Stake: Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional. **Educação e Seleção**, São Paulo, v. 2, n. 7, p. 15-18, 2013. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/es/artigos/56.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2017.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, Alex Lamonica; ROCHA, André Santos da; SANTANA, Margarida Carvalho de; FILHO, Sidney Cardoso Santos. **Almanaque da Baixada**. Rio de Janeiro: APPH-CLIO, 2013.

MATAIN, Paula Carvalho. **A interlocução entre Ensino de Geografia e a Cartografia escolar**: construção de mapa como metodologia de ensino. 2014. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2014.

MEIRINHOS, Manuel; OSÓRIO, António. O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. **EDUSER: Revista de Educação**, Bragança, v. 2, p. 49-65, 2010.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **UNIOESTE – TRAVESSIAS**, Cascavel, v. 2, n. 3, p. 1-16, 2009.

PÁDUA, Letícia C. T. **A Geografia de Yi-Fu Tuan**: Essências e Persistências. 2013. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PEREIRA, Eufrásio. História de Belford Roxo. **Belford Roxo Por Eufrásio Pereira**, Belford Roxo, [S.n], 20. Disponível em: <https://sites.google.com/site/eufrasiopereira2010>. Acesso em: 15 nov. 2018.

ROCHA, André Santos. **Baixada Fluminense**: representações espaciais e disputas de legitimidades na composição territorial municipal. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SIMÕES, Manoel Ricardo. **Ambiente e sociedade na Baixada Fluminense**. Mesquita: Editora Entorno, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

\_\_\_\_\_. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

YOUNG, Michael. Para que serve as escolas? **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007.

\_\_\_\_\_. O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 48, p. 609-623, set./dez. 2011.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A



Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Instituto de Agronomia/Instituto Multidisciplinar  
Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO)  
Área de Concentração: Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia.

### **Instrumento de pesquisa para análise do espaço escolar.**

Escola: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

#### **I - Condições de Trabalho**

1. A escola possui (assinale com o número de profissionais existentes na escola):

- |   |  |                                      |
|---|--|--------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> coordenador pedagógico | <input type="checkbox"/> orientador pedagógico | <input type="checkbox"/> inspetor    |
| <input type="checkbox"/> merendeira             | <input type="checkbox"/> secretaria            | <input type="checkbox"/> diretor     |
| <input type="checkbox"/> faxineiros             | <input type="checkbox"/> porteiro              | <input type="checkbox"/> professores |
| <input type="checkbox"/> Outros. Quais? _____   |  |                                      |

2. Número de alunos que a escola atende por ano: \_\_\_\_\_

3. Número de salas de aula: \_\_\_\_\_

4. Banheiros: \_\_\_\_\_

5. A escola possui (assinale mais de uma alternativa se for o caso):

- educação infantil  
 ensino fundamental – primeiro segmento  
 ensino fundamental – segundo segmento  
 educação jovens e adultos  
 atividades extracurriculares. Caso tenha, qual? \_\_\_\_\_  
 outros

6. Quantos turnos a escola possui:  manhã  tarde  noite

7. Número de alunos por turno: ( ) manhã ( ) tarde ( ) noite

8. Instalações da escola para discentes:

a) Biblioteca ( )

b) Quadra aberta ( )

c) Quadra coberta ( )

d) Laboratório de ciências ( )

e) Salas de informática ( )

f) Salas de aula ( )

g) Sala de professores ( )

h) Sala da direção ( )

i) Sala da coordenação pedagógica ( )

j) Sala de vídeo ( )

k) Cozinha ( )

l) Depósito ( )

m) Auditório ( )

n) Farmácia ( )

o) Banheiros ( )

p) Bebedouros ( )

q) Carteiras ( ) Qual modelo? \_\_\_\_\_

r) Mesa do professor: ( )

s) Quadro ( )

t) Armários ( )

u) Outros: \_\_\_\_\_

9. Condições de inclusão das crianças portadoras de necessidades especiais:

( ) insuficiente ( ) suficiente ( ) plenamente satisfatória ( ) excelente

Caso possua quais são elas: \_\_\_\_\_

10. Os equipamentos necessários às atividades desenvolvidas com os discentes são:

a. TV:

( ) Sim ( ) Não Quant. \_\_\_\_\_

b. Computador

( ) Sim ( ) Não Quant. \_\_\_\_\_

c. Aparelho de som:

( ) Sim ( ) Não Quant. \_\_\_\_\_

d. Máquina para fotocopiar:

( ) Sim ( ) Não Quant. \_\_\_\_\_

e. Datashow:

( ) Sim ( ) Não Quant. \_\_\_\_\_

**11.** Material didático disponível para uso do professor durante as aulas:

a. Material de educação física:

( ) insuficiente ( ) suficiente ( ) plenamente satisfatória ( ) excelente

b. Mapas:

( ) insuficiente ( ) suficiente ( ) plenamente satisfatória ( ) excelente

c. Livros da biblioteca atendem às necessidades dos discentes:

( ) insuficiente ( ) suficiente ( ) plenamente satisfatória ( ) excelente

d. Jogos matemáticos

( ) insuficiente ( ) suficiente ( ) plenamente satisfatória ( ) excelente

**12.** Os alunos têm acesso à internet na escola:

( ) Sim ( ) Não

**13.** Possui atividades extraclasse?

( ) Sim ( ) Não Quais? \_\_\_\_\_

**14.** A disciplina de Geografia possui quantos tempos de aulas semanais?

\_\_\_\_\_

**15.** Com relação ao projeto Político Pedagógico, fale um pouco dele.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**16.** Qual é o IDEB da escola? \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE B**

### **PLANO DE AULA**

#### **Oficina 1**

**Tema:** O conceito de lugar e o lugar onde eu moro

**Objetivo Geral:**

- Compreender o conceito de lugar e perceber a sua identidade em relação ao município de Belford Roxo.

**Objetivos Específicos:**

- Identificar o conceito de lugar;
- Descrever a sua percepção em relação a ser morador do município de Belford Roxo;
- Desenhar a imagem que lembra o município onde mora.

**Procedimentos:**

1º Momento: Será feita uma exposição oral sobre o conceito de lugar utilizando o livro de geografia. (30 min.)

2º Momento: Será entregue um questionário para identificar o perfil do aluno e a sua percepção inicial sobre o município onde mora. (30 min.)

**Recursos:**

Livro didático, questionário fotocopiado, lousa

**Avaliação:** A avaliação será feita mediante a participação dos alunos no preenchimento e entrega do questionário proposto.

## APÊNDICE C

### PLANO DE AULA

#### Oficina 2

**Tema:** Conhecendo o município de Belford Roxo e seus símbolos

**Objetivo Geral:**

- Identificar a história do município de Belford Roxo, bem como seus aspectos sociais e culturais e sua localização no Estado do Rio de Janeiro.

**Objetivos Específicos:**

- Localizar no mapa de Belford Roxo, seu bairro e áreas de interesse;
- Conhecer a história do município de Belford Roxo;
- Identificar a mudança da paisagem ao longo do tempo, a partir das imagens trazidas pela professora.
- Analisar os símbolos do município.

**Procedimentos:**

1º Momento: Será feita uma exposição oral sobre a história e características gerais do município, através de apresentação em PowerPoint. (25 min.)

2º Momento: Será entregue uma folha com cópia dos dois hinos do município e dos dois brasões e será pedido que os alunos leiam em silêncio e analisem individualmente cada símbolo. (5 min.)

3º Momento: Será feita uma análise coletiva dos símbolos do município utilizando a lousa. (30 min.)

**Recursos:** Folhas fotocopiadas, Datashow, notebook

**Avaliação:** A avaliação será feita mediante a participação dos alunos na atividade coletiva de análise dos símbolos do município.



## **APÊNDICE D**

### **PLANO DE AULA**

#### **Oficina 3**

**Tema:** Espaços de lazer no município de Belford Roxo

**Objetivo Geral:**

- Identificar os espaços de lazer do município de Belford Roxo.

**Objetivos Específicos:**

- Apresentar os espaços de lazer que os mesmos frequentam e conhecer os dos demais colegas;
- Elaborar um vídeo coletivamente a partir das imagens que serão pedidas previamente pela professora.

**Procedimentos:**

1º Momento: Serão apresentados alguns espaços de lazer no município de Belford Roxo, proposto pela professora. (10 min.)

2º Momento: Os alunos apresentarão os espaços de lazer que os mesmos conhecem e/ou frequentam e fazem parte do município. (30 min).

**Recursos:** Datashow, notebook, celular

**Avaliação:** A avaliação será feita mediante a participação dos alunos na atividade proposta.

## APÊNDICE E



Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Instituto de Agronomia/Instituto Multidisciplinar  
Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO)  
Área de Concentração: Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia.

### Questionário – Alunos

1. Nome: \_\_\_\_\_
2. Idade: \_\_\_\_\_
3. Você nasceu em Belford Roxo? Por qual motivo veio morar aqui? Como é ser morador de Belford Roxo?
4. Você gosta de morar aqui? Gostaria de morar em outra cidade? Por quê?
5. Que lugares de Belford Roxo você conhece?
6. Que lugares de Belford Roxo você mais gosta? Por quê?
7. Que lugares de Belford Roxo você menos gosta? Por quê?
8. Se houvesse um concurso que imagem você usaria para representar Belford Roxo?
9. Por que você usaria essa imagem?

## APÊNDICE F



Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Instituto de Agronomia/Instituto Multidisciplinar  
Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO)  
Área de Concentração: Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia.

### Roteiro para entrevista

1. Nome: \_\_\_\_\_
2. Idade: \_\_\_\_\_
3. O que você acha da cidade de Belford Roxo?
4. Antes das oficinas você pensava assim?
5. Achou que as oficinas foram importantes para conhecer melhor o seu município? Por quê?
6. Como você percebe as mudanças que vem ocorrendo na cidade. Você acha que está melhorando ou não? Qual a sua opinião?
7. Se houvesse um concurso que imagem você usaria para representar Belford Roxo?
8. Por que você usaria essa imagem?